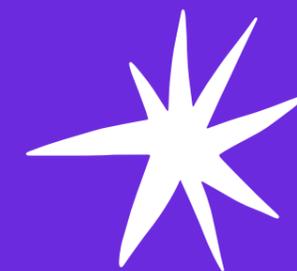


MULHERES VIAJANTES

estratégias arquitetônicas para

tornar os hostels mais seguros

para mulheres que viajam sozinhas





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro Tecnológico
Arquitetura e Urbanismo

MULHERES VIAJANTES

estratégias para tornar os hostels mais seguros
para as mulheres que viajam sozinhas

Trabalho de Conclusão de Curso

Tereza Peixoto Schulz Macedo

Orientadora: Maíra Longhinotti Felipe

Florianópolis, 2022



SUMÁRIO



01. APRESENTAÇÃO 01

02. AS DIFERENTES FORMAS
DE SE HOSPEDAR 04

03. A MULHER SEGURA 06
da casa ao mundo

04. ESTRATÉGIAS EXISTENTES
para a garantia da segurança
da mulher 09

05. ANÁLISE INVESTIGATIVA 11

06. ESTRATÉGIAS PROJETUAIS ... 13
como tornar o hostel mais seguro
para as mulheres viajantes

07. CONSIDERAÇÕES FINAIS 31

Uma mulher viajante

é uma mulher livre



01. APRESENTAÇÃO

1.1. MOTIVAÇÃO

No ano de 2017, aos 21 anos, saí pelo mundo sozinha pela primeira vez. Com uma mala gigante nas mãos e uma mochila nas costas, despedi-me de minha família e amigos e embarquei em um avião rumo ao velho continente em busca de alguns meses de aventura e novas experiências. Depois dessa vez a vontade nunca passou, e outras viagens seguiram, tornando-se sempre meu objetivo de longo prazo - viajar.

Viajar com a companhia de outros é muito bom, compartilham-se os momentos, as risadas, os custos financeiros da viagem e as dificuldades enfrentadas pelo caminho. Mas admito que viajar sozinha é tão bom quanto, ou talvez, até melhor!

Ter essa sensação de liberdade, de que aquele momento pertence apenas a você, e de que o mundo está à sua disposição. Ficar sem palavras ao conhecer os lugares do seu imaginário e poder tomar o tempo que desejar admirando-os. Ser totalmente responsável pelo seu itinerário, escolher aonde vai e quanto tempo vai ficar, sem precisar dar satisfação a ninguém. Ser totalmente responsável pelas boas e pelas más decisões tomadas pelo caminho.

Viajar sozinha te permite se abrir aos outros e ao mundo, e conhecer viajantes que, assim como você, buscam alguém para compartilhar experiências e risadas ao longo dessa jornada individual. Conexões breves, mas de grande intensidade, as quais são mais facilmente proporcionadas em espaços propícios para tal, meios de hospedagem que objetivam essa troca de experiências e de momentos compartilhados, como os hostels ou albergues da juventude.

Apesar das maravilhas atreladas às viagens solo, existem também momentos de dificuldade. Medos, desconfortos, momentos de solidão, sensações de perigo, vulnerabilidade e insegurança. Ser uma mulher viajando sozinha, especialmente hospedando-se em dormitórios compartilhados, acarreta em uma grande quantidade de questões a serem ponderadas e confesso que já passei por momentos não tão bons assim resultantes do fato de ser uma mulher não acompanhada viajando por aí.

Por conta de minhas experiências e inquietações acerca das questões relacionadas às viagens e aos hostels, assim como da crescente quantidade de mulheres que decidem explorar o mundo a sós ou acompanhadas por outras mulheres, procurarei neste trabalho investigar o lugar das mulheres no mundo das viagens e do turismo, focando no âmbito das acomodações do tipo hostel, e buscando soluções de como torná-las mais seguras, agradáveis e receptivas para as viajantes do sexo feminino.



1.2. INTRODUÇÃO: A MULHER VIAJANTE



A atividade turística, além de se caracterizar como uma atividade econômica de grande importância para o desenvolvimento das nações, consiste em uma forma de ampliar o leque de possibilidades de utilização dos espaços urbanos de uma cidade. O turista, como indivíduo não pertencente ao cotidiano daquele espaço, utiliza-o de maneira distinta, vivencia-o com um olhar curioso e observador.

Por meio da atividade turística, novas demandas são criadas e cidades são modificadas, alterando muitas vezes suas funções sociais, ambientais, econômicas e culturais. O turismo de massas pode resultar na degradação dos patrimônios naturais e culturais de um local, por outro lado, quando realizado de maneira responsável, a atividade turística pode impulsionar o desenvolvimento, a preservação e a manutenção dessas culturas e bens. Dessa forma, o turismo funciona como um catalisador de mudanças urbanas e sociais, e para além disso, reflete seus efeitos nos indivíduos que se propõem a explorar novos locais e culturas.

A viagem como uma experiência possui a capacidade de transformar o indivíduo. Através do contato com outros modos de vida e da superação dos desafios encontrados pelo caminho, o viajante questiona suas crenças, tradições e valores, amadurecendo através dessas experiências e emoções, as quais, estritamente pessoais e intransferíveis, moldam pouco a pouco o indivíduo. (CARVALHO; BAPTISTA; COSTA, 2015).

De acordo com Elsrin (2004), a superação das adversidades durante uma viagem funciona como um catalisador do nosso crescimento pessoal, da expansão das nossas capacidades. Conforme o autor, um viajante solo assemelha-se a um adolescente rebelde. Ao passo que um adolescente rebela-se contra seus pais a fim de expandir seus horizontes,

sua independência e suas responsabilidades, o ato “rebelde” de se colocar no mundo a sós proporciona ao indivíduo - independente de sua idade - a possibilidade de superação de adversidades por conta própria, descobrindo no processo uma imensa força e capacidade, a qual, na presença de seus familiares e amigos, nunca seria descoberta.

Ao passo que antigamente o ato de viajar estava estritamente ligado aos indivíduos do sexo masculino, que saíam a desbravar os mares em busca da conquista de novas terras ou em busca de uma educação formal no velho continente, pouco a pouco as mulheres vêm também tornando-se protagonistas dessa atividade. Durante os séculos passados, ou até mesmo 60 anos atrás, uma mulher viajando sozinha seria causa de grande escândalo e má-falácia, encontrando grandes barreiras sociais e pouco ou nenhum apoio de seus amigos e familiares. Porém, com os avanços sociais conquistados por meio da luta feminista ao longo do último século, hoje nós mulheres podemos viajar sozinhas sem a necessidade de enfrentar uma parte significativa das barreiras culturais previamente existentes.

Ano após ano a quantidade de mulheres viajando sozinhas ou em grupos compostos apenas por integrantes do sexo feminino vêm aumentando cada vez mais. De acordo com um levantamento realizado pela agência de turismo ViajaNet, as mulheres representaram, no período de agosto a outubro de 2021, 60,12% dos turistas, enquanto os homens representaram 39,88% (imagem 01). Outro levantamento, realizado pelo site de busca de passagens aéreas Voopter, aponta que as mulheres representaram 68,7% dos viajantes que buscaram passagens aéreas no primeiro semestre do mesmo ano.

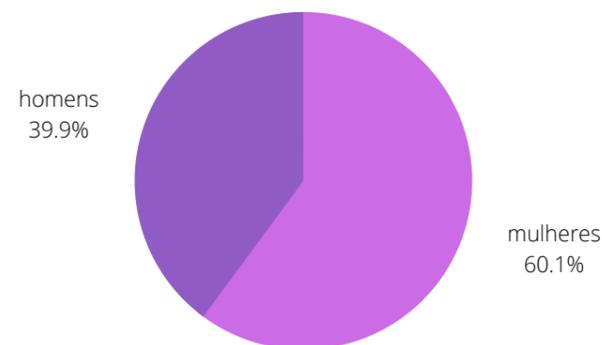


Imagem 01: porcentagem de turistas entre ago. e out. 2021
Fonte: Agência de Turismo Viajanet

Quanto aos viajantes solo, segundo uma pesquisa realizada pelo Ministério do Turismo no dia da mulher de 2017, 17,8% das mulheres brasileiras tinham intenção de viajar sozinhas, enquanto que apenas 11,8% dos homens expressavam essa vontade (imagem 02). Já em um espectro global, uma pesquisa realizada pela British Airways com 9000 pessoas de oito países diferentes, demonstra que mais de 50% das mulheres já haviam realizado viagens solo, ao passo que 75% planejava realizá-las nos próximos anos. Dentro dessas, a Alemanha liderava o ranking das mulheres viajantes, com um total de 63% das mulheres entre 18-65 anos já tendo viajado sozinhas para outros países, seguido pela Itália, com uma taxa de 60% (BRITISH AIRWAYS, 2018).

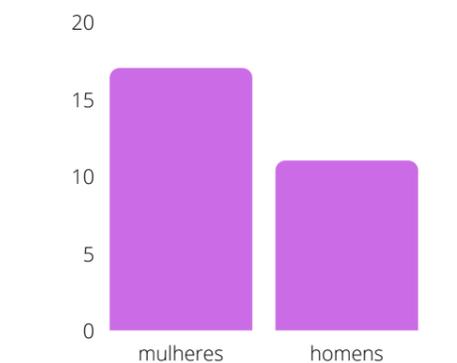


Imagem 02: Intenção de realizar uma viagem solo
Fonte: Ministério do Turismo - 2017

O forte aumento desse número ao longo das últimas décadas pode ser explicado através da crescente independência das mulheres após as lutas dos movimentos feministas surgidos no final dos anos 60. Como resultado, nas últimas décadas as mulheres adquiriram uma taxa mais elevada de acesso à educação, tornando-se cada vez mais independentes financeira e emocionalmente (CARVALHO; BAPTISTA; COSTA, 2015).

Além disso, o aumento do número de mulheres que optam por se manterem solteiras ou que tardam para estabelecer uma união estável e iniciar uma família, assim como a crescente taxa de divórcios, contribui para a alta quantidade de solo travelers. De acordo com dados do US Census Bureau, a idade média do primeiro casamento aumenta gradualmente desde a década de 70, tendo passado de 25 e 27 (mulheres e homens respectivamente) no ano 2000, para 28 e 30 em 2020. Ademais, diferentes estudos realizados pela Pew Research Center demonstram essa tendência. Uma pesquisa de 2014 projetou que um quarto desta nova geração talvez nunca venha a se casar, enquanto que um estudo de 2020 demonstra que apenas 16% dos homens e 17% das mulheres consideram o casamento essencial para ter uma vida plena. Assim, as prioridades e os valores das novas gerações de mulheres vêm se alterando, e muitas delas encaram o ato de viajar, em especial sozinhas, como uma das maneiras de obter essa vida plena.

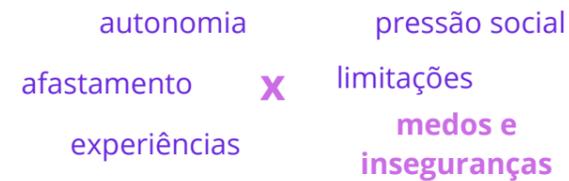
Os motivos que levam uma mulher a viajar sozinha são muitos e muito diversos. Partem desde a falta de disponibilidade de seus conhecidos para acompanhá-la - amigos, parceiros ou familiares que não possuem interesse ou condições financeiras de realizar a viagem. Falta de compatibilidade com o

estilo de viagem de seus conhecidos. Necessidade de se afastar da vida cotidiana e garantir um momento só seu, aproveitando sua própria companhia. Vontade de se desafiar e enfrentar desafios por si só, confirmando sua força e determinação. Desejo de vir a conhecer pessoas novas com uma mentalidade similar à sua. Ambição de conhecer novos lugares e vivenciar novas culturas.

De acordo com Gibson (2005) e Elsrud (2006 apud CARVALHO; BAPTISTA; COSTA, 2015, p. 64) alguns dos fatores que motivam as mulheres a viajarem sozinhas vêm do desejo pelo “autodesafio e a possibilidade de ganhar autonomia, independência, liberdade e empoderamento”. As viagens autônomas permitem à mulher se distanciar de suas responsabilidades cotidianas, de seus parceiros, familiares e amigos, e assim emergir em buscas individuais, repensando suas formas de existir no mundo.

Já, ao analisar os impactos que uma viagem solo pode causar na vida de uma mulher, Berdychevsky et al. (2013) e Wilson (2004 apud CARVALHO; BAPTISTA; COSTA, 2015, p. 64) afirmam que a autodescoberta experienciada ao longo de uma viagem pode resultar em efeitos além da experiência turística, expandindo-se para a vida cotidiana dessa mulher, em resultados como mudanças de emprego, rompimento de relações ou mudanças no estilo de vida.

Apesar de toda a liberdade conquistada pelas mulheres no decorrer das últimas décadas, assim como as vantagens que a viagem traz, tanto como experiência quanto como resultado, ainda existem muitas barreiras no ato de desbravar o mundo por conta própria. Assim como os fatores que motivam as mulheres a viajarem sozinhas são muitos, os motivos que as impedem de fazê-lo também são.



Transpassam desde questões pessoais, como inseguranças a respeito de sua autonomia ou vergonha do que os outros pensarão por estar desacompanhada ou “solitária” em uma viagem. Questões mais práticas, como a necessidade de planejar e bancar integralmente todos os gastos da viagem, desde a acomodação às contas do restaurante. Assim como fatores mais profundos e complexos, como o medo e a insegurança de estar sozinha em um ambiente desconhecido.

Dessa forma, mesmo com todos os avanços alcançados no âmbito dos direitos e da autonomia das mulheres ao longo das últimas décadas, é preciso reconhecer que ainda vivemos em uma sociedade patriarcal e machista, e que uma mulher sozinha - tanto no seu cotidiano quanto em viagens - está mais suscetível às diversas formas de violência do que homens e/ou grupos.

Segundo a resolução 48/104.1993 da ONU, a violência contra as mulheres pode ser definida como:

(...) qualquer ato de violência de gênero que resulte ou possa resultar em dano físico, sexual ou psicológico ou sofrimento para as mulheres, incluindo ameaças de tais atos, coerção ou privação arbitrária de liberdade, quer ocorra em público ou na vida privada.

Em um panorama mundial, a violência contra a mulher caracteriza-se como um dos maiores problemas a serem enfrentados no nosso século. De acordo com o Secretário Geral da Nações Unidas António Guterres, em 2020 uma em cada três mulheres foram

expostas a algum tipo de violência de gênero, e no ano de 2017, uma média de 137 mulheres morreram por dia em decorrência de conflitos familiares, sendo a violência doméstica contra a mulher uma das maiores causas de violação dos direitos humanos (AKHMEDSHINA, 2020). Assim, compreende-se a razoabilidade da preocupação com questões de segurança que emana das mulheres nos diferentes espaços ocupados, especialmente quando se encontram sozinhas em ambientes pouco familiares nos quais não compreendem ao todo as normas de comportamento vigentes.



1 em cada 3 mulheres vítimas de violência de gênero

Ainda, se a segurança é um fator chave que buscamos em todos os ambientes que ocupamos - quando andamos sozinhas pelas ruas, ao nos locomovermos nos transportes públicos ou em serviços ofertados por aplicativos de mobilidade urbana, em bares e em festas - o que dirá sobre o ambiente no qual escolhemos para descansar? Para passar nossos momentos de calma e para dormir - momento esse em que a vigilância contra ameaças torna-se nula e nos tornamos muito mais suscetíveis a qualquer tipo de violência?

Consequentemente, o local que nós mulheres escolhemos para nos hospedar em nossas viagens, especialmente quando sozinhas, passa a ser de extrema importância para a garantia de nossa segurança. Ademais, sentirmo-nos seguras e confortáveis nesse ambiente é extremamente necessário para possibilitar momentos de descanso pleno e restauração emocional e física.

1.3. OBJETIVOS

Frente a esses dados, o presente trabalho tem como objetivo geral a elaboração de estratégias projetuais - tanto em hostels existentes, como em estabelecimentos futuros - para serem utilizadas por profissionais da área de arquitetura e design para tornar esse tipo de hospedagem mais seguro para as mulheres que viajam sozinhas ou em grupos só de mulheres.

Para mais, possui como objetivos específicos investigar como se dá a percepção de segurança das mulheres, e quais aspectos influenciam essa percepção enquanto hospedadas em hostels. Buscarei compreender quais as estratégias já utilizadas nos diversos setores para garantir maior segurança para o cotidiano da mulher, e como o setor de hospedagens vêm atuando nesse sentido. Focalizando na tipologia de hospedagem dos Hostels, buscarei entender se existe uma demanda por parte das mulheres por alterações nas ofertas existentes nesse setor, como por exemplo uma oferta maior de hospedagens voltadas exclusivamente para o sexo feminino. Buscarei também entender se existe uma necessidade de alteração na conformação arquitetônica e nos aspectos estéticos dos hostels existentes a fim de tornar a segurança e a percepção de segurança maior para as mulheres ali hospedadas.

1.4. METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos, foram utilizadas duas principais abordagens, as quais deram origem à estrutura do presente trabalho. As diferentes etapas metodológicas foram realizadas em um processo gradual e somatório, auxiliando na compreensão do tema e na formulação de respostas às perguntas que foram surgindo.

A primeira etapa consistiu em uma revisão bibliográfica, realizada através de artigos, teses, reportagens, publicações e documentos oficiais do governo, a fim de compreender o papel da mulher na sociedade e no contexto das viagens autônomas, assim como a importância da percepção de segurança desse grupo nos espaços em que ocupa. Buscou-se também analisar estratégias utilizadas atualmente nos diferentes meios para promover maior segurança para as mulheres.

Foi então realizada uma abordagem investigativa, a qual foi dividida em duas grandes etapas. A primeira foi realizada por meio de um formulário online disponibilizado para as mulheres de diferentes partes do mundo, pelo qual se desejava compreender quais as preferências de hospedagem das mulheres que viajam sozinhas ou em grupos femininos, se há uma demanda por alterações na natureza das hospedagens oferecidas atualmente, assim como questioná-las a respeito dos aspectos espaciais que as fazem sentir seguras quando hospedadas em um hostel.

As respostas quantitativas foram analisadas através de gráficos e valores numéricos, ao passo que as respostas qualitativas foram lidas e exploradas de forma a reuni-las quanto às suas semelhanças de conteúdo, e assim captar as semelhanças entre as percepções das mulheres quanto aos assuntos abordados. Com base nas respostas quantitativas e qualitativas, foram elencadas possíveis

estratégias de como tornar o hostel mais seguro e agradável para as viajantes.

A segunda etapa investigativa consistiu em uma análise arquitetônica de diferentes hostels localizados na cidade de Florianópolis, paralelamente a análise de comentários deixados por mulheres a respeito do estabelecimento nas plataformas de reserva online, buscando compreender como os aspectos físicos de um espaço podem influenciar nas experiências e na sensação de segurança das mulheres quando hospedadas em hostels. Por meio dessa análise foram elencadas características espaciais que auxiliam e/ou atrapalham na promoção da sensação de segurança nesses espaços, definindo estratégias adicionais a serem adotadas nos hostels para satisfazer essa necessidade.

Por fim, foram somatizados os conhecimentos e resultados obtidos nas diferentes etapas do trabalho, resultando em um compilado de estratégias projetuais a serem adotadas por arquitetos e designers durante o processo de projeto ou reforma de hostels, visando aumentar a segurança e a percepção de segurança das mulheres em seus estabelecimentos.

02. AS DIFERENTES FORMAS DE SE HOSPEDAR

Apesar da violência contra a mulher ainda ser um grande problema a ser enfrentado dentro de nossa sociedade, como foi visto na introdução, o número de mulheres que decidem viajar sozinhas vem aumentando ano após ano. Assim, considerando a viagem como um período de tempo prolongado passado em um território distante de sua residência, escolher um local para se hospedar, ou seja, para passar suas noites, torna-se uma das mais importantes necessidades de uma viajante.

A hospedagem escolhida durante uma viagem representa não apenas o espaço arquitetônico selecionado pela viajante, mas também consiste em um reflexo das características individuais da usuária, de seus desejos e de suas formas de interação social. Cada viajante possui uma categoria de hospedagem ideal, que conecta-se com as expectativas criadas para o período de viagem, e que pode alterar-se de acordo com seu estado de ânimo e com o momento de vida em que se encontra.

Esses ambientes de hospedagem podem variar desde espaços mais calmos e privativos, como pousadas, hotéis e resorts, que possibilitem o descanso e a tranquilidade, até locais mais expostos e agitados, que incentivem interações sociais e descobertas entre os hóspedes, como no caso dos hostels.*

2.1. OS HOSTELS

O Hostel consiste em um meio de hospedagem que segue a mesma ideologia de hospitalidade presente nos demais meios de hospedagem, porém, que possui uma linha histórica e ideológica distinta, iniciada com os Albergues da Juventude - tradução do termo inglês *Youth Hostels* - no decorrer do século passado na Alemanha, e que permanece até hoje na essência de seus estabelecimentos, proprietários, funcionários e hóspedes.

São comumente caracterizados como um meio de hospedagem acessível e de baixo custo, bem localizado na malha urbana das cidades, com grande proximidade e fácil acesso dos pontos turísticos locais, ou então, em uma outra vertente, inseridos em espaços rurais afastados e em contato com a natureza. A troca de experiências e de culturas é um dos pontos fundamentais de sua filosofia, de forma que possuem ambientes propícios para a interação dos hóspedes e muitas vezes promovem atividades coordenadas no interior do estabelecimento, que visam reunir os hóspedes e incrementar as chances de interação entre eles.

* Para mais informações acerca do histórico das tipologias de hospedagem consulte as pgs. 16-19 do link ou QR Code: l1nq.com/TCC-01-terezapeixoto



2.1.1. HOSTEL E ARQUITETURA

A disciplina da arquitetura, responsável pela concepção dos espaços físicos construídos - nos quais todas as interações humanas ocorrem - representa grande influência nas maneiras nas quais as interações e as atividades serão realizadas na edificação. Os hostels, em sua essência, prezam pela partilha e pela interação entre seus hóspedes, funcionários e com a população local, de modo que seu espaço físico deve ser capaz de proporcionar essas experiências aos seus usuários, e facilitar as dinâmicas propostas para esse local, oferecendo espaços receptivos, compartilhados, e que funcionem como um facilitador à interação dos indivíduos, e nunca as dificulte.

Para tal, os hostels costumam possuir espaços compartilhados, desde os espaços comuns até os costumeiramente mais privativos. Contam com dormitórios compartilhados, nos quais o número de camas se altera, normalmente entre 4 e 12, podendo chegar a até mais de 20. A organização do espaço do dormitório normalmente é definida pelo tipo de cama utilizada, que pode variar entre camas de solteiro individuais, beliches simples, beliches com divisórias físicas entre cada cama, ou até mesmo camas no estilo cápsulas, entre outros.

Os sanitários costumam ser separados por sexo e sua posição varia muito a depender do estabelecimento. Podem encontrar-se de forma mais segregada, dentro dos quartos e

divididos apenas entre as pessoas que ali estão hospedadas, ou então, junto às partes comuns ou corredores do hostel e compartilhados entre todos os hóspedes do estabelecimento.

As áreas de estar e as cozinhas são compartilhadas entre todos os hóspedes do hostel, buscando em uma esfera mais ampla atingir o mesmo objetivo de sociabilidade entre os integrantes daquele local. As cozinhas contêm todos os equipamentos necessários para que os hóspedes preparem suas refeições e se alimentem no interior do hostel e as áreas de refeição muitas vezes apresentam amplas mesas, com diversos lugares, que incentivam o compartilhamento do mobiliário e conseqüentemente do momento de refeição, facilitando o início de uma interação entre pessoas desconhecidas.

As áreas de estar fazem uso de um mobiliário convidativo, que incita as pessoas a permanecer, como sofás, poltronas e puffs. Muitas vezes esses locais oferecem também jogos de tabuleiro, mesas de sinuca ou pebolim, instrumentos musicais e outros equipamentos que aumentam as possibilidades de interação entre os usuários. A recepção costumeiramente localiza-se no interior no hostel e permanece aberta 24 horas, permitindo a entrada e saída dos usuários sempre que desejado, além de garantir maior segurança para eles. Ademais, ambientes e serviços extras podem ser ofertados nas hospedagens desta categoria, como salas de jogos, salas de informática, lavanderia, terraços, jardins, e assim por diante.

A inserção do hostel em uma edificação de uso misto também apresenta-se bastante comum, em geral contando com serviços que enriquecem a experiência do usuário do albergue, como estabelecimentos alimentícios

bares ou casas noturnas. Quanto ao estilo arquitetônico, este tende a variar de estabelecimento para estabelecimento, corroborando com as sensações e com a atmosfera que o ambiente deseja criar. Varia também de acordo com sua localização, podendo ser um chalé de madeira rústico no meio da floresta no caso de um hostel rural, uma edificação restaurada no meio do um centro histórico de uma cidade, uma edificação com uma arquitetura futurista, como no caso dos hostels cápsula que vêm se espalhando pelo mundo, e assim por diante.

Sua estrutura, seus serviços e o estilo de sua arquitetura e design alteram-se também a depender do valor da hospedagem, podendo ser um hostel mais simples, que disponibiliza apenas os espaços e mobiliário necessários para seu funcionamento, ou então um hostel que preza mais pela oferta de diferentes ambientes, serviços, e qualidade arquitetônica do espaço em detrimento do baixo custo da estadia.

Como se percebe, a conformação arquitetônica de um hostel difere-se muito da de um hotel, de uma pousada ou de um resort. O funcionamento e a disposição de seus cômodos são projetados a fim de atender sua função e cumprir com o objetivo ao qual se propõe desde sua criação. Visa facilitar a interação interpessoal, fornecer uma casa fora de casa, um espaço de acolhimento e de partilha.

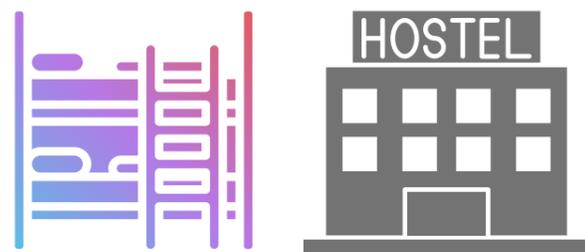
2.1.2. PERFIL DE USUÁRIO

Apesar de não haver uma limitação oficial estabelecida acerca do perfil de usuário dos hostels, sendo a maior parte desses estabelecimentos disponível e acessível à todos e todas, fatores como seu baixo custo e boa localização dentro da malha urbana, seu histórico de criação e desenvolvimento, assim como seu modo de funcionamento e sua filosofia, moldaram e permanecem moldando um perfil característico de visitantes.

Por possuir dormitórios, sanitários e áreas comuns compartilhadas, nas quais a privacidade é pouca e em muitos casos ocorrem confraternizações até tarde da noite, sua conformação e dinâmica acabam por desinteressar alguns grupos específicos de viajantes, os quais buscam por maior tranquilidade e privacidade, tais como famílias com crianças, casais, idosos e pessoas viajando à negócios. Dessa forma, assim como nos primeiros estabelecimentos criados no início do século XX, o público alvo atual dos hostels é representado majoritariamente por jovens viajantes independentes, os mochileiros/backpackers, bem como estudantes e intercambistas.

De acordo com Plog (1991), como citado em Bahls (2018, p.3) o mochileiro difere-se dos outros perfis de viajante por frequentemente viajar ao longo de todo o ano e não apenas nos períodos de alta temporada, bem como estabelecer-se nos destinos por um período mais prolongado de tempo. Possuem um perfil turístico curioso e aventureiro, que tende a visitar não somente as capitais e destinos turísticos mais conhecidos, mas também partes mais remotas e pouco conhecidas do território, buscando maior contato com a cultura e com a população local.

Decorrente desse caráter exploratório, de seu entusiasmo por conhecer novas culturas e modos de viver, assim como da alta frequência



* Para mais informações acerca do histórico e características dos hostels consulte as pgs. 19-28 do link ou QR Code: l1nq.com/TCC-01-terezapeixoto



de viagens internacionais realizadas por eles, os hóspedes dos hostels costumam apresentar diferentes etnias, classes sociais, interesses e vivências, fator que agrega em construir um ambiente rico e diversificado, no qual há uma alta sociabilidade, receptividade e partilha.

2.1.3. LEGISLAÇÕES

O conceito e as características dos hostels já são bem difundidos, especialmente em países europeus e da América do Norte, os quais possuem leis regulamentadoras que definem padrões de qualidade aos hostels, e em alguns casos possuem inclusive selos de qualidade, como na França (BAHLS, 2018). A Escócia e a Irlanda contam com guias específicos para a avaliação da qualidade e classificação dos hostels, os quais dispõem orientações acerca do funcionamento, limpeza, segurança e princípios a serem seguidos por essa categoria, assim como padrões de qualidade para cada um dos cômodos da hospedagem, definindo os requisitos mínimos, e classificando-os desde aceitáveis até excelentes.

No Brasil, porém, essa categoria de hospedagem ainda não conquistou a devida atenção pelo Ministério do Turismo. Considerada como um meio de hospedagem coletivo e não individual, os albergues e hostels não constam nem mesmo na nova matriz de classificação dos meios de hospedagem, que se divide apenas em 7 matrizes: Hotel, Resort, Cama & Café, Hotel Fazenda, Hotel Histórico, Pousada e Flat/Apart-Hotel.

Mesmo frente a isso, o Decreto Estadual nº. 24.980/85, que dispõe das normas da

Vigilância Sanitária do estado de Santa Catarina, define nos Art. 21, 22, 23, alguns parâmetros a serem seguidos nas habitações coletivas, as quais incluem hotéis e albergues. Dentre esses, contam definições acerca da ventilação e iluminação natural, metragem quadrada mínima por leito e quantidade mínima de equipamentos sanitários por número de hóspedes.

Ademais, a Lei Complementar n. 660 de 2019, altera e complementa o antigo Código de Obras de Florianópolis, Lei Complementar n. 60, de 2000 - substituído pela Lei Complementar nº 707, a qual não consta especificações a respeito dos hostels - adicionando algumas especificações técnicas a serem seguidas por essa categoria de hospedagem.

Apesar da existência deste decreto e lei, o fato dessa categoria não possuir normas claras quanto aos padrões construtivos e regras de funcionamento, dificulta a concepção de projeto de estabelecimentos dessa categoria, assim como a fiscalização e padronização da qualidade ofertada por eles, resultando em hostels com padrões construtivos e funcionamento com qualidades muito distintas entre si.

03. A MULHER SEGURA: DA CASA AO MUNDO

3.1. A PERCEPÇÃO DE SEGURANÇA

A viagem, assim como todos os aspectos da vida cotidiana, está sujeita aos padrões culturais e sociais do local em que se desenvolve, aos seus modos de vida e aos comportamentos dos integrantes daquele contexto, assim como aos padrões de percepção característicos do indivíduo viajante, que está percebendo e apreendendo aquele espaço.

A percepção ambiental, pode ser caracterizada como um mecanismo pelo qual o indivíduo experiencia e apreende um conjunto de dados ambientais e os dota de sentido, absorvendo e organizando internamente estas informações a fim de interpretá-las. Se dá não apenas em relação ao ambiente físico e objetivo, mas sim a todo um conjunto de fatores subjetivos que transpassam as esferas culturais, sociais e econômicas vinculadas àquele espaço. Ademais, a percepção ambiental é influenciada pela individualidade e pelas vivências de cada pessoa, de modo que um mesmo espaço é percebido e assimilado de maneiras distintas por cada um (KUHNNEN, 2011).

A cultura - fator de influência no processo de percepção - representa não apenas os diferentes modos de organização de uma sociedade, mas sim todos os aspectos sociais consequentes disso, como os comportamentos, as crenças comuns e também, os medos. De acordo com a Conferência Mundial da UNESCO sobre patrimônio cultural, realizada no México em 1982:

"Em seu sentido mais amplo, a cultura pode, hoje, ser considerada como o conjunto de traços distintivos, espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou grupo social. Ela engloba, além das artes e das letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças."

conferência da Unesco - 1982

nossa bagagem cultural e emocional

Como consequência, as diferenças culturais afetam o modo como o indivíduo se porta diante das distintas situações e a interpretação que tem acerca dos espaços por ele ocupados (REIS, 2016), de modo que sociedades patriarcais refletem seus efeitos não apenas nas estruturas e nos papéis sociais de cada gênero, mas também nas percepções que cada um tem dos detalhes e das experiências da vida cotidiana. Assim, sabemos que não são apenas os fatores concretos que influenciam os comportamentos humanos, mas também parâmetros subjetivos que estão impregnados nos indivíduos de um local, cultura e contexto específico. Não é apenas o número de casos notificados de violência contra a mulher por exemplo que faz com que uma mulher tenha medo de ser uma das tantas vítimas, mas sim, toda uma estruturação social que a define como um indivíduo mais vulnerável e suscetível às diferentes formas de violência.

É um medo que deriva dos discursos e histórias escutados ao longo da vida, das crenças passadas de geração em geração, das vivências de assédio experienciadas pelas diversas mulheres - juntamente, claro, com os fatores quantitativos de violência local - que resultam nas sensações de medo e insegurança sentidas por tantas mulheres. São sensações construídas socialmente ao longo de séculos para manter a mulher "segura" e/ou em "seu devido lugar".

3.2. A PRIVACIDADE E O ESPAÇO PESSOAL

Além de aspectos culturais, aspectos como medo, risco e vulnerabilidade - conceitos distintos, mas que costumam andar sempre juntos - também influenciam nossa percepção de segurança, e podem ser definidos como:

MEDO

sentimento derivado da percepção de uma ameaça, que pode lhe causar danos à sua segurança física (ELLIN, 2003 *apud* REIS, 2016, p.38)

RISCO

probabilidade de consequências prejudiciais da relação de perigos (naturais ou decorrentes da ação humana) com a condição de vulnerabilidade do indivíduo (MORAES; TRENTIN, 2015, p. 78; *apud* REIS, 2016, p. 40)

VULNERABILIDADE

potencial que um indivíduo ou uma comunidade tem de se tornar suscetível ao perigo. Definida como: "a incapacidade de lidar, resistir, antecipar ou se recuperar de um perigo" (EGJDAMI; SINGH, 2014 *apud* REIS, 2016)

Essa vulnerabilidade pode ser decorrente de diversos fatores, dentre os quais destacam-se a vulnerabilidade social, física, econômica e ambiental. Já os grupos que se destacam como os mais vulneráveis dentro da sociedade ocidental são os pobres, trabalhadores informais e socialmente excluídos, seguidos de grupos sociais tais quais: mulheres, migrantes, portadores de deficiência física, minorias, crianças e jovens (REIS, 2016).

Com base nesses conceitos percebe-se que o risco, ou então o risco percebido pelo indivíduo, fundamenta as sensações de medo e de insegurança, pois as chances de algo ruim ocorrer são maiores quanto maior o risco potencial daquele local. Ademais, de acordo com Moser (2018) diversas pesquisas apontam que o medo e a sensação de insegurança não tem necessariamente uma relação direta com os riscos reais e com a criminalidade presentes no local, mas sim com a sensação de vulnerabilidade do indivíduo quando exposto àquele local ou situação. Indica que pessoas que foram vítimas de criminalidade tendem a perceber o local como mais inseguro, especialmente se sentem que o fato foi consequência de fatores externos, tais como falta de segurança policial no local. (MOSER, 2018)

Com base nisso, sendo a mulher considerada mais vulnerável apenas pelo fato de ser mulher, e consequentemente mais suscetíveis a esses riscos, justifica-se que as sensações de insegurança e medo sejam mais frequentemente sentidas por esse gênero, mesmo quando se tratando do mesmo território vivenciado por homens.

Ainda de acordo com Moser (2018), com base em sua pesquisa realizada em 1992, fatores ambientais influenciam na sensação de segurança sentida pelos usuários, de modo que ambientes livres, claros, animados e familiares tendem a resultar em uma sensação de segurança maior quando comparados com ambientes delimitados, escuros, barulhentos e desertos. Destaca ainda que a sensação de familiaridade com o território reduz de forma significativa a sensação de insegurança, pois faz com que o indivíduo se sinta no controle daquele espaço e consequentemente menos vulnerável. Esse último dado corrobora com o aumento da sensação de insegurança sentida pelas viajantes, uma vez que, ao saírem de suas zonas de conforto e submeterem-se a territórios desconhecidos, sujeitam-se à falta de familiaridade com o local e a vulnerabilidade que isso acarreta.

Outros conceitos importantes para a compreensão da experiência e da percepção de segurança da mulher nos diferentes espaços que ocupa - em especial nas viagens e nos ambientes compartilhados dos hostels - são a privacidade e o espaço pessoal, aspectos que, quando não atendidos da forma desejada pela viajante, causam sensações de desconforto e inadequação, influenciando a percepção do indivíduo sobre os espaços e sobre as situações.

A privacidade se caracteriza, dentro do campo da psicologia ambiental, pela oportunidade que a pessoa possui de eleger o grau de contato que deseja ter com os outros indivíduos, tanto na forma física quanto informacional. Conforme Westin (1967, 2003, *apud* CAVALCANTE; PINHEIRO, 2018, p. 199), tem como principais funções a garantia da autonomia pessoal, o restabelecimento emocional, a autoavaliação, e a proteção e/ou controle da comunicação, e pode variar de acordo com a situação e com o momento de vida do indivíduo, atingindo diferentes graus de intensidade, que variam desde a solidão até a intimidade.

De acordo com Cavalcante e Pinheiro (2018, p.197), "...a privacidade é um conjunto de ações que possibilitam o controle seletivo do acesso de outras pessoas ao self.", sendo o self definido não apenas como a pessoa física em si, mas sim todo o conjunto de elementos considerados próprios à ela, como o ambiente que ocupa, seu espaço pessoal, seus pensamentos e opiniões, sua disponibilidade de contato (tanto físico como virtual), etc.

O espaço pessoal - parte desse conjunto do nosso self - é definido, por sua vez, como uma "zona emocionalmente carregada em torno de cada pessoa, às vezes descrita como uma bolha de sabão ou aura, e que ajuda a regular o espaçamento entre os indivíduos"

(SOMMER, 1973, *apud* PINHEIRO; ELALI, 2011, p. 149). É por meio dessa fronteira imaginária que criamos ao nosso redor que regulamos o nível de exposição aos estímulos sociais e físicos que desejamos, conservando assim nossa privacidade e intimidade (MOSER, 1998).

O espaço pessoal é um conceito flexível e, assim como a percepção ambiental, está sujeito a distintos fatores individuais e socioculturais. Altera-se de tamanho e forma de pessoa para pessoa, à depender do seu sexo, etnia, personalidade, condição econômica, crenças, padrões culturais, etc. Porém, não é moldado apenas pelos fatores acima, de modo que uma mesma pessoa, a depender de sua idade, de seu humor, ou de fatores situacionais, como o ambiente que está ocupando e as pessoas que estão ao seu redor, moldam também seu espaço pessoal, regulando o contato que deseja ter com os elementos externos à si, permitindo diferentes níveis de proximidade de acordo com a intimidade pré estabelecida com a outra pessoa ou com o ambiente com o qual se interage.

Esses diferentes graus de distanciamento são organizados por Edward Hall (1977 *apud* PINHEIRO; ELALI, 2011, p. 150) em quatro diferentes categorias, cada qual exigindo uma distância diferente entre os envolvidos. Com pessoas com as quais se tem um maior grau de proximidade, como familiares, amigos e parceiros, assume-se uma distância íntima, de até 50 cm, na qual a possibilidade de contato físico é alta. A distância pessoal, se dá quando os indivíduos estão afastados entre 50 e 150 cm e é normalmente utilizada para tratar assuntos pessoais com conhecidos, distância na qual há o contato visual e existe a possibilidade, mas não a necessidade, do contato físico. Já com desconhecidos ou i

indivíduos com quem se tem pouca intimidade se utiliza uma distância social, definida entre 150 e 350 cm, na qual o contato visual já não é mais tão intenso, e muitas vezes é evitado; a última categoria refere-se a distância social, superior a 350 cm, estabelecida com pessoas com as quais não se possui nenhuma intimidade e onde o contato visual não é nítido (HALL, 2005 apud TOLEDO, 2017, p. 29) (imagem 03).

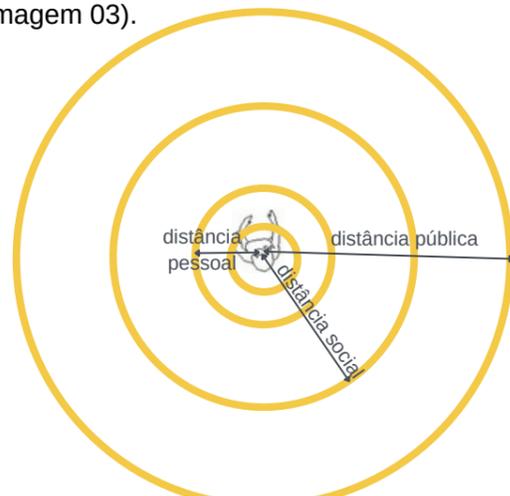


Imagem 03: Distância íntima - pessoal - social e pública
Fonte: autoral

Dessa forma, o espaço pessoal é, então, essa bolha invisível que nos circunda e nos acompanha por toda vida, e que nos auxilia a manter o grau de privacidade que desejamos ter para nos manter confortáveis nas mais distintas situações. Assim, o espaço pessoal da mulher enquanto hospedada em um hostel pode variar de acordo com todos os parâmetros citados, como por exemplo o nível de intimidade que possui com o ambiente e com os outros hóspedes, com seu humor, ou com sua percepção de segurança acerca do local, o grau de privacidade desejado, etc. Apesar dessa flexibilidade, considerando-se o hostel como um local no qual não há uma grande intimidade entre os usuários, ao longo deste trabalho se assumirá a conservação do espaço pessoal, ou seja, uma distância de 150 cm entre os indivíduos, como o espaço ideal para a manutenção da percepção de privacidade e segurança da mulher viajante.

O controle dessa privacidade, ou seja, do acesso ao self e ao espaço pessoal, pode ser exercido através de diversos mecanismos, verbais, não-verbais, socioculturais e/ou

ambientais. Controles verbais podem ser expressos através de um pedido direto de privacidade, expondo a necessidade de ficar sozinho ou de não ser contactado por outros, os quais muitas vezes podem ser mal interpretados pelos outros indivíduos, especialmente quando possuem pouca intimidade entre si. Mecanismos não-verbais são expressos por meio de movimentos corporais, como a falta de contato visual ou utilização de fones de ouvido. Já os mecanismos sócio-culturais de controle de privacidade dizem respeito a normas culturais específicas de um grupo de indivíduos, como os horários socialmente permitidos para realizar ligações, enviar mensagens, ou horários de silêncio no interior dos dormitórios dos hostels. Já ao retirar-se para um ambiente privativo ou então fechar as cortinas da casa ou as janelas do carro ao mundo exterior, o indivíduo utiliza meios ambientais para controlar seu grau de privacidade, de modo que a arquitetura e o design de interiores possuem um papel importante no processo do controle da privacidade e preservação do espaço pessoal.

Através desses mecanismos, buscamos sempre encontrar um equilíbrio entre a privacidade que desejamos e a que possuímos, havendo desconforto caso este equilíbrio não seja atingido. Quando se tem menos privacidade do que a desejada, o indivíduo sente-se aglomerado, e de forma oposta, quando a privacidade atinge um grau mais elevado do que o desejado, o indivíduo sente-se isolado. Ambos os sentimentos não dependem unicamente da quantidade de pessoas presentes ao seu redor, mas sim de um descompasso entre o que se deseja e o que se obtém, podendo assim uma pessoa sentir-se isolada mesmo estando rodeada de pessoas ou então aglomerada quando encontra-se sozinha, porém contactada constantemente por meio virtual.

Com base nisso, como é possível, no interior dos hostels - ambientes caracterizados por incentivarem e proporcionar a interação e troca entre seus hóspedes - proporcionar esse controle da privacidade e do espaço pessoal da mulher viajante?

3.3. CONTROLE AMBIENTAL



O ambiente, lugar onde todas as interações e experiências humanas ocorrem, não deve ser projetado apenas para cumprir suas atribuições funcionais, mas sim ser também capaz de satisfazer as necessidades psicológicas de seus usuários e garantir seu bem-estar. De acordo com Ulrich (1991, p. 03), existem estudos que demonstram que ambientes inadequados, muito barulhentos, iluminados, apertados, movimentados ou que não permitem um controle da privacidade do indivíduo contribuem para o aumento dos níveis de stress, que por sua vez leva a episódios de desconforto, ansiedade, insônia, retraimento social e explosões comportamentais.

Em vista disso, estratégias de design que permitam um controle ambiental por parte dos usuários contribuem para a promoção do seu bem-estar e redução dos potenciais níveis de stress. Segundo Evans e McCoy (1998), o controle ambiental pode ser definido como o domínio ou a habilidade de alterar os aspectos do ambiente ou regular a sua exposição a eles. Assim, estratégias que permitam o controle da iluminação, da temperatura, do nível de ruídos externos, da vista da janela ou dos estímulos visuais contribuem para o aumento da sensação de controle e domínio que o usuário possui sobre o espaço, reduzindo os efeitos negativos deste sobre o indivíduo e aumentando sua satisfação e conforto.

Como visto anteriormente, o controle da privacidade pode ser feito através de diferentes mecanismos - verbais, não-verbais, sócio-culturais ou ambientais - moderando o acesso dos outros ao self. Quando tratando-se da promoção da privacidade por meio dos ambientes construídos, a hierarquia espacial se destaca como um dos aspectos mais importantes. Ela diz respeito a capacidade de um ambiente promover diferentes graus de interação social dentro de um mesmo espaço. Para tal, este deve ter espaços que variam desde locais de solitude e intimidade, locais para interação de pequenos grupos, até espaços para o encontro de grandes grupos.

O tamanho, a localização e grau de estímulo relacionado a esses espaços influenciam essa hierarquia espacial e a definição dos níveis de privacidade de cada um deles (EVANS; MCCOY, 1998, p. 89).

Aspectos arquitetônicos como a profundidade do cômodo, a presença de ambientes de circulação e portas ou corredores de acesso também influenciam na percepção dos diferentes graus de privacidade, sendo ambientes localizados mais afastados dos acessos e passagens considerados mais privativos, reduzindo as possibilidades de interações sociais, enquanto que ambientes localizados próximos as passagens e que consistem em pontos focais para os usuários se caracterizam como bons espaços para o encontro de pequenos grupos, especialmente quando dispõem de mobiliários adequados (EVANS; MCCOY, 1998, p. 89).

Além da hierarquia e das configurações espaciais do ambiente, os diferentes graus de privacidade podem ser obtidos através do controle ambiental. Esse pode ser obtido por meio da flexibilidade do mobiliário, por meio de elementos semifixos e pela disponibilização de divisórias móveis. Todos esses elementos se caracterizam por poderem ser controlados pelo usuário, dando a ele o poder de alterá-los de acordo com seus desejos e necessidades, modificando o ambiente em que está inserido e contribuindo para sua satisfação, bem estar e sensação de pertencimento àquele espaço (EVANS; MCCOY, 1998, p. 90).

Quando tratando-se da segurança da mulher, especialmente quando sozinha e em espaços pouco familiares, como no contexto das viagens ou então nos espaços compartilhados dos hostels, a alternativa de regulação da privacidade é de extrema importância, possibilitando que a mulher seja capaz de escolher os níveis de interação social que deseja ter e comunicar de forma não verbal se está disponível para ser abordada por outros hóspedes ou se deseja permanecer sozinha no interior desse espaço compartilhado. As diferentes estratégias de controle ambiental acima citadas funcionam de forma efetiva para a garantia da privacidade da viajante, e serão abordadas mais a fundo no decorrer do trabalho.



04. ESTRATÉGIAS EXISTENTES PARA A GARANTIA DA SEGURANÇA DA MULHER



4.1. A MULHER SEGURA NO DIA A DIA

Diante dos importantes dados acerca do assédio e violência contra a mulher, assim como da disparidade quanto à sensação de segurança sentida entre homens e mulheres nos espaços que ocupam - tão intrínseca na nossa sociedade - distintas estratégias são desenvolvidas nas mais diversas áreas da vida para proporcionar maior segurança e tranquilidade para as mulheres, dentro e fora de casa.

A Lei Maria da Penha, Lei n. 11.340 e a Lei n. 10.224, de 15 de maio de 2001, visam, por meios legislativos, garantir maior segurança física, psicológica, sexual, patrimonial e moral à mulher, prevenindo a violência doméstica e o assédio sexual, respectivamente, punindo o agressor e amparando a vítima.

Campanhas publicitárias também são utilizadas para tentar gerar maior respeito por parte dos homens e maior segurança para as mulheres no meio urbano. As campanhas Não é Não!, e “Respeita as mina. É simples”, receberam grande destaque nos últimos anos, e tem como objetivo reduzir a violência e o assédio no período de carnaval. (SALVATERRA, 2019; LESSA, 2018).

Quando se fala de garantir segurança para a mulher, é importante também considerar a esfera da mobilidade urbana, uma vez que é na rua, transitando, que passamos grande parte da nossas vidas, seja em nossas cidades ou viajando. Apesar disso, quando falamos de segurança na mobilidade urbana, o relatório “Segurança das mulheres nos deslocamentos

pela cidade: as mulheres e seus trajetos” revela que apenas 16% dos brasileiros se sentem plenamente seguros em seus deslocamentos diários. Além disso, corrobora com os fatos acima citados acerca da vulnerabilidade, uma vez que pessoas negras, de baixa renda, portadoras de deficiências físicas, população LGBTQIA + e mulheres possuem uma maior percepção dos riscos de violência em seus deslocamentos, tendo 81% das mulheres relatado já ter passado por pelo menos uma situação de violência em seus deslocamentos. (INSTITUTO LOCOMOTIVA, 2021).

Frente a esses dados, diferentes estratégias foram adotadas ao longo dos últimos anos para tentar garantir maior segurança para as mulheres em seus deslocamentos urbanos. Um exemplo dessas estratégias foi a disponibilização de vagões femininos nos três e metrô do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, os quais são destinados exclusivamente às mulheres durante os horários de pico. Essa estratégia auxilia tanto na segurança direta, excluindo os homens do local e reduzindo assim as possibilidades de assédios verbais ou físicos, como também reduzem a sensação de insegurança dessas mulheres, possibilitando um deslocamento mais tranquilo. Apesar de ser uma solução viável e efetiva, especialmente a curto prazo, se discutem as problemáticas da necessidade de segregação das mulheres para a garantia de sua segurança, impossibilitando o seu livre movimento dentro da nossa sociedade e assumindo que ao compartilhar os mesmos espaços que os homens estão correndo riscos de assédio (LOPES, 2016).

4.2. A MULHER SEGURA MUNDO AFORA

A viagem, assim como todos os aspectos da vida cotidiana, está sujeita aos padrões culturais e sociais do local em que se desenvolve, aos seus modos de vida e aos comportamentos dos integrantes daquele contexto, assim como aos padrões de percepção característicos do indivíduo viajante, que está percebendo e apreendendo aquele espaço.

Quando se tratando do ato de viajar, todas as formas de violências, medos, inseguranças, riscos e vulnerabilidades mencionados acima, assim como as cargas culturais e sociais incorporadas nos indivíduos, aplicam-se da mesma maneira, reforçadas ainda pelo fato de a mulher ser considerada vulnerável em grande parte das culturas ocidentais, e conseqüentemente estar mais sujeita a riscos. Assim sendo, quando optamos por viajar sozinhas ou acompanhadas de outras mulheres, alguns fatores têm que ser levados em consideração, como por exemplo a cultura e os padrões de comportamento do local de destino, uma vez que alguns países são menos tolerantes com mulheres sozinhas ou tentem a objetificar seus corpos.

Mesmo frente a casos de violência e assassinato de viajantes, o número de mulheres que optam por superar as barreiras do medo e viajar sozinhas continua crescendo anualmente, e essas mulheres vêm se destacando dentro do setor turístico e hoteleiro como um novo público alvo, de forma que novas estratégias e serviços estão sendo

ofertados, visando promover maior segurança para essas viajantes.

Tratando-se dos momentos prévios, blogs de viagem e grupos de mulheres viajantes se empenham em transmitir informações e incentivar as mulheres a viajarem sozinhas, dando dicas dos destinos mais seguros para mulheres, locais para se hospedar e passeios ideais. Agências de viagem voltadas exclusivamente para o sexo feminino também estão disponíveis, realizando viagens em grupos só de mulheres. De forma institucional, ferramentas governamentais, como a cartilha “On her way”, produzida pelo governo canadense em 2013, disponibilizam informações acerca dos padrões culturais locais e recomendações de precauções que podem ser tomadas pelas mulheres que pretendem viajar sozinhas, possibilitando que essa viagem ocorra com maior segurança, confiança e liberdade (REIS, 2016, p.51).

No decorrer das viagens, organizações online, como a Girls Gone International, buscam facilitar a interação entre as mulheres, promovendo encontros e trocas de informações entre elas. O projeto CouchSurfing, ativo desde 2004, também atua promovendo o encontro de viajantes ao redor do mundo todo e facilitando a hospedagem por meio da oferta de sofás por parte dos usuários. Apesar de ser uma rede social aberta a todos os viajantes, existem formas de filtrar as interações, possibilitando que a usuária inicie conversas, realize encontros ou hospede-se na casa apenas de outras usuárias do sexo feminino.

Considerando-se então que existe uma grande gama de instrumentos utilizados para garantir e/ou aumentar a segurança - ou pelo menos a percepção de segurança - das mulheres que viajam sozinhas nos mais diversos espaços urbanos, buscarei analisar algumas estratégias utilizadas pela tipologia de hospedagem do hostel.



4.3. A MULHER SEGURA NOS HOSTELS: ESTRATÉGIAS EXISTENTES



Compartilhar o espaço com outro indivíduo pode ser maravilhoso, um canalizador de interações, trocas, conhecimento interpessoal e experiências conjuntas. Não poder recolher-se em um espaço privativo pode, entretanto, aumentar os níveis de stress e colocar o indivíduo em situações indesejadas e desagradáveis, das quais torna-se difícil se esquivar. Com isso em vista, diversos hostels ao redor do mundo vêm ao longo das últimas décadas aplicando medidas que visam garantir maior privacidade aos seus hóspedes, oferecendo assim maior comodidade e tranquilidade a eles e atraindo um público cada vez mais diverso.

Estratégias simples e aplicadas em escala reduzida visam oferecer maior privacidade mesmo em quartos compartilhados. Elementos que funcionam como barreiras físicas e/ou visuais entre os hóspedes, tais como cortinas que subdividem as camas e os espaços pessoais de cada um são muitas vezes utilizados. Essas barreiras, apesar de facilmente transpostas, funcionam em um nível psicológico, aumentando a sensação de privacidade do indivíduo e comunicando ao outro uma necessidade de se isolar e estabelecer limites.

Aumentando um pouco a escala de intervenção, muitos hostels oferecem a opção de quartos privativos, que podem variar desde quartos individuais, duplos ou com mais camas, dependendo a qual público deseja servir. Essa estratégia se apresenta como uma boa opção para jovens casais, pessoas em viagens de negócio, pequenos grupos de amigos ou mulheres que viajam sozinhas, possibilitando que os hóspedes usufruam dos espaços comuns do hostel e da interação ali estabelecida com os outros hóspedes e recolham-se em seus aposentos quando

desejarem, garantindo assim maior autonomia e privacidade.

Outra opção que vem se apresentando cada vez mais comum nessa categoria de hospedagem são os quartos voltados exclusivamente para mulheres. Funcionando como uma transição entre os quartos compartilhados tradicionais e os quartos privativos, os dormitórios femininos ainda possibilitam um convívio com pessoas desconhecidas nos espaços do dormitório, porém restringe essa interação apenas entre mulheres.

Como foi citado na parte introdutória deste trabalho, o descanso é um momento de alta vulnerabilidade do ser humano, no qual as defesas são reduzidas e nos apresentamos suscetíveis a qualquer ataque externo, de modo que saber que se está apenas entre mulheres pode aumentar de forma significativa a sensação de segurança das mulheres que se hospedam em hostels, reduzindo as chances de agressões, assédios ou importunações da parte dos homens. Para além da segurança física, os dormitórios femininos possibilitam às mulheres maior tranquilidade quanto a como se portar nestes espaços, sem a preocupação de estarem sendo “provocativas” ou “indecentes”, podendo descansar de forma tranquila, utilizar o pijama que desejar, e trocar de roupa dentro do quarto sem preocupações.

Alguns hostels, como o Hostel PLUS Prague, e o St. Christopher Inn - Oasis, optam também por oferecer áreas comuns exclusivamente femininas, ou então um pavimento inteiro voltado para o sexo feminino. O acesso restrito a esse pavimento, com a utilização de senha ou cartões-chave garante maior segurança física para as mulheres ali hospedadas. Apesar de consistir em uma boa estratégia e

garantir maior privacidade para as mulheres no interior destes hostels mistos, ao analisar os comentários deixados por elas nas plataformas de reserva, notou-se que há diversas reclamações quanto à ineficiência do controle de acesso a essas áreas.

Buscando sanar problemas como este, alguns hostels vem optando por uma solução muito menos comum - hostels exclusivamente femininos. Essa opção exclui de forma integral a presença e a interação com sexo masculino em toda a esfera do estabelecimento. Um hostel só de mulheres permite o contato e a interação entre mulheres fortes e independentes, aumentando a conexão criada entre elas e gerando um ambiente receptivo e acolhedor, no qual é possível baixar a guarda e usufruir do descanso de forma plena.

Através de uma busca realizada utilizando a plataforma Google e inserindo as palavras chave “hostel”, “exclusivamente”, “feminino”, “só para mulheres”, em português, inglês e espanhol, foram encontrados um total de apenas 25 hostels exclusivamente femininos ao redor do mundo, 10 localizam-se no continente Europeu, 1 na Oceania, 8 na Ásia, e 6 no Continente Americano. Compreende-se que os hostels encontrados representam apenas uma pequena amostragem dos hostels femininos existentes no mundo, os quais não aparecem na busca através da inserção destas palavras chaves, ou então pelos idiomas utilizados. Fica claro, porém, que o número de estabelecimentos dessa categoria é limitado em comparação aos inúmeros hostels mistos espalhados pelo mundo, assim como se encontram presentes em poucos destinos turísticos, limitando as cidades que mulheres que buscam por essa categoria de estabelecimento podem viajar.

Todos esses hostels exclusivamente femininos, independente de onde se localizam ou de quais serviços oferecem, justificam sua criação e seu desenvolvimento no crescente aumento do número de mulheres que viajam sozinhas, e conseqüentemente, de uma crescente demanda por espaços que supram as necessidades desse novo núcleo de viajantes. Defendem a independência, autonomia, e liberdade das mulheres, garantindo que, mesmo ainda inseridas em uma sociedade marcada pelo patriarcado e machismo, cada vez mais mulheres se sintam seguras e confortáveis para vivenciarem todas as experiências que desejam viver. Em suas descrições, destaca-se também a importância da criação de um ambiente de união e apoio entre as viajantes, uma forma de conectá-las e fortalecê-las enquanto mulheres livres e desbravadoras.

Essas iniciativas e estratégias, utilizadas para garantir maior segurança e comodidade para as mulheres durante suas viagens, são muito interessantes e vêm permitindo maior liberdade para diversas mulheres ao redor do mundo. Apesar disso, são estratégias que caracterizam-se por uma segregação física entre os gêneros, seja no mesmo espaço ou em espaços completamente distintos. Assim como os vagões de metrô exclusivos para mulheres citados anteriormente neste trabalho, os quartos, pavimentos ou hostels inteiros exclusivamente femininos não enfrentam a situação da desigualdade de gênero e da violência contra a mulher em sua raiz, apenas se esquivam do real problema excluindo a fonte de preocupação.

* Para mais informações acerca das estratégias utilizadas pelos diferentes setores para a garantia da segurança da mulher consulte as pgs. 10-16 e 24-34 do link ou QR Code: l1nq.com/TCC-01-terezapeixoto



4.4. ENCAMINHAMENTOS

Dessa forma, a parte seguinte deste trabalho visa investigar como a arquitetura poderia trazer soluções para esse problema sem segregar espacialmente homens e mulheres. Compreende-se porém que a questão da desigualdade de gênero é um problema estrutural de nossa sociedade, e apresenta-se de diferentes formas e intensidades nas mais diversas culturas e localidades, de forma que esse trabalho não se propõe a solucionar esse problema e muito menos menospreza e descarta as possibilidades acima citadas, as quais apresentam-se como excelentes alternativas para as mulheres viajantes, garantindo uma estadia mais tranquila e segura em suas viagens.

Entretanto, entende-se que diferentes mulheres possuem diferentes personalidades, vivências, preferências e inseguranças (ou a inexistência delas), e que cada mulher, em cada etapa de sua vida, procura um estilo de viagem distinto que reflita suas expectativas e vontades para aquele momento. Assim, nem sempre as mulheres desejam hospedar-se em hostel exclusivamente femininos, ou em quartos ou pavimentos segregados do sexo masculino, e sim desfrutar da experiência de um hostel misto em sua totalidade, compartilhando as áreas comuns e os dormitórios entre ambos os sexos, e mesmo assim sentindo-se confortáveis e seguras.

Em vista disso, a seguinte parte do trabalho se propõe a investigar como a arquitetura pode aumentar a percepção de segurança das mulheres hospedadas em hostels mistos e dormitórios mistos. Será possível, através de alterações na disposição dos ambientes, de suas características arquitetônicas e estéticas, tornar o hostel mais agradável e seguro para as mulheres que viajam sozinhas? Ou melhor, atenuar com a sensação de apreensão e insegurança que as mulheres sentem ao compartilhar determinados espaços com homens?

05. ANÁLISE INVESTIGATIVA



Como mencionado anteriormente, a análise investigativa foi realizada em duas distintas etapas: a aplicação de um questionário e a análise de hostels existentes. Ambas buscaram compreender quais aspectos do ambiente construído influenciam na percepção de segurança das mulheres enquanto hospedadas em hostels, a fim de, juntamente com a pesquisa teórica, auxiliar na formulação de diretrizes e estratégias projetuais a serem aplicadas em hostels mistos e quartos mistos para aumentar a segurança e a percepção de segurança dessas viajantes.

5.1. QUESTIONÁRIO

O questionário foi desenvolvido visando obter uma perspectiva das mulheres quanto às suas preferências por tipologia de hostel e então, considerando os hostels mistos e os dormitórios mistos, compreender suas preferências acerca da disposição espacial e conexões entre os cômodos no interior do hostel. Mais a fundo, buscou-se compreender se as características relacionadas ao design de interiores, como iluminação, posicionamento do mobiliário, espaços conformados, etc. influenciam suas percepções de segurança. Além disso, buscou-se captar qual a opinião delas acerca da segurança das mulheres no interior dos hostels, e se consideram que a arquitetura e o design possuem um papel importante na promoção da segurança nestes estabelecimentos.

O questionário foi dividido em três seções principais, adentrando pouco a pouco a questão da mulher, segurança e arquitetura. A primeira seção teve como objetivo compreender o perfil das mulheres participantes, sua faixa-etária, local de residência, se já realizou alguma viagem sozinha, se já realizou alguma viagem em um grupo conformado apenas por mulheres e se já se hospedou em um hostel. Para as

mulheres que nunca viajaram sozinhas, perguntou-se o motivo e lhes foram dadas opções, buscando compreender se a segurança é um fator determinante nessa decisão.

A segunda seção foi destinada exclusivamente para as mulheres que já se hospedaram em hostels e teve como intuito compreender a porcentagem delas que já se sentiu insegura ou desconfortável nesses espaços por conta da presença de homens no local, deixando um espaço para que fizessem seus relatos. Para as participantes que expuseram suas histórias, foi questionado se consideravam que alguma característica do ambiente pode ter influenciado essa experiência negativa, buscando que refletissem sobre o impacto da arquitetura na experiência do usuário, e buscando captar aspectos que são percebidos por elas como inseguros.

A terceira e última seção buscou correlacionar de forma mais direta a arquitetura e a percepção de segurança. Inicialmente perguntou-se quais os aspectos mais importantes ao se hospedar em um hostel e em seguida qual tipologia de hostel prefeririam se hospedar, entre um hostel misto, em quartos mistos, um hostel misto em

quartos femininos ou em um hostel exclusivamente feminino. Em seguida, considerando um hostel misto e quartos mistos, foram disponibilizadas duas perguntas buscando compreender qual a melhor localização dos banheiros e dos dormitórios no interior do hostel. Em ambas foram disponibilizados localização e relações específicas entre os ambientes e croquis para a compreensão dos espaços. As questões seguintes buscaram, por meio da disponibilização de imagens de referência, captar quais aspectos do interior do ambiente influenciam na percepção de segurança das participantes. Por último, foi disponibilizado um local onde as mulheres puderam relatar quais outros aspectos do ambiente achavam que influenciam na sua sensação de segurança quando hospedada em um hostel.

* Para mais informações acerca da análise do questionário consulte as pgs. 166-95 do link: <https://forms.gle/dapvU7Jej8xLc56d6> ou QR Code:

https://forms.gle/dapvU7Jej8xLc56d6 ou QR Code:



5.2. ANÁLISE HOSTELS EXISTENTES

Visando analisar a influência da arquitetura na sensação de segurança das mulheres quando hospedadas em hostels, a seguinte parte do trabalho teve como objetivo uma análise comparativa acerca dos aspectos arquitetônicos e de design de interiores de seis diferentes hostels localizados em Florianópolis, cidade com grande importância turística no contexto nacional e internacional, especialmente para viajantes de outros países sul americanos.

Através das plataformas online de reserva de hospedagens Booking e HostelWorld, foram selecionadas duas amostragens de hostels, uma composta pelos hostels mais bem avaliados nestas plataformas pelos usuários e outra composta pelos hostels que receberam as piores avaliações. Essas duas amostragens pretendiam representar os dois extremos, os melhores e os piores hostels disponíveis na cidade.

Foi então realizada uma análise com o intuito de compreender se existem aspectos físicos - sejam esses o estilo arquitetônico, a conexão entre os ambientes, as características dos ambientes, etc. - que influenciam na percepção de segurança e na tranquilidade da mulher que ali se hospeda.

Esta análise foi feita em duas frentes. Por um lado, analisou-se os comentários deixados pelas mulheres acerca desse estabelecimento nas plataformas digitais, buscando encontrar em seus relatos, correlações com o espaço físico e compreender como esse influenciou sua experiência. Por outro, foi realizada uma visita in loco na qual foi feito um levantamento arquitetônico e a elaboração de plantas esquemáticas da hospedagem, como a exemplificada na Imagem 04. Correlacionando os aspectos arquitetônicos captados na visita in loco com os comentários das viajantes,

buscou-se investigar a influência que o espaço construído possui na percepção de segurança das mulheres quando hospedadas nos hostels. Desejou-se explorar se existe uma semelhança nos aspectos arquitetônicos, organizacionais, dimensionais e decorativos nos hostels que compõem cada categoria, assim como identificar contrastes entre os que pertencem a categorias diferentes.

Ademais, essa análise dos espaços físicos dos hostels buscou complementar os direcionamentos encontrados na etapa anterior, fornecendo medidas e elementos

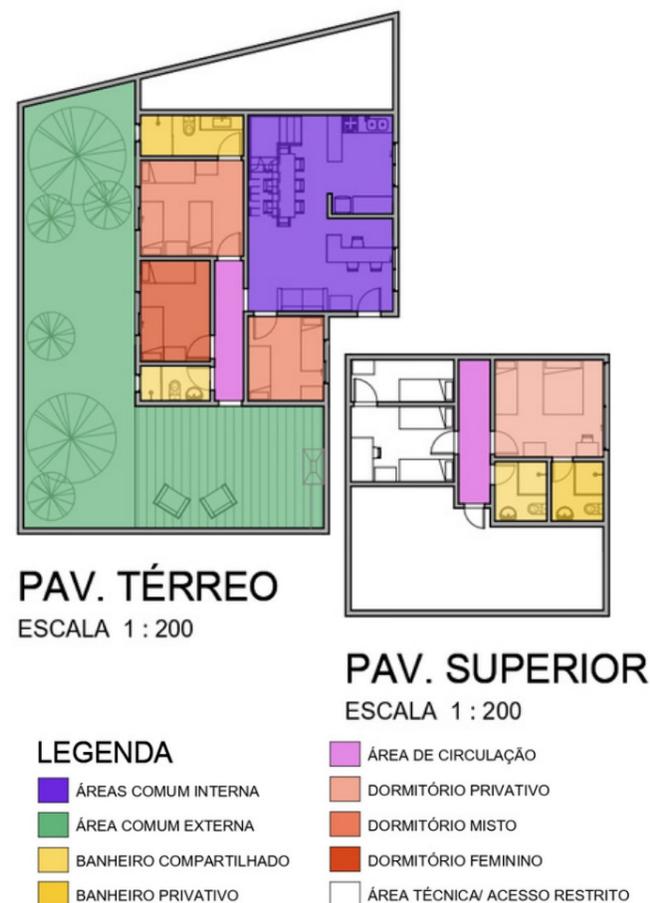


Imagem 04: Planta esquemática - Hostel Azul
Fonte: autoral

5.3. ENCAMINHAMENTOS

Após a realização das duas etapas investigativas, as quais levaram à indicações de aspectos arquitetônicos que influenciam na percepção de segurança, conforto e aproveitamento das mulheres viajantes, foi necessário realizar a somatização dos resultados obtidos, a fim de chegar às estratégias projetuais de como tornar o hostel misto, com dormitórios mistos, mais seguro para as mulheres que viajam sozinhas.

Algumas dessas estratégias foram originadas com base nas respostas das mulheres que participaram do questionário, contribuindo diretamente para a compreensão da influência de pontos específicos do hostel na percepção de segurança das mulheres. Outras foram elencadas com base na visita de hostels localizados em Florianópolis, SC, e na análise dos comentários deixados pelas hóspedes nas plataformas de reserva online, funcionando como um amplificador da percepção das mulheres e buscando compreender quais são os aspectos mais marcantes durante uma estadia. Essas duas abordagens, juntas, fortaleceram e direcionaram os resultados obtidos, possibilitando a elaboração de estratégias projetuais para tornar os hostels mais seguros para as mulheres viajantes.

mais concretos para a elaboração das estratégias acerca dos hostels. Um exemplo prático desta complementação foi, por exemplo, a indicação por parte das mulheres do questionário de que os dormitórios precisam ser amplos para transmitir sensação de segurança. Com o apoio da análise arquitetônica, e nos comentários femininos, foi possível definir quais dimensões e organizações caracterizam um dormitório amplo para elas, chegando assim na estratégia arquitetônica.

Dessa forma, essa etapa possui como objetivo responder se: existem elementos arquitetônicos chave que fazem com que o espaço seja percebido como mais acolhedor e seguro por parte das mulheres? Ou, analisando pelo outro lado, existem aspectos físicos que contribuem para que as mulheres se sintam ameaçadas e inseguras nesses lugares? O espaço contribui para essa sensação de segurança, e caso sim, quais seriam os aspectos que podem ser utilizados para melhorar o hostel e torná-lo mais seguro para essas viajantes? Os resultados obtidos corroboram e auxiliam na resolução das conclusões obtidas através do questionário?



* Para mais informações acerca dos hostels visitados consulte as pgs. 66-95 do link ou QR Code: l1nq.com/TCC-01-terezapeixoto

6. ESTRATÉGIAS PROJETUAIS

PARA TORNAR OS HOSTELS MAIS SEGUROS PARA AS MULHERES VIAJANTES



A arquitetura busca, de modo geral, expressar conceitos e intenções para um determinado lugar através do espaço físico construído. O ato de projetar e idealizar esse ambiente é de grande responsabilidade, pois é no espaço, seja ele aberto ou construído, que todas as interações humanas ocorrem. Através da disposição e conexão dos ambientes, dos materiais construtivos, da iluminação e do mobiliário utilizados, a arquitetura expressa as sensações e os usos pretendidos para o ambiente.

O hostel, como visto anteriormente, é uma tipologia de hospedagem que preza pela interação e troca entre seus hóspedes, de modo que seu espaço físico expressa essa filosofia por meio de ambientes compartilhados, sejam esses as áreas comuns ou os dormitórios. Muitas vezes, porém, estar em um ambiente compartilhado com pessoas desconhecidas resulta em situações de risco, insegurança e desconforto para as mulheres.

Esse fato foi reforçado pelos resultados do questionário, no qual, dentre as 69,1% das mulheres que já se hospedaram em hostels, 54,5% relataram já haver passado por situações de desconforto ou insegurança relacionadas à presença do sexo masculino no local. Pensar que mais da metade das mulheres brasileiras que se hospedaram em hostels já passaram por situações de desconforto e insegurança é um fato alarmante, especialmente considerando que a viagem supostamente deveria consistir em um momento de lazer, alegria e tranquilidade.

Dentre as situações relatadas, houveram muitas nas quais, apesar de nenhuma situação específica ter ocorrido durante sua estadia no hostel misto, o simples fato de compartilhar o espaço

físico com homens desconhecidos fez com que se sentissem vulneráveis e inseguras, como se algo ruim pudesse ocorrer a qualquer momento:

"Minha primeira vez ficando em um hostel eu fiquei em um quarto misto. Nada aconteceu, mas eu não gostei da experiência." (Anônima, 36-45 anos, Santa Catarina)

"Tive medo de ser assediada ou intimidada." (Anônima, 18-25 anos, Rio Grande do Sul)

Algumas relataram sensação de insegurança gerada como consequência de ações sutis realizadas por indivíduos do sexo masculino, como olhares e conversas consideradas inadequadas:

"A maioria das vezes via homens me observando, ou então insistindo em perguntas sobre minha vida e se eu viajava sozinha." (Anônima, 26 a 35 anos, Minas Gerais)

Outras mulheres, infelizmente, relataram situações nas quais houveram ações intencionais realizadas por parte dos homens, as quais ultrapassaram - intencionalmente ou não - os limites pessoais das hóspedes, como pode ser observado nos trechos a seguir:

"O quarto era compartilhado somente com mulheres, mas um homem insistiu e dormiu no quarto sem permissão e no meio da noite começou a acordar as 3 mulheres para ver se alguém gostaria de transar com ele." (Anônima, 18 a 25 anos, Rio Grande do Sul)

“Sim. Estávamos dormindo no nosso quarto compartilhado feminino durante uma das noites da viagem no Rio de Janeiro quando um homem entrou no quarto no meio da noite sem ninguém perceber. Ele ficou ao lado da minha cama e por algum tempo ficou passando a mão em mim (no abdômen principalmente). Eu acordei após um tempo e o vi ali ao meu lado. Ele saiu correndo e eu não soube o que fazer na hora, apenas deitei com a minha amiga e contei o que havia acontecido. No dia seguinte falamos com os gerentes do hostel mas não havia o que pudessem fazer, ainda questionaram o porque de eu não ter gritado. Foi péssimo.”
(Anônima, 26 a 35 anos, Rio Grande do Sul)

Para compreender então o papel da arquitetura e do design na segurança das mulheres, buscou-se saber qual a tipologia de hostel que as viajantes prefeririam se hospedar, assim como compreender se há uma demanda por alterações do padrão atualmente ofertado. Para tal foi perguntado no questionário se, em uma viagem solo, as participantes prefeririam hospedar-se em: 1. Um hostel misto e em um quarto misto; 2. Um hostel misto em um quarto feminino; 3. Em um hostel exclusivamente feminino.

Como é possível observar no gráfico da Imagem 05, dentre as 176 participantes, a maioria (67,6%) prefeririam se hospedar em um hostel misto e em um quarto feminino, resultado esse que corrobora com as suposições previamente feitas, de que tal tipologia de hostel possibilita que haja uma interação com pessoas de ambos os sexos nos espaços comuns, não limitando os novos contatos e vivências à apenas mulheres, ao passo que possibilita que, ao se retirar para dormir, a mulher sinta-se mais confortável e segura.

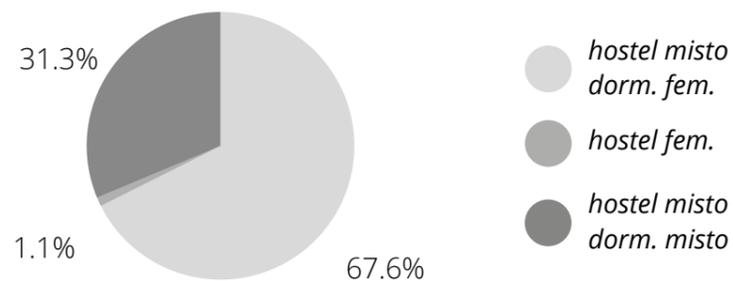


Imagem 05: preferência das mulheres por tipologia de hostel
Fonte: Questionário autoral

A outra opção mais votada, e escolhida por 31,3% das mulheres, foi o hostel exclusivamente feminino. Esse resultado demonstra que, apesar de existirem pouquíssimos, existe sim uma demanda por esta categoria de hostel, sendo que 1 em cada 3 mulheres escolheriam se hospedar em hostels femininos. Possíveis justificativas para essa baixa oferta podem ser a redução do público alvo do estabelecimento, resultando em maiores riscos atribuídos ao negócio, ou o fato da conquista de espaço pelas mulheres no mundo das viagens ser recente e o mercado hoteleiro ainda não ter se adequadamente às suas novas demandas.

O valor mais marcante, porém, é de que apenas 1,1% das mulheres escolheriam passar a noite em um hostel misto e um quarto misto, dado que deixa claro que a ampla maioria das mulheres prefere não dividir o quarto, ou seja, o lugar onde passará a noite e dormirá, com homens desconhecidos. Junto a isso, quando perguntadas quais aspectos consideravam os mais importan-

tes quando hospedadas em um hostel, 158 das 176 mulheres selecionaram o fator segurança. Consequentemente, seria possível concluir que as mulheres se sentem menos seguras nessa tipologia de dormitório.

Esse fato foi observado também nos relatos deixados pelas mulheres, nos quais afirmam que compartilhar o dormitório com homens desconhecidos as deixaram inseguras e desconfortáveis, fato que pode ser observado nos comentários selecionados:

“Peguei um quarto misto com mais de 7 pessoas. Achei que teriam outras mulheres mas só tinham homens dividindo o quarto comigo. Lembro de chegar antes de todo mundo pra já estar de banho tomado quando eles chegassem. Dormia com o celular na mão e acordava ao som de qualquer movimento.” (Anônima, 18-25 anos)

“Acho que a presença de homens desconhecidos e principalmente chegando bêbados mais tarde em quartos mistos sempre me deixa desconfortável.”
(Anônima, 26-35 anos, Santa Catarina)

Mesmo frente a essas situações e ao baixíssimo número de mulheres que optaram por hospedar-se nesta tipologia de hostel, entende-se que diferentes mulheres possuem diferentes personalidades, vivências, preferências e inseguranças (ou a inexistência delas), e que cada mulher, em cada etapa de sua vida, procura um estilo de viagem distinto que reflita suas expectativas e vontades para aquele momento. Assim, nem sempre as mulheres desejam hospedar-se em hostels exclusivamente femininos, ou em quartos ou pavimentos segregados do sexo masculino, e sim desfrutar da experiência de um hostel misto em sua totalidade, compartilhando as áreas comuns e os dormitórios entre ambos os sexos, e mesmo assim sentirem-se confortáveis e seguras.

Dessa forma, a parte seguinte deste trabalho visa investigar como a arquitetura poderia trazer soluções para esse problema sem segregar espacialmente homens e mulheres, propondo estratégias que podem ser adotadas por arquitetos e designers de interiores em hostels mistos e quartos mistos, para ampliar a percepção de segurança e a segurança real das mulheres quando ocupando esses espaços. Para melhor compreensão, as estratégias serão separadas de acordo com o cômodo ao qual se destinam, tratando inicialmente do hostel como um todo, e em seguida especificando as estratégias projetuais para os dormitórios, sanitários e áreas comuns.

6.1. O HOSTEL EM SUA TOTALIDADE

Como mencionado acima, a segurança é um fator chave para o bom proveito da estadia de uma mulher em um hostel. Com base nas justificativas deixadas pelas mulheres participantes acerca de suas escolhas no questionário, notou-se que o fator que mais influencia a percepção de segurança dentro do hostel é a visibilidade. Independente de ser na área comum, na entrada dos dormitórios ou dos sanitários, saber que há um controle visual, seja por parte dos funcionários da recepção, ou seja um controle indireto por parte dos outros hóspedes, resulta em uma percepção de segurança maior para as mulheres, pois garante que os olhos que a observam também a protegem, garantindo que qualquer tentativa de assédio será notada e impedida. Esse fator fica claro nos comentários trazidos a seguir:

"Porque a existência de pessoas passando nos espaços me faz sentir segura. Como se elas, mesmo que sem querer, fossem "vigias" de um potencial abusador." (Anônima, 26 a 35 anos, São Paulo)

"A configuração selecionada (...) favorece a visualização da entrada e saída de pessoas do quarto inibindo os oportunistas." (Anônima, 46 a 55 anos, Pernambuco)

Dessa forma, a visibilidade, tanto de um ambiente para com outro, como no interior de um mesmo ambiente, é muito importante para a percepção de segurança das mulheres. Algumas estratégias projetuais que podem ser adotadas neste sentido são:

1. Priorizar **ambientes com formas arquitetônicas simples**, que possibilitem a visualização total do ambiente, evitando espaços escondidos, pouco acessíveis e fora do campo de visão dos demais usuários (Imagem 06):

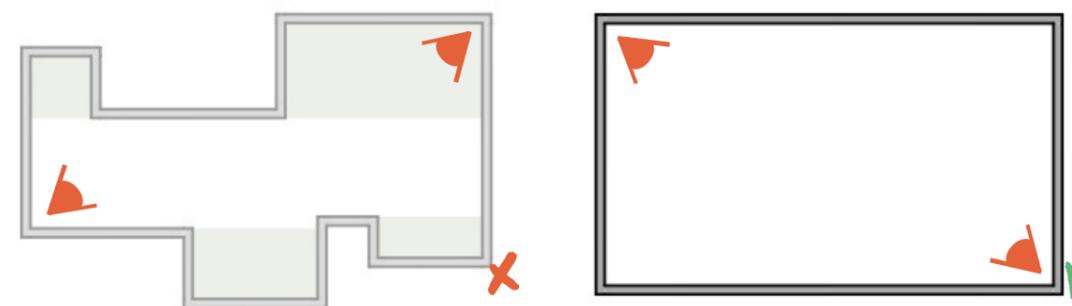


Imagem 06: Diferentes níveis de visualização interna de acordo com forma arquitetônica do ambiente
Fonte: autoral

2. A **integração dos diferentes ambientes comuns**, como sala de convivência, cozinha e refeitório, também resulta em uma conexão visual maior entre esses espaços, aumentando assim o controle, direto ou indireto, do que ocorre nesses locais. Uma possibilidade para essa compartimentação é a utilização de balcões, vãos nas paredes e paredes desconexas, como é possível ver no exemplo abaixo (Imagem 07):

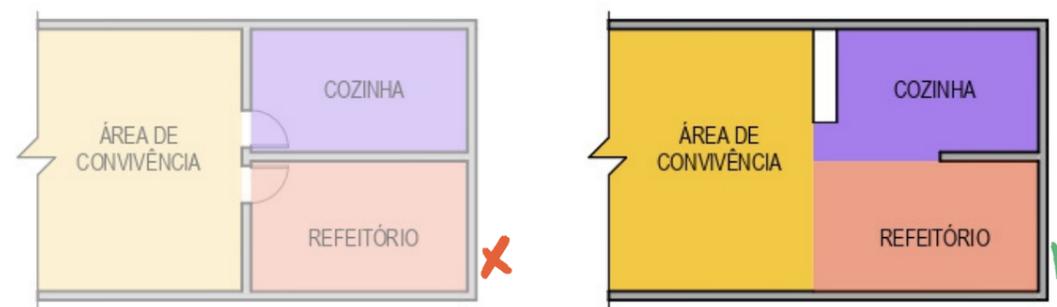


Imagem 07: Utilização de meias paredes e balcões para separação de ambientes
Fonte: autoral

3. **Posicionar a recepção de modo que se tenha uma boa visualização do todo**, contribuindo para a percepção de que há um controle direto por parte dos funcionários responsáveis pela hospedagem (Imagem 08):

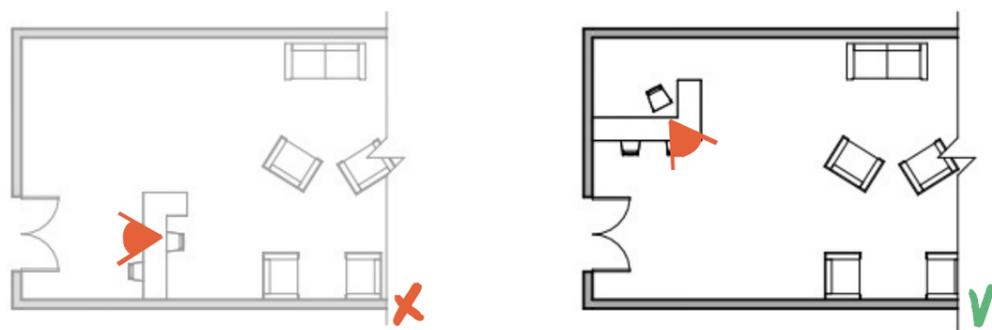


Imagem 08: Visualização de acordo com o posicionamento da recepção no ambiente
Fonte: autoral

4. A garantia de uma **adequada iluminação de todos os ambientes**, também é um aspecto que contribui para que a visibilidade do que se sucede no interior do mesmo seja clara. Para isso, todos os ambientes devem possuir aberturas para o exterior, possibilitando a iluminação natural (Imagem 9).

De acordo com o antigo Código de Obras de Florianópolis, Lei Complementar n. 60, de 2000 - substituído pela Lei Complementar nº 707, a qual não consta especificações a respeito dos níveis de iluminação -, as aberturas dos ambientes devem possuir 1/6 da área total do ambiente para áreas de repouso, estar ou estudo e 1/8 da área para os ambientes de cozinha, copa e área de serviço.

Já a ABNT NBR 15575-1 de 2010, voltada para o desempenho de edifícios habitacionais de até cinco pavimentos, define que os níveis gerais de iluminamento natural da sala de estar, dormitórios, copa, cozinha, banheiro e área de serviço devem ser superiores a 60 lux. Já a iluminação artificial destes cômodos deve ser superior a 100 lux.

Esses parâmetros, apesar de não serem voltados especificamente para hostels, podem ser adotados como guias para providenciar uma iluminação adequada para os ambientes, contribuindo para uma boa visibilidade interna e evitando locais escuros ou pouco iluminados, os quais podem ser propícios para a ocorrência de casos de assédio e abuso.

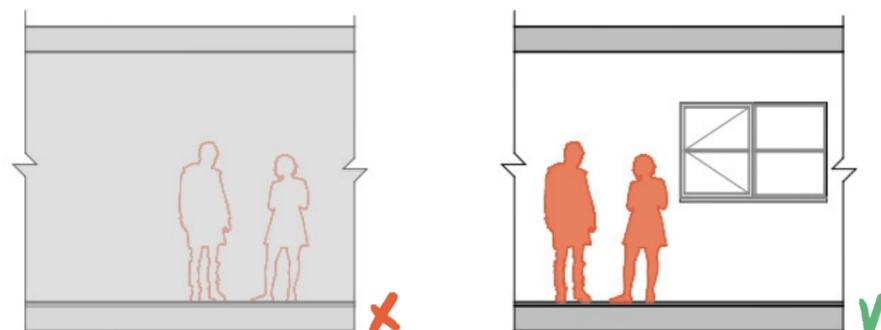


Imagem 9: Diferentes níveis de visualização de acordo com a luminosidade do ambiente
Fonte: autoral

Assim, estratégias projetuais como as mencionadas, que visam aumentar a visibilidade no interior dos ambientes, aumentam também a segurança e a percepção de segurança das mulheres, uma vez que sabem que estão sendo “vigiadas” por outras pessoas, diminuindo assim os riscos de serem vítimas de importunações, assédios ou violência de gênero. Apesar disso, a privacidade, ou seja, a capacidade de controlar o grau de interação social desejado, é de grande importância para a tranquilidade e bem estar do indivíduo. O descompasso entre a privacidade desejada e a obtida, leva a situações de estresse e desconforto.

Sendo o hostel um local onde todos os ambientes são compartilhados, pouca privacidade há. Ademais, sendo a visibilidade um fator tão importante para a percepção de segurança das mulheres quando ocupando esses espaços, como é possível promover maior privacidade nos hostels, sem que a segurança seja comprometida?

Os dois tópicos seguintes visam propor estratégias que forneçam um **equilíbrio entre a promoção da privacidade e da segurança das viajantes**, e que podem, como será visto mais adiante, ser utilizadas de diferentes formas nos distintos cômodos dos hostels.

5. A **utilização de elementos visualmente permeáveis**, tais como paredes de cobogó, painéis vazados, muxarabis, painéis ripados, divisórias em vime ou palha, etc. contribuem para atingir um equilíbrio entre segurança e privacidade. Esses elementos garantem a privacidade por conformar um espaço e impedirem uma visualização detalhada do que está do outro lado, porém, ao mesmo tempo, garantem a segurança das mulheres uma vez que permitem a visualização dos vultos e contornos dos indivíduos localizados do outro lado, possibilitando a identificação de qualquer movimentação suspeita (Imagem 10).

Além de permitirem o equilíbrio entre segurança e privacidade, tais elementos podem ser utilizados de forma decorativa no interior do ambiente, trazendo uma informação a mais e funcionando como um instrumento para a setorização dos espaços.

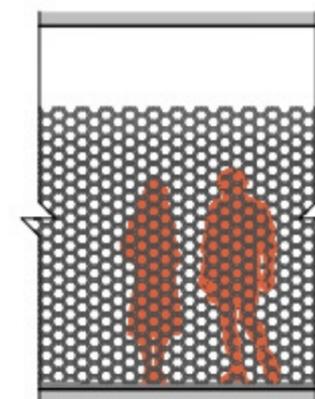


Imagem 10: Utilização de divisórias perfuradas
Fonte: autoral

6.2. DORMITÓRIOS

6. A **utilização de elementos e mobiliários de altura baixa**, também auxiliam na promoção deste equilíbrio. São capazes de conformar espaços individuais, mas que ao mesmo tempo permitem a visualização do que se passa no local. Dessa forma é possível, dentro de um mesmo ambiente, gerar nichos com diferentes graus de privacidade, possibilitando que a hóspede mulher permaneça só e comunique sua intenção de permanecer dessa forma, e ainda assim esteja sob os olhos dos outros viajantes e funcionários do hostel (Imagem 11).

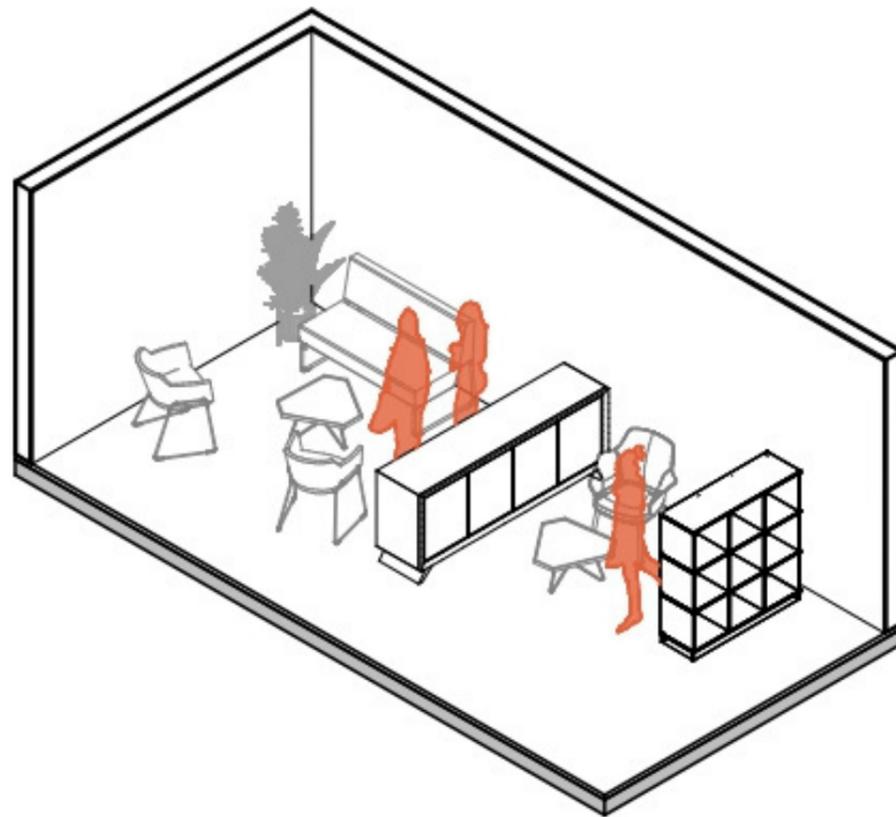


Imagem 11: Utilização de divisórias baixas
Fonte: autoral

Frente aos relatos deixados pelas viajantes e a um resultado de apenas 1,1% das mulheres participantes do questionário tendo escolhido se hospedar em um quarto misto durante uma viagem individual, esta seção busca encontrar estratégias projetuais que colaborem para uma maior segurança física e para o aumento da percepção de segurança das mulheres viajantes, assim como um maneiras de atingir um equilíbrio entre a privacidade a segurança nesses espaços compartilhados.

LOCALIZAÇÃO

Buscando compreender qual seria o posicionamento dos dormitórios no interior do hostel que transmite maior percepção de segurança para as viajantes, uma pergunta acerca da localização foi inserida no questionário. Foram disponibilizadas 3 opções, cada qual acompanhada de um croqui explicativo, sendo elas: 1. *Conectado diretamente com as áreas comuns (ex.: porta do dormitório da sala)*; 2. *Separado das áreas comuns porém visível delas (ex.: corredor de acesso aos quartos)*; 3. *Separado das áreas comuns e não visível delas (ex.: um pavimento diferente)*. Os resultados obtidos podem ser observados no gráfico da Imagem 12:

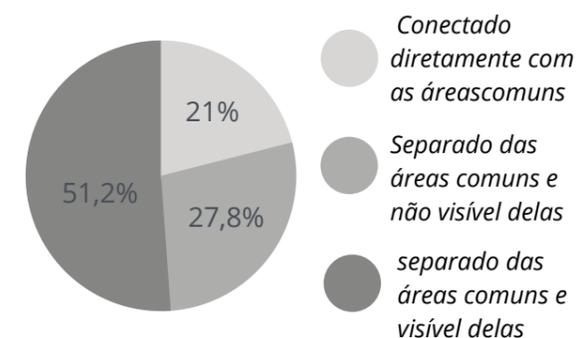


Imagem 12: Preferência das mulheres acerca da localização dos dormitórios
Fonte: Questionário autoral

As justificativas deixadas pelas viajantes foram analisadas, e com base nelas notou-se que, tratando-se unicamente da privacidade e conforto das usuárias, um dormitório localizado mais afastado das áreas comuns e sem uma conexão visual com estas, atende de forma mais efetiva. Porém, essa configuração anula os “olhos da rua” do hostel, deixando a mulher mais vulnerável a situações de risco, uma vez que não há um controle por meio dos funcionários da recepção ou por outros hóspedes. Já se tratando unicamente da segurança, um quarto localizado diretamente na área comum permite que haja um controle maior de quem entra e sai do local, assim como uma percepção maior dos sons emitidos no interior do cômodo. Apesar disso, essa opção não fornece nenhum espaço de transição entre os ambientes privados e públicos do hostel, e assim, resulta em um menor controle do nível de exposição pessoal ao qual a viajante deseja se submeter.

Já a opção 02, selecionada por 51,1%, apresentou-se como um equilíbrio entre a privacidade e a segurança. Representam maior privacidade sonora, não sendo elas incomodadas pelos barulhos das confraternizações noturnas e privacidade visual quanto a poder sair do quarto em uma área de transição na qual não está exposta diretamente à área de grande movimento de pessoas. Já a segurança é obtida pelo fato de a entrada do dormitório ser visível através da área comum, possuindo assim um controle visual indireto por meio dos outros hóspedes que se encontram na área comum, e que poderiam facilmente notar caso uma situação suspeita esteja ocorrendo.

Apesar da forte tendência entre as mulheres em considerar o dormitório localizado ‘separadamente da área comum, mas visível

por meio dela' mais seguro, é importante ressaltar que muitos hostels permite a entrada de pessoas que não estão hospedadas no estabelecimento - seja para a participação em festas ou para a utilização do bar. Frente a isso, sugere-se que, pensando na garantia da segurança da mulher viajante, a localização dos dormitórios seja feita a depender do funcionamento do estabelecimento, de forma que:

1. No caso do hostel possuir acesso restrito aos hóspedes, os dormitórios devem localizar-se de forma que seus acessos sejam visíveis por meio das áreas comuns, mas não diretamente conectados a elas, como por exemplo:

B. Em um pavimento superior que se conecte visualmente com as áreas comuns por meio de um mezanino (Imagem 14):

A. Ao longo de um corredor de acesso (Imagem 13):

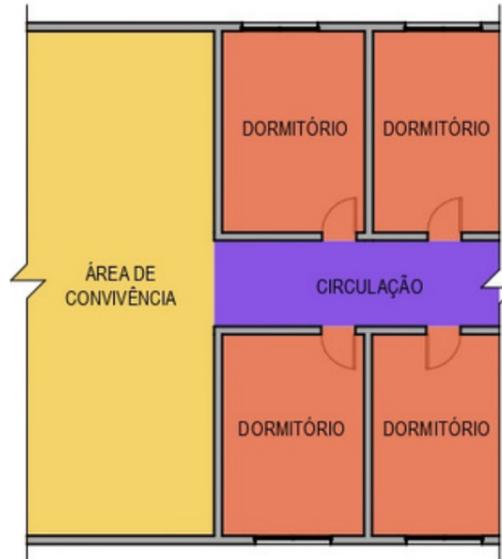


Imagem 13: Dormitórios localizados ao longo de um corredor
Fonte: autoral

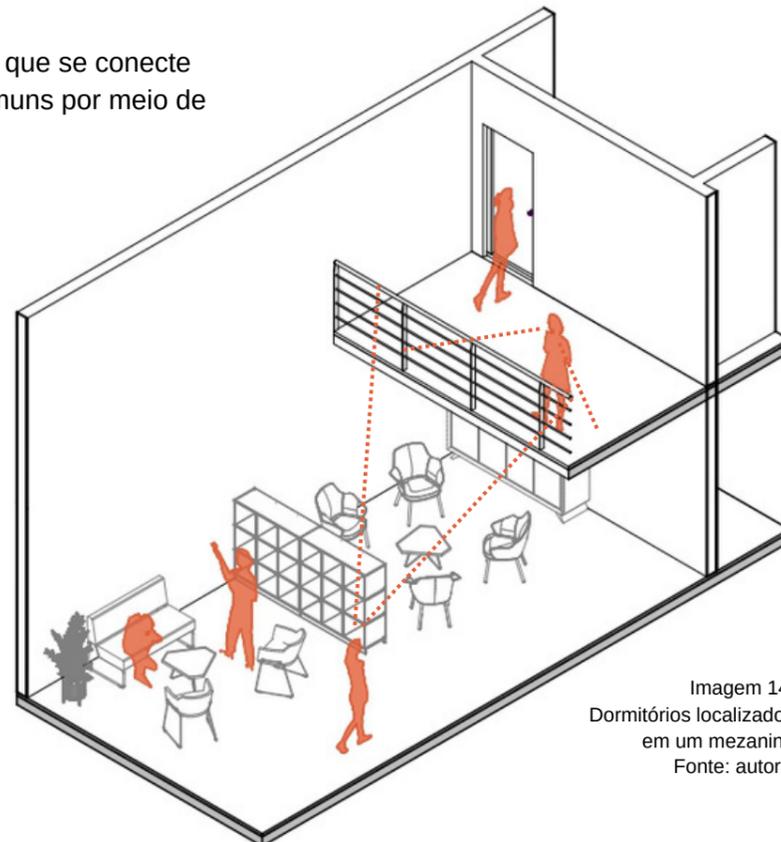


Imagem 14: Dormitórios localizados em um mezanino
Fonte: autoral

2. No caso do hostel possuir áreas destinadas à utilização do público em geral (como bares, baladas ou cafés), os dormitórios devem localizar-se afastados desta, e em um local com controle de acesso restrito, garantindo que não haverá pessoas de fora transitando pelas entradas dos quartos (especialmente homens embriagados). Esse controle de acesso pode ser realizado de diferentes formas, como por exemplo:

A. Através de cartões eletrônicos de acesso (Imagem 15):

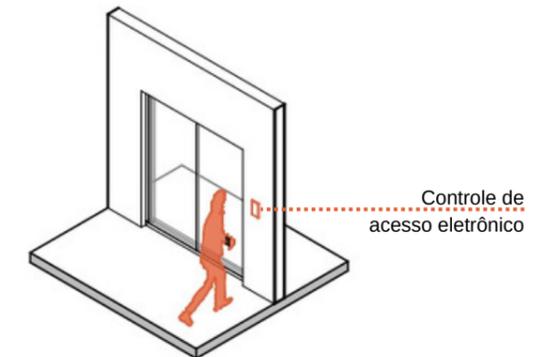


Imagem 15: Acesso por meio de cartão eletrônico
Fonte: autoral

B. Por meio de um controle direto por parte dos funcionários da recepção e/ou por catracas de acesso (Imagem 16):

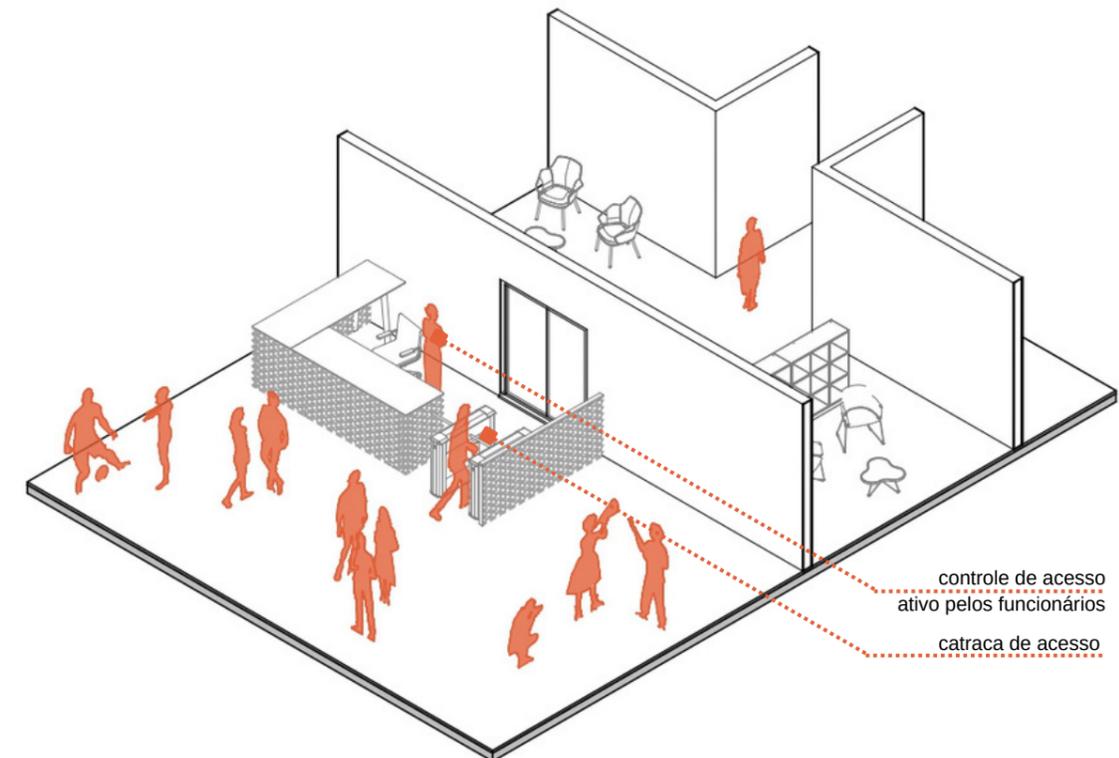


Imagem 16: Acesso por meio de catracas e com controle direto por parte dos funcionários
Fonte: autoral

DISTANCIAMENTO DAS CAMAS E TAMANHO DO DORMITÓRIO

Ao longo do questionário, as mulheres participantes foram perguntadas se já passaram por situações de desconforto ou insegurança durante suas estadias em hostels, relacionadas a presença do sexo masculino nos diferentes ambientes deste estabelecimento. Foi-lhes aberto um espaço para deixar seus relatos e dizer se consideram que o ambiente construído teve alguma relação com essa experiência ruim. O tamanho reduzido do dormitório e a proximidade das camas foram elementos arquitetônicos mencionados recorrentemente neste sentido, de forma que se concluiu que, por outro lado, dormitórios amplos e com um afastamento adequado entre as camas são importantes para o aumento da percepção de segurança e garantia da segurança física das mulheres.

Espaços reduzidos nos quais há a presença de muitas pessoas diminuem nosso espaço pessoal e dificultam a manutenção de nossa privacidade. Como foi visto anteriormente, a distância pessoal - na qual interagimos com conhecidos - é definida por Hall (2005) como uma distância referência de 50 a 150 cm entre um indivíduo e outro. Considerando que o ambiente do hostel está repleto de outros viajantes, desconhecidos, a preservação do espaço pessoal no interior do dormitório - local onde há a maior manifestação da individualidade e onde se dão os momentos de descanso e de maior vulnerabilidade - é muito importante para a garantia da privacidade da viajante, assim como para que ela não se sinta desconfortável e com seu espaço pessoal invadido.

Para compreender qual seria o distanciamento ideal entre as camas no interior do dormitório, foi realizada uma análise dos quartos dos hostels visitados na cidade de Florianópolis. Foram medidas as distâncias

entre o eixo central das camas e a distância aproximada considerando a utilização do mobiliário por uma usuária, correlacionando essas dimensões com os comentários deixados pelas mulheres nas plataformas de reserva online.

Dos seis hostels visitados, três continham comentários positivos acerca das dimensões do dormitório, nos quais as mulheres afirmaram que estes eram amplos e agradáveis. Nestes casos, como é possível observar nas plantas esquemáticas abaixo, o distanciamento aproxi-

mado entre os indivíduos é igual ou superior a 1,48 metros, distância similar aos valores de referência definidos por Hall (Imagem 17). Já os hostels que receberam comentários negativos acerca das dimensões do dormitório apresentaram um distanciamento entre os indivíduos deitados de 1,27 e 1,30 metros, demonstrando que a manutenção de um afastamento similar ao apontado pelo autor contribui para a preservação da individualidade no interior do ambiente compartilhado e para a percepção de amplitude do espaço (Imagem 18).

Ademias, o Art. 100 da Lei Complementar Nº. 60/2000, assim como o Decreto Nº. 24.980/1985, definem que dormitórios coletivos devem dispor de no mínimo 5m²/leito, definição que resultaria, entre muitas outras possibilidades, nas situações apresentadas na imagem 19:

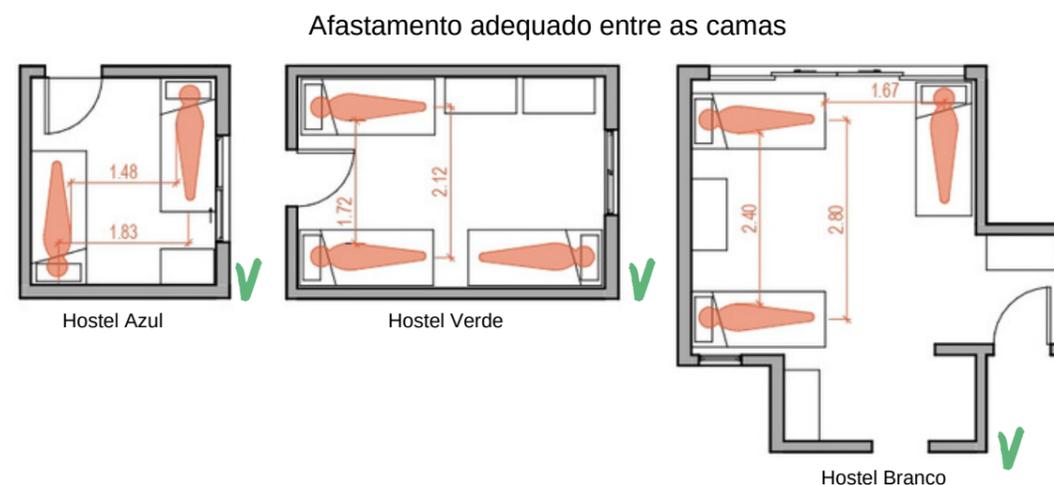


Imagem 17: Afastamento adequado entre as camas.

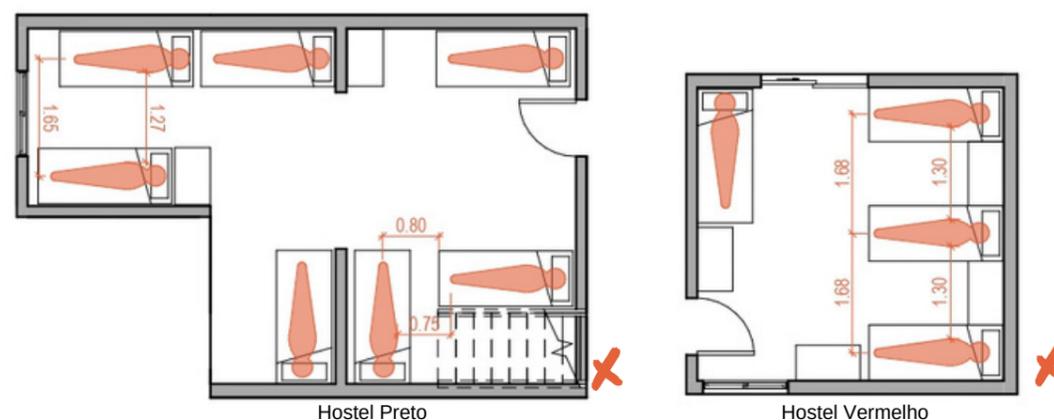


Imagem 18: Afastamento insatisfatório entre as camas.

Fonte: autoral

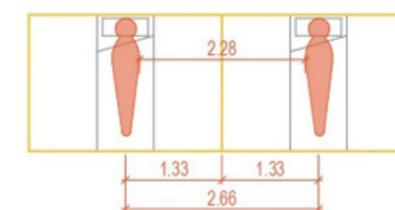
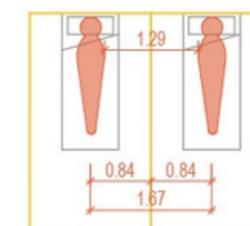
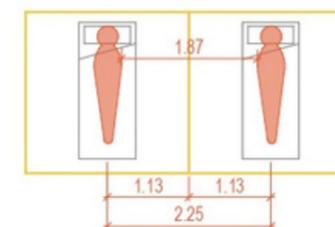


Imagem 19: Metragem quadrada mínima exigida pelas normas
Fonte: autoral

Nos esquemas acima percebe-se que existem diversas maneiras de se posicionar o leito no interior dos 5m² exigidos, alguns dos quais garante a distância pessoal e outros que não. Ademais, a lei e o decreto estipulam essas dimensões tratando-se do dormitório como um todo, e não apenas do espaço privativo de cada usuário, podendo os 5 m²/leito englobar, por exemplo, espaços de circulação ou outros mobiliários coletivos, resultando em um distanciamento pequeno entre os leitos.

DISTANCIAMENTO DAS CAMAS - PROPOSTA

Dessa forma, além de seguir a legislação vigente acerca das dimensões mínimas dos dormitórios compartilhados, aconselha-se que, quando colocadas lado a lado, seja mantido um **distanciamento mínimo de 1,5 metros entre as extremidades das camas** (Imagem 20). Em casos nos quais não é possível manter esse afastamento, recomenda-se que seja mantido no mínimo 1,9 metros entre os eixos das camas, distância essa que, como é possível observar no esquema abaixo, possibilita um distanciamento aproximado de 1,5 metros entre os viajantes quando ocupando o seu centro (Imagem 21).

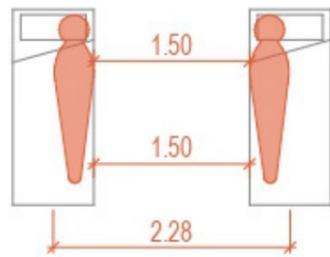


Imagem 20: Distanciamento mínimo ideal entre as camas
Fonte: autoral

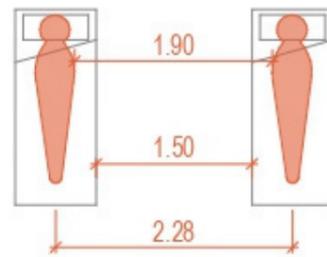
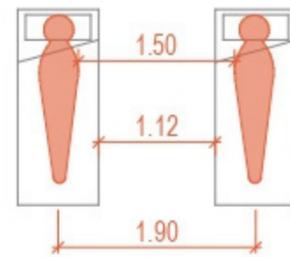


Imagem 21: Distanciamento mínimo entre as camas
Fonte: autoral



Em casos nos quais há mais de 4 camas/beliches no interior do dormitório, e essas são posicionadas nas extremidades do cômodo, conformando uma circulação entre elas, aconselha-se que o distanciamento não seja inferior a 1,5 metros entre as extremidades da cama, buscando idealmente um espaçamento mínimo de dois metros entre elas (Imagem 22).

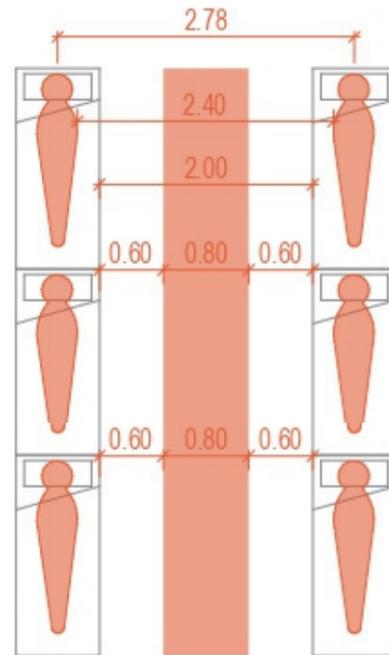


Imagem 22: Distanciamento mínimo entre as camas considerando espaço de passagem com baixo fluxo de pessoas
Fonte: autoral

Além disso, é importante reforçar que o espaço pessoal, e conseqüentemente as distâncias adotadas entre os indivíduos, varia de acordo com diversos fatores, dentre os quais fatores culturais, individuais e situacionais, de modo que a percepção de privacidade e de segurança pode variar de pessoa para pessoa e a depender da situação. Além disso, o distanciamento é percebido de forma distinta por meio das diferentes partes do corpo, sendo o espaço pessoal maior, por exemplo, na frente do indivíduo que que atrás, ou então, na cabeça do que no pé. Assim, outras estratégias de posicionamento das camas no interior do dormitório podem influenciar na percepção da privacidade das viajantes, as quais podem ser utilizadas juntamente com as distâncias mínimas ou em casos nos quais não é possível manter o distanciamento sugerido. Algumas dessas são, por exemplo:

A. Posicionar as camas de forma invertida uma em relação a outra, aumentando o distanciamento entre as áreas mais críticas dos indivíduos (Imagem 23):

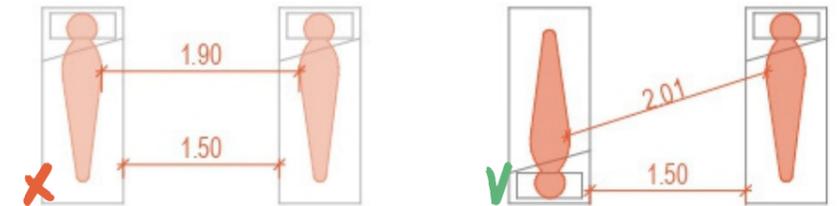


Imagem 23: Inversão da cabeceira das camas
Fonte: autoral

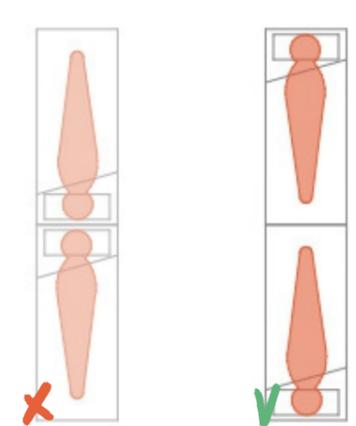


Imagem 24: Colocação das cabeceiras afastadas
Fonte: autoral

B. Fazer a junção das camas de forma que os pés fiquem conectados, aumentando o espaço pessoal entre os viajantes (Imagem 24):

C. Posicionar as camas de forma desalinhada, reduzindo o contato visual entre os usuários e aumentando a percepção de privacidade (Imagem 25):

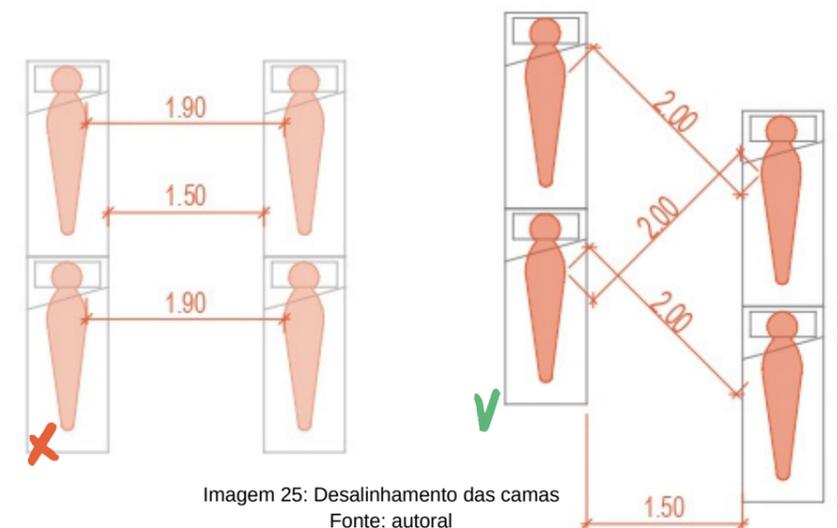


Imagem 25: Desalinhamento das camas
Fonte: autoral

TAMANHO DO DORMITÓRIO - PROPOSTA

O tamanho do dormitório deve adaptar-se a essas distâncias e ao número de usuários ao qual se destina, de forma que a privacidade e o espaço pessoal das viajantes seja preservado. De acordo com as normas acima citadas, os dormitórios devem ter 5 m²/leito, sendo aqui, para questões de metragem quadrada do dormitório, o leito sendo interpretado como a unidade da cama vista em projeção, seja esta individual ou beliche. Recomenda-se, porém, que no caso da utilização de beliches destine-se 7,5 m²/leito, garantindo maior espaço de circulação e maior liberdade espacial para os usuários. A aplicação das distâncias mínimas entre as camas e das áreas mínimas por leito resultariam em possíveis disposições espaciais como as demonstradas abaixo:

1. Dormitório para três ou seis pessoas:

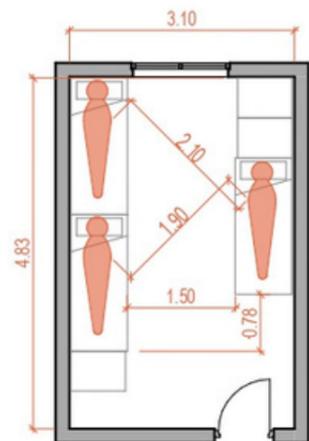


Imagem 26: Possível aplicação dos parâmetros mínimos para um dormitório para 3 pessoas
Fonte: autoral

Com **camas individuais**, tem-se: 3 leitos x 5m² = área mínima de 15 m²

Mantendo um afastamento mínimo entre os leitos, chega-se a uma possível disposição do mobiliário como a demonstrada na Imagem 26.

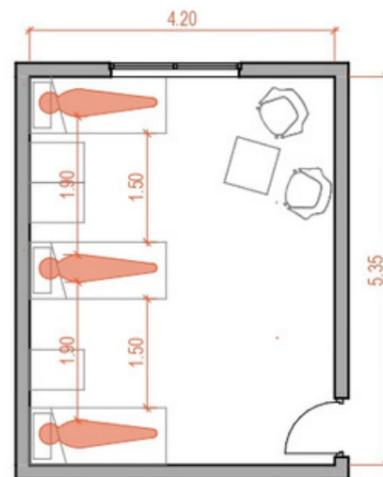


Imagem 27: Possível aplicação dos parâmetros mínimos para um dormitório para 6 pessoas
Fonte: autoral

Com **beliches**, tem-se: 3 leitos x 7,5m² = área mínima de 22,5 m²

Mantendo um afastamento mínimo entre os leitos, chega-se a uma possível disposição do mobiliário como a demonstrada na Imagem 27, no qual foi incluída um pequeno espaço de estar para o descanso e interação entre os hóspedes do quarto.

1. Dormitório para quatro ou oito pessoas:

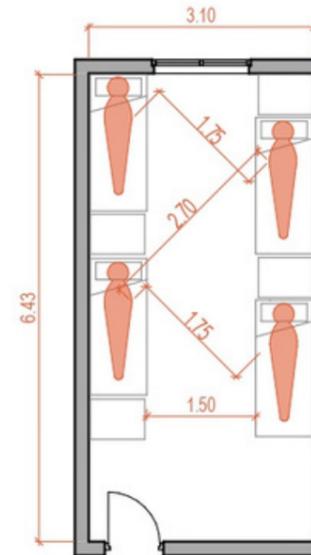


Imagem 28: Possível aplicação dos parâmetros mínimos para um dormitório para 4 pessoas
Fonte: autoral

Com **camas individuais**, tem-se: 4 leitos x 5m² = área mínima de 20 m²

Mantendo um afastamento mínimo entre os leitos, chega-se a uma possível organização espacial como a demonstrada na Imagem 28, no há a presença apenas das camas e lockers.

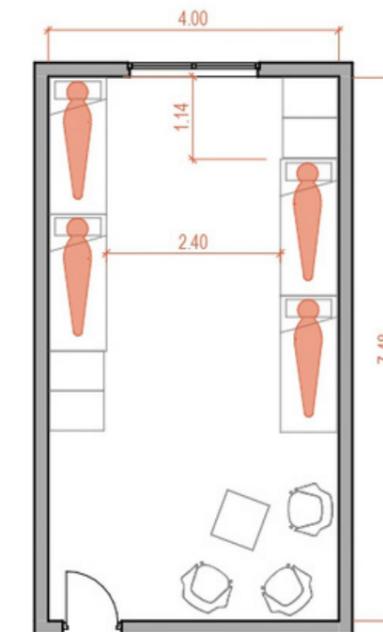


Imagem 29: Possível aplicação dos parâmetros mínimos para um dormitório para 8 pessoas
Fonte: autoral

Com **beliches**, tem-se: 4 leitos x 7,5m² = área mínima de 30 m²

Mantendo um afastamento mínimo entre os leitos, chega-se a uma possível disposição do mobiliário como a demonstrada na Imagem 29, no qual, assim como no caso do dormitório com 6 usuários, foi incluída um pequeno espaço de estar para o descanso e interação entre os hóspedes.

Vale ressaltar que as medidas utilizadas nos casos acima correspondem as medidas mínimas que o dormitório deve conter, podendo essas ser maiores, ampliando assim o espaço pessoal dos viajantes. Aconselha-se também que, para o caso da inclusão de espaços de estar no interior do dormitório, especialmente no caso de dormitórios com camas individuais no qual a área do dormitório é mais reduzida, a área total seja ampliada, impedindo que esses ambientes invadam os espaços individuais dos hóspedes.

SEGURANÇA MATERIAL

As formas de violência contra a mulher transpassam diferentes camadas e intensidades. De acordo com a Lei Maria da Penha, Lei n. 11.340, sancionada em 2006, existem cinco formas de violência contra a mulher: a violência física, psicológica, sexual, moral e patrimonial, sendo esta última definida como:

“(...) qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;” (Lei n. 11.340, 2006, p. 2)

Dessa forma, para que uma mulher se sinta segura no espaço que ocupa, é importante que todas essas formas de violência sejam impedidas. Visando a segurança material de todos os viajantes, os hostels costumam dispor de um compartimento voltado para o armazenamento dos bens materiais dos viajantes, o qual pode ser um locker, um armário, ou um nicho. Muitas vezes, porém, esse compartimento é aberto, ou não há a possibilidade de trancá-lo, de forma que qualquer pessoa pode ter acesso aos bens materiais ali dispostos.

Com o intuito de captar novos olhares e perspectivas sobre o tema, ao final do questionário foi disponibilizado um espaço no qual as viajantes poderiam informar quais outros aspectos do ambiente construído elas consideram que influenciam em sua percepção de segurança quando hospedadas em um hostel. Um dos pontos mais mencionados ao longo dos comentários foi a importância do hostel possuir um local seguro para o armazenamento das bagagens e dos itens pessoais, de preferência perto da cama. Dessa forma, apesar de não contribuírem diretamente

para a promoção da segurança física e sexual das mulheres, a disponibilização de locais seguros para deixar seus bens materiais contribui para a manutenção da segurança patrimonial dessas viajantes, e assim, permite que elas aproveitem melhor sua viagem, sem se preocuparem com possíveis furtos ou invasões de privacidade.

Frente a isso, recomenda-se que o dormitório disponha, para cada viajante, dois equipamentos para o armazenamento de seus bens pessoais:

A. Um armário de grandes dimensões para o armazenamento das bagagens. Considerando que o perfil de viajante dos hostels é composto majoritariamente por mochileiros, é importante que o compartimento possua dimensões suficientes para armazenar malas e mochilas de grande porte. O armário deve conter um sistema de segurança, seja por meio de cadeados, chaves, senhas ou cartões eletrônicos. (Imagem 30)



Imagem 30: Tamanho mínimo do armário
Fonte: autoral

B. Uma gaveta ou cofre de menores dimensões para o armazenamento dos bens de maior valor. Não é incomum histórias de viajantes que dormem nos hostels usando suas doleiras, ou segurando seus celulares, com medo de serem roubados durante a noite. Assim, para que seja possível que a viajante tenha uma boa noite de

sono no hostel, é importante que seus bens de maior valor, como celular, passaporte, documentos e dinheiro, estejam em segurança e em um local próximo a ela, e para tal, recomenda-se a inserção de um cofre ou uma gaveta com tranca no interior do espaço privativo da cama, garantindo que esses objetos estão seguros e no campo de visão da viajante (Imagem 31).

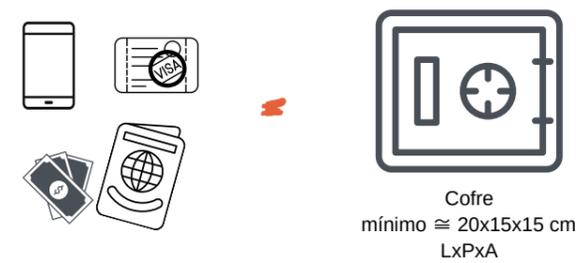


Imagem 31: Tamanho mínimo do cofre ou gaveta
Fonte: autoral

SEGURANÇA X PRIVACIDADE

Como visto antes, a percepção de segurança das mulheres dentro dos hostels é fortemente influenciada por uma noção de proteção coletiva, na qual, ao ser observada pelos outros hóspedes e funcionários, está indiretamente sendo cuidada por eles, uma vez que, sob os olhos dos demais indivíduos, as chances de alguma forma de violência - seja uma agressão física, sexual, moral ou patrimonial - são reduzidas.

O conforto e a tranquilidade, por outro lado, são obtidos por meio de uma percepção de privacidade, um regulamento do nível de exposição - seja visual, sonora ou interativa - que a viajante deseja ter com os outros hóspedes. A privacidade, porém, é normalmente obtida por um isolamento físico e visual em um espaço com um menor número de pessoas. A falta de pessoas resulta em uma falta de controle visual, resultando assim em uma diminuição da percepção de segurança. Como é possível então, dentro dos dormitórios - local de maior manifestação da individualidade - proporcionar um equilíbrio entre a segurança e a privacidade?

Uma estratégia para o aumento da percepção de segurança das mulheres, é a **colocação de painéis divisórios entre as camas, especialmente quando colocadas lado a lado**, como é possível observar no esquema da Imagem 32:

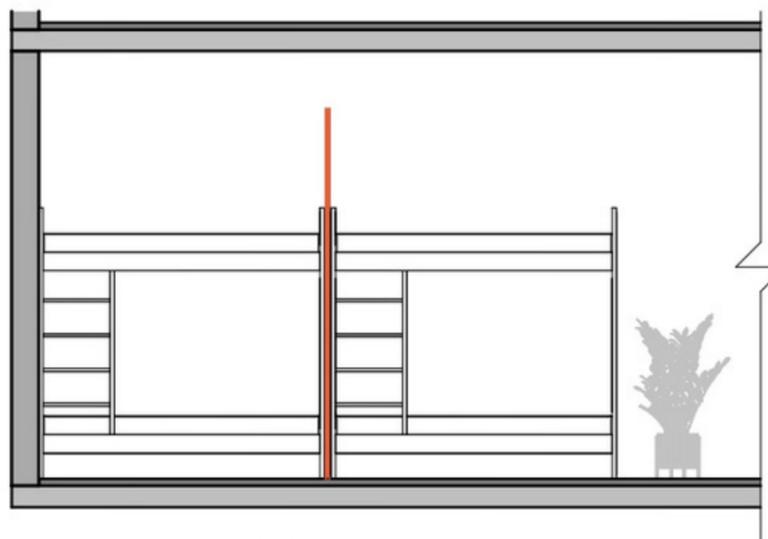
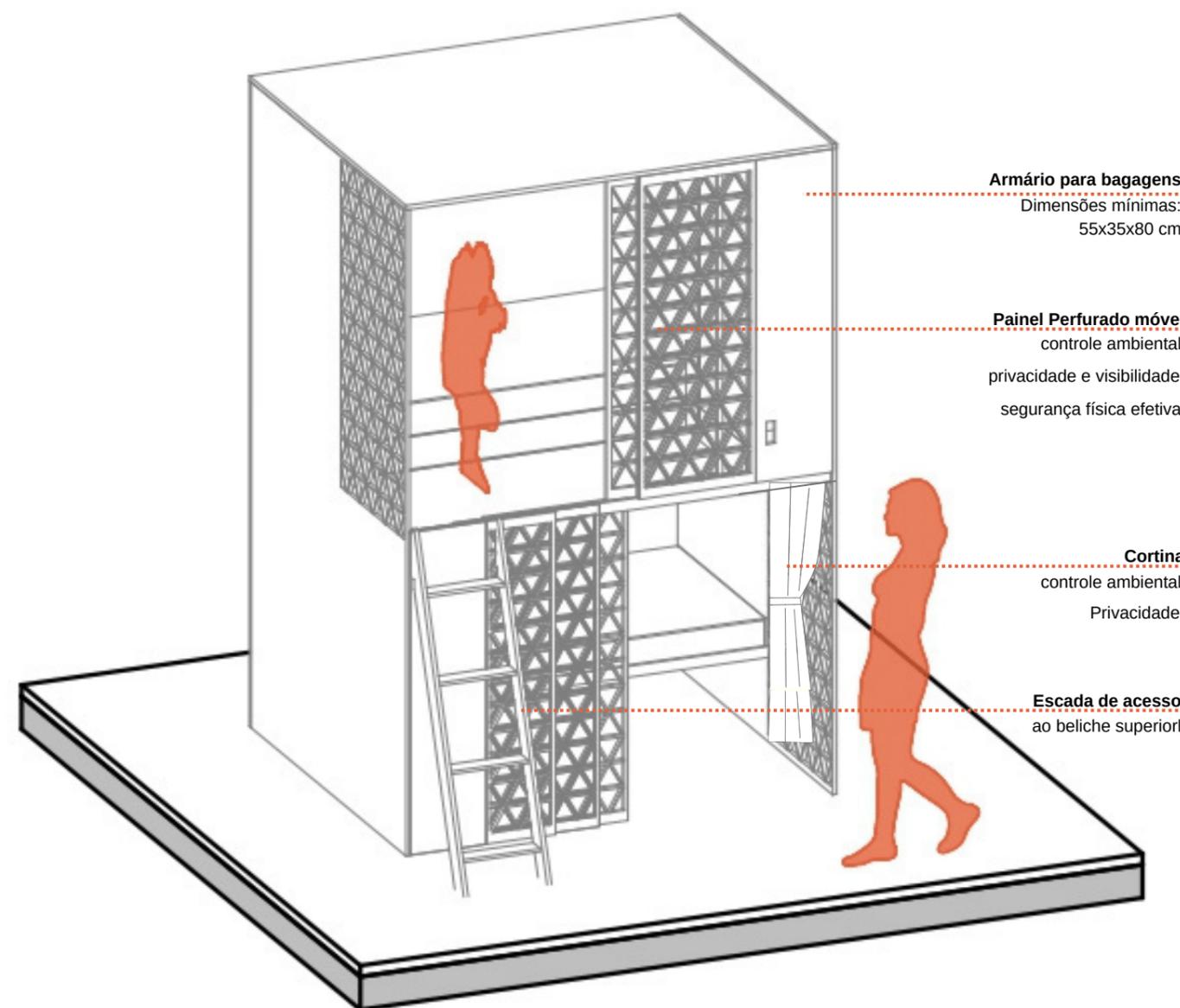


Imagem 32: Painel divisorio entre camas
Fonte: autoral

Esses painéis devem ser divisórias sólidas e opacas, funcionando como uma barreira visual e garantindo maior privacidade para a viajante. Sendo uma barreira intransponível, ela interrompe a percepção de proximidade com o outro viajante, garantindo a preservação do espaço pessoal e evitando que haja alguma forma de contato físico indesejado entre os viajantes, seja acidental ou proposital.

MÓDULO UNITÁRIO - PROPOSTA



Armário para bagagens
Dimensões mínimas:
55x35x80 cm

Painel Perfurado móvel
controle ambiental
privacidade e visibilidade
segurança física efetiva

Cortina
controle ambiental
Privacidade

Escada de acesso
ao beliche superior!

Muito frequentemente as cortininhas acopladas aos beliches são utilizadas para proporcionar a privacidade aos viajantes. Dentre os hostels visitados, apenas o Hostel Preto continha cortinas divisórias, fato que foi mencionado por uma hóspede em seu comentário, elogiando a privacidade das camas no interior do dormitório. Ademais, no questionário, quando perguntadas se achavam que a inserção dessas cortinas contribuía para o aumento da percepção de segurança, 90,3% das mulheres afirmaram que sim.

As **utilização de cortinas divisórias** contribuem para a percepção de segurança e apresentam-se como uma estratégia a ser adotada. Ao criarem um espaço privativo no interior do quarto compartilhado, no qual a mulher pode se sentir confortável para vestir e se portar da forma que desejar, sem se preocupar com a possibilidade de suas atitudes serem mal interpretadas. Consistem, porém, em uma barreira transponível, a qual pode ser quebrada e ultrapassada a qualquer momento por qualquer pessoa, não contribuindo efetivamente para a promoção da segurança da mulher, apenas para o aumento da privacidade e da percepção da mesma.

Para que a segurança em si seja obtida, é necessário que haja uma barreira intransponível entre a mulher e o possível agressor. Frente a isso, e visando unir todas as estratégias mencionadas até agora, propõe-se a criação de **módulos unitários**, os quais permitam o controle ambiental por parte da usuária e contenham em seu interior todos os itens de maior importância para a manutenção da privacidade, conforto e segurança da viajante (Imagem 33).

Imagem 33: Esquema isométrico- protótipo individual
Fonte: autoral

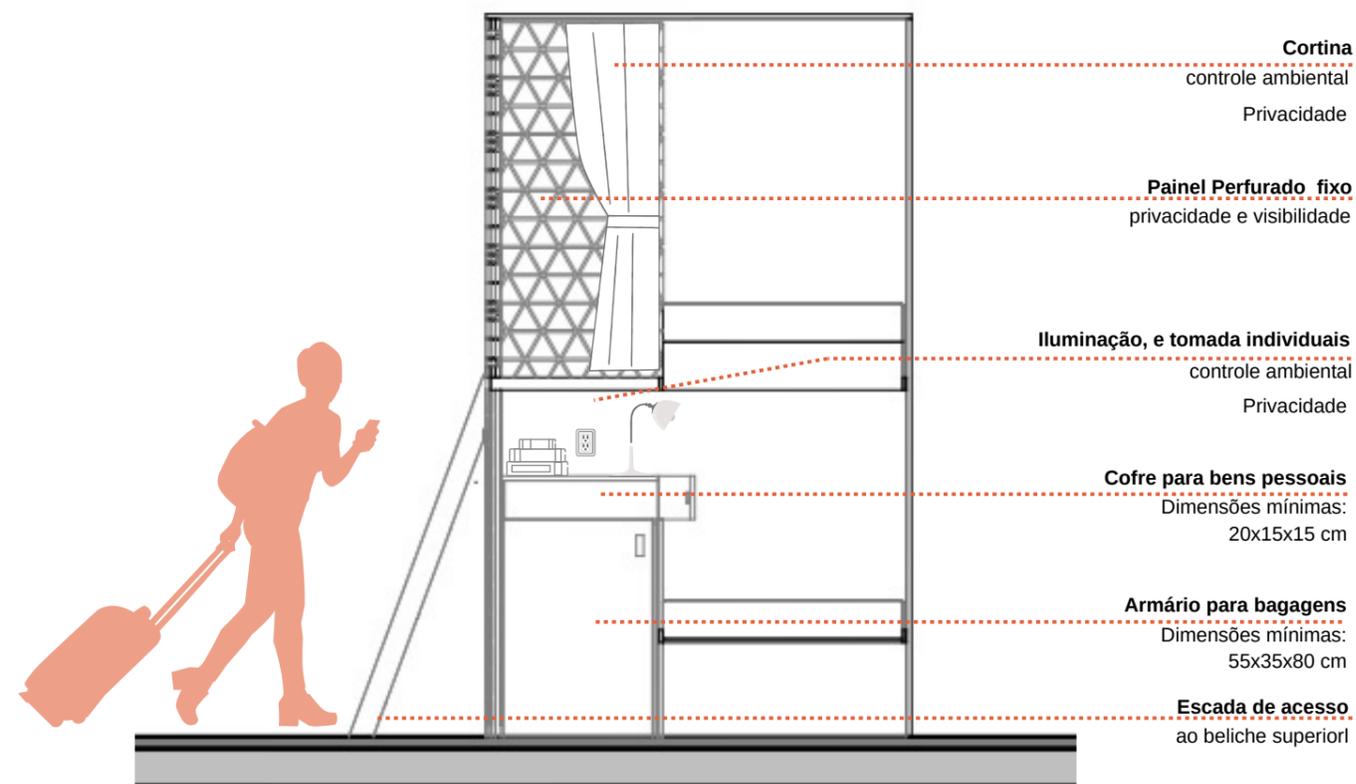


Imagem 34: Corte esquemático - protótipo individual
Fonte: autoral

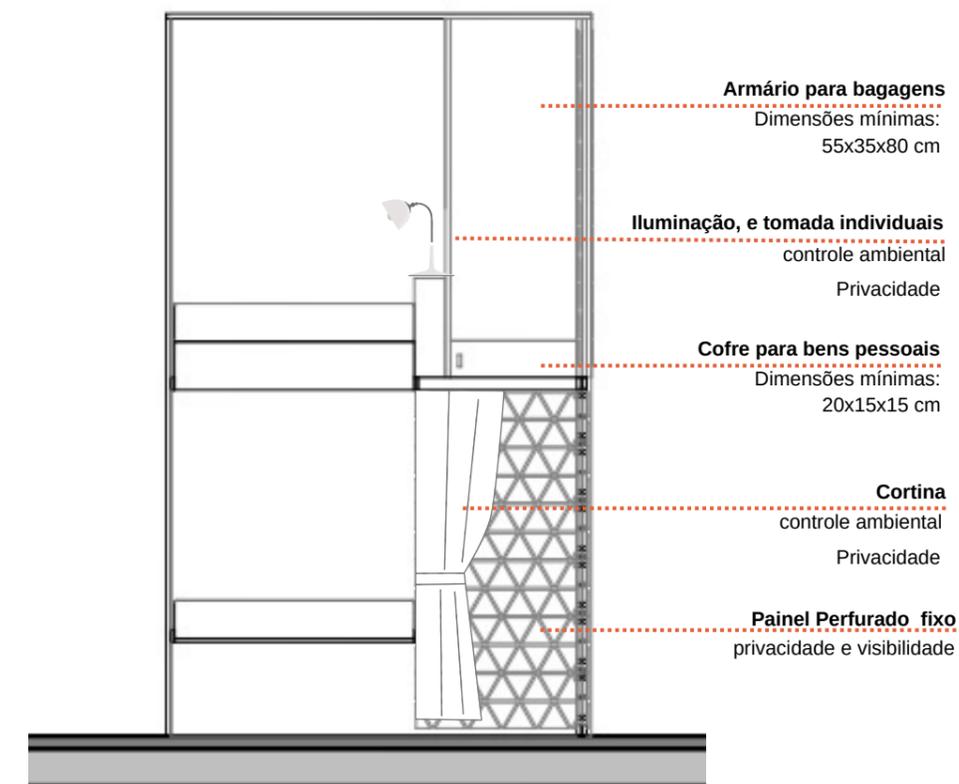


Imagem 35: Corte esquemático - protótipo individual
Fonte: autoral

Como é possível observar nos esquemas das imagens 33, 34 e 35, o módulo unitário visa garantir maior privacidade e territorialidade para os usuários, fazendo uso assim de estratégias que proporcionam flexibilidade e controle ambiental. As laterais e a parte posterior da cama são envolvidas em um painel divisório sólido, garantindo a privacidade, a sensação de segurança e proteção. Os locais para o armazenamento das bagagens e dos itens de pessoais de maior valor encontram-se ao lado da cama e no interior do módulo, impedindo a proximidade de outros viajantes com os itens pessoais dos indivíduos. Uma fonte de luz, uma tomada e uma bancada de apoio encontram-se também ao lado da cama, permitindo maior controle dos aspectos ambientais e consequentemente trazendo maior bem-estar e conforto para os usuários.

Por fim, um painel perfurado leve foi projetado na extremidade restante da cama, permitindo a visualização parcial do que se passa no interior do módulo e conferindo maior privacidade. Pensando na percepção de segurança, uma cortina foi inserida, a qual pode ser fechada caso se deseje maior privacidade visual. Pensando diretamente na segurança física e sexual das viajantes, o painel perfurado pode ser deixado aberto ou fechado, conferindo a viajante a possibilidade de se isolar-se fisicamente caso se sinta ameaçada ou desconfortável no interior do quarto compartilhado.

Esse módulo individual visa garantir a territorialidade e privacidade. O módulo individual apresentado tem como objetivo demonstrar possibilidades da aplicação das estratégias já mencionadas, podendo suas dimensões e características estéticas se alterarem para adaptar-se de forma adequada com o ambiente em questão.

DORMITÓRIO COMPARTILHADO 8 CAMAS - PROPOSTA

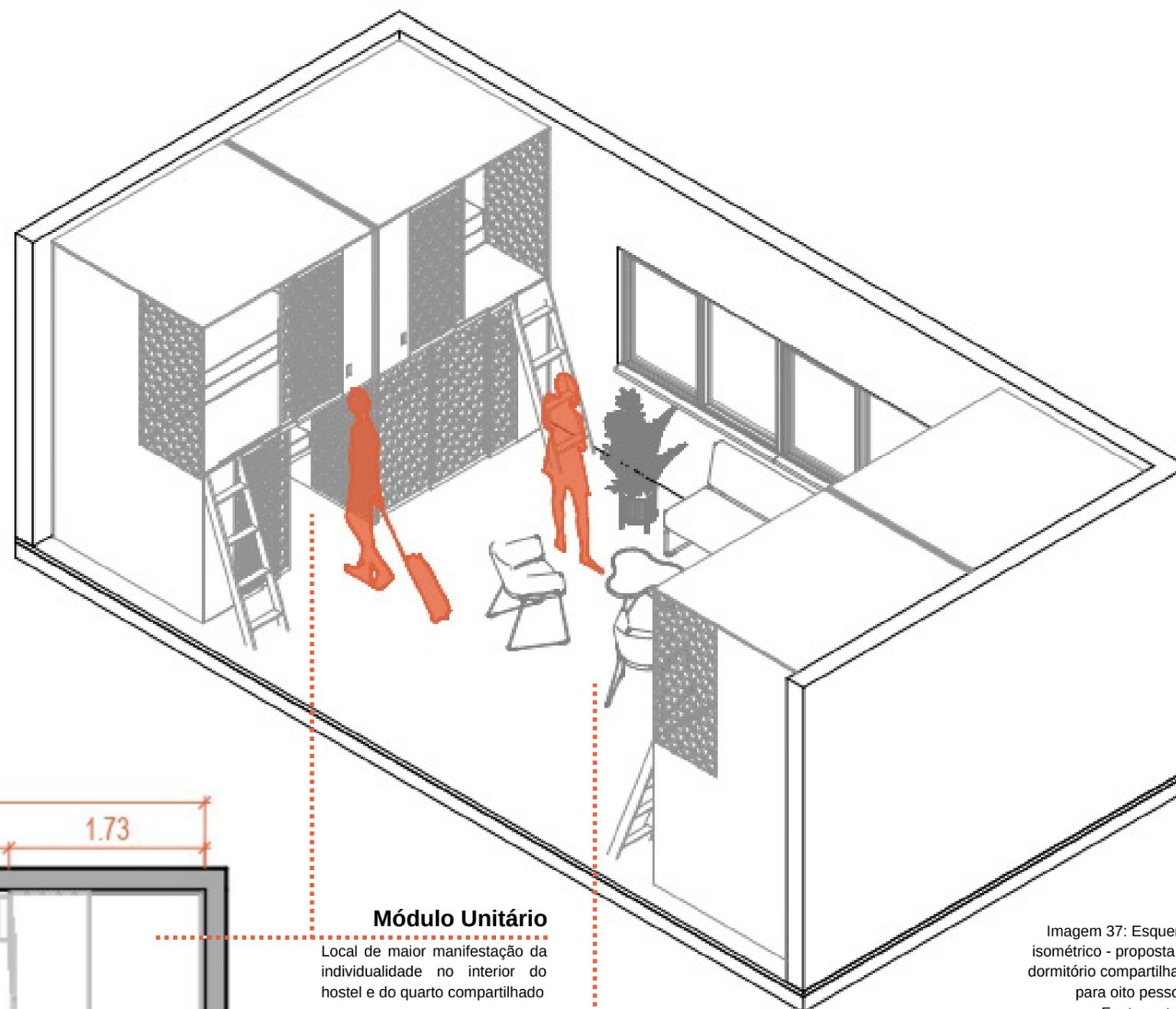
Os esquemas apresentados nas Imagens 36 e 37 exemplificam a utilização do módulo unitário na conformação de um dormitório compartilhado de oito camas.

O dormitório representado conta com protótipos do módulo individual acima apresentado, locais no qual se expressa a territorialidade e individualidade do viajante. Posicionados nas duas extremidades no cômodo, criam um pequeno espaço comum central.

Esse espaço intermediário tem como objetivo possibilitar aos indivíduos trocas que muitas vezes não ocorreriam em um dormitório composto apenas pelas camas, ou mesmo em um espaço comum maior, no qual a interação se dá com um número maior de pessoas e de forma mais expansiva.



Imagem 36: Planta esquemática - proposta de dormitório compartilhado para oito pessoas
Fonte: autoral



Módulo Unitário

Local de maior manifestação da individualidade no interior do hostel e do quarto compartilhado

Espaço de estar

A inserção de mobiliário de permanência no interior do dormitório compartilhado visa incentivar a interação entre os hóspedes em um nível intermediário entre a individualidade do módulo unitário e as áreas comuns do hostel.

Funciona também como um espaço de transição entre os diferentes graus de privacidade.

Imagem 37: Esquema isométrico - proposta de dormitório compartilhado para oito pessoas
Fonte: autoral

6.3. SANITÁRIOS

Os sanitários dos hostels são ambientes que, assim como os demais, são compartilhados entre os diferentes hóspedes. Eles podem ser ofertados de forma individualizada, com vaso sanitário, pia e chuveiro no interior de um único ambiente e destinado ao uso individualizado, ou podem ser sanitários coletivos, nos quais os equipamentos são separados em cabines isoladas localizadas no interior de um amplo ambiente, de forma que os diferentes equipamentos podem ser utilizados por mais de um hóspede ao mesmo tempo. Essas duas possibilidades de disposição são exemplificadas através dos esquemas das Imagens 38 e 39:

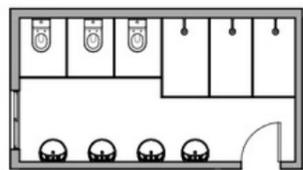


Imagem 38: Esquema de sanitário coletivo

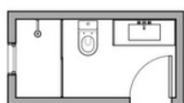


Imagem 39: Esquema de sanitário individual

Podem localizar-se no interior do dormitório e destinado apenas aos usuários do mesmo, ou então fora deste e compartilhado entre todos os hóspedes do hostel. Seu funcionamento também varia de acordo com o estabelecimento, podendo os sanitários serem unisex ou então separados por gênero. A seguinte parte do trabalho tem como objetivo, pensando na segurança e conforto das mulheres, chegar a estratégias projetuais acerca da melhor localização dos sanitários no interior do hostel, a quantidade ideal e da melhor topologia a ser ofertada.

LOCALIZAÇÃO

Assim como para os dormitórios, uma questão a respeito da sua localização dos sanitários foi inserida no questionário, buscando compreender qual a conformação que transmite maior percepção de segurança para as mulheres e o porquê. A localização dos sanitários deve variar de acordo com o funcionamento do hostel. Foram disponibilizadas 3 opções, cada qual acompanhada de um croqui explicativo, sendo elas: 1. Dentro do dormitório e compartilhado apenas entre os companheiros de quarto 2. Fora do dormitório, porém perto deste e afastado das áreas comuns; 3. Fora do dormitório e próximo às áreas comuns (sala, cozinha). Os resultados chegados por meio de suas respostas podem ser observados no gráfico presente na Imagem 40:

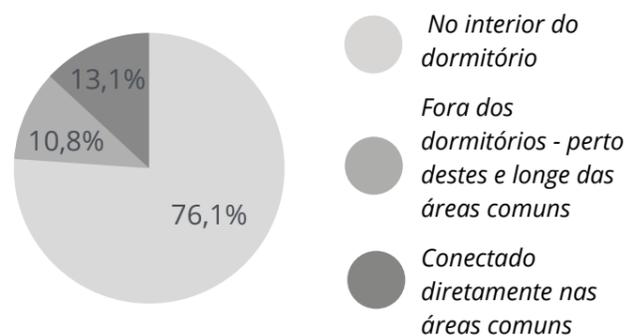


Imagem 40: Preferência das mulheres acerca da localização dos sanitários
Fonte: Questionário autoral

Como é possível observar, os resultados foram bastante expressivos, tendo 76,1% das mulheres participantes optado por sanitários localizados no interior do dormitório. Em sua grande maioria, justificaram sua escolha com base na maior privacidade obtida por esta conformação, a qual reduz o número de pessoas que utilizam o espaço e que transitam por seus acessos. O número reduzido de

usuários foi associado também com um nível de limpeza mais elevado das instalações. A segurança foi trazida neste caso associada a não necessidade de transitar pelas áreas públicas do hostel, em especial nos períodos noturnos. Além disso, apesar da pergunta especificar que se tratava de um dormitório misto, algumas das mulheres justificaram sua escolha afirmando que nesta opção dividiriam o banheiro só com as mulheres do quarto e assim haveria maior segurança.

Já as mulheres que escolheram os sanitários localizados fora do quarto mas perto dele e longe da área comum, justificaram sua escolha baseado principalmente na questão de segurança, afirmando que essa opção representa um balanço entre privacidade, por estar perto dos quartos e longe das áreas comuns, e segurança, pois a entrada dos sanitários é visível por um número maior de pessoas, as quais realizam um monitoramento involuntário do que se passa ali.

Dentre os hostels visitados, três deles apresentaram menções a respeito da localização dos sanitários nos comentários deixados pelas mulheres nas plataformas de reserva online. Duas mulheres hospedadas no Hostel Branco apontam o fato de o sanitário ser de uso individual e localizado no interior do dormitório feminino como um ponto positivo. No Hostel Vermelho, onde o sanitário é separado por gênero e localizado fora dos dormitórios e afastados das áreas comuns, uma hóspede destacou que gostaria que houvesse sanitários no interior do quarto. Já o Hostel Preto, a localização dos sanitários foi destacada como um aspecto que contribui com a insegurança do local, tendo três delas reclamado que se localizam fora dos dormitórios, e que é necessário passar pela área comum para ter acesso a eles.

Estes comentários, juntamente com os resultados e justificativas obtidas no questionário, indicam que a localização dos sanitários próximo às áreas comuns se apresenta como mais insegura na percepção das mulheres. Isso se dá, pois, apesar de proporcionar uma visualização mais direta dos fluxos de entrada e saída - fator esse que, como já visto, contribui para o aumento da percepção de segurança -, a necessidade de transitar pelas áreas sociais, especialmente durante a noite, quando o número de usuários é reduzido, coloca a mulher em uma posição de vulnerabilidade, contribuindo para sua percepção de risco e insegurança.

A localização dos sanitários no interior do dormitório foi claramente a preferida pelas mulheres, tanto no questionário quanto nos hostels de Florianópolis. Apesar das vantagens presentes nesta configuração, dentre elas a privacidade, considera-se que - justamente por ser mais privativa - configura uma brecha para que as mulheres sejam vítimas de abusos. Como os quartos são compartilhados entre ambos os sexos, e não se sabe o caráter de quem está hospedado no local, o fato de o banheiro localizar-se em um ambiente com menor visibilidade dos demais hóspedes e funcionários aumentam as chances de a mulher encontrar-se em situações de risco, como quando sozinha com outro homem neste dormitório.

Frente a isso, propõe-se que, quando tratando-se de quartos mistos, os sanitários sejam localizados fora dos dormitórios, porém próximos a eles e afastados das áreas de socialização, de modo a evitar situações de risco para as viajantes. Duas possibilidades de disposições espaciais encontram-se no esquema a seguir (Imagens 41 e 42).

QUANTIDADE

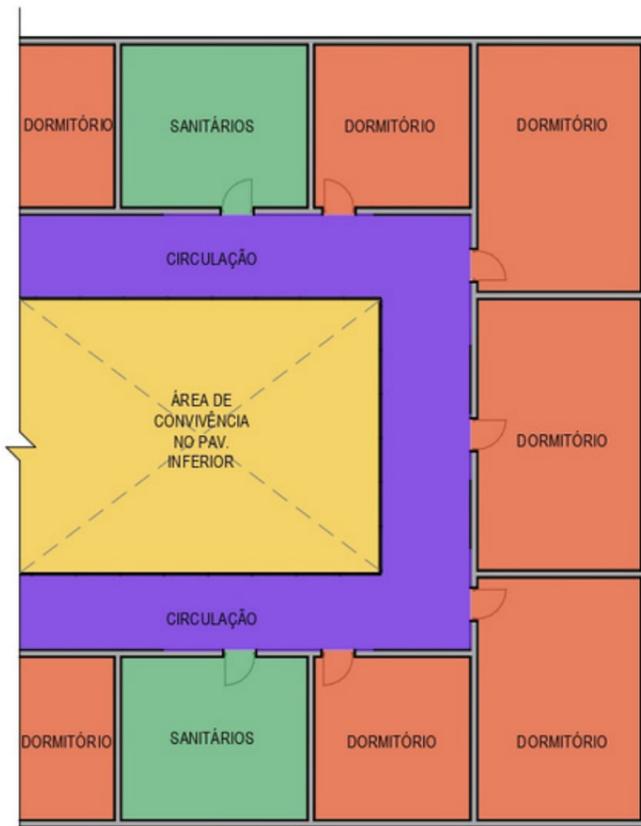


Imagem 41: Proposta de localização dos sanitários nos hostels - mezanino
Fonte: autoral

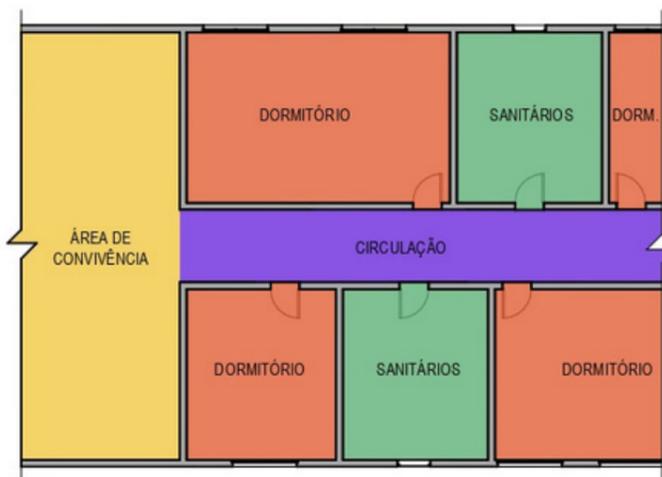


Imagem 42: Proposta de localização dos sanitários nos hostels - ao longo do corredor
Fonte: autoral

O primeiro esquema demonstra os sanitários localizados no segundo pavimento, próximos aos dormitórios compartilhados, ao passo que as áreas de convivência se localizam no pavimento inferior. Por se tratar de um mezanino, no qual a circulação aberta é voltada para as áreas de socialização, os acessos, tanto dos sanitários quanto dos dormitórios são visíveis por meio dessas áreas comuns.

O segundo esquema demonstra a localização dos sanitários ao longo de um corredor, o qual dá acesso também aos dormitórios. Apesar de não estarem conectados diretamente na área comum, esta possui visualização do corredor, garantindo um controle indireto do que se passa neste local.

Essas duas configurações garantem que haja uma visibilidade -, por parte dos hóspedes e funcionários que encontram-se nas áreas comuns ou então transitando pelos corredores - dos fluxos de entrada e saída dos sanitários. Esse controle visual garante que seja mais fácil que alguma situação incomum seja captada, e consequentemente impedida, contribuindo assim para a segurança física e sexual das mulheres. Por outro lado, a proximidade com os dormitórios ainda garante que a utilização dos sanitários seja cômoda, sem que se precise se deslocar muito.

Apesar de as estratégias aqui apresentadas serem voltadas para dormitórios mistos, vale ressaltar que, no caso de dormitórios femininos, a localização dos sanitários no interior do mesmo apresenta-se como ideal, proporcionando tanto privacidade e comodidade como segurança.

Outro aspecto importante quando tratando-se dos sanitários dos hostels diz respeito a quantidade de equipamentos sanitários ofertados em relação a capacidade máxima de hóspedes do estabelecimento. A Lei Complementar n. 60, de 2000, antigo Código de Obras de Florianópolis - atualmente substituído pela Lei Complementar nº 707, a qual não dispõe de especificações a respeito dos aspectos construtivos dos hostels - dispõe em seu Art. 158 que edificações destinadas a hostels devem disponibilizar banheiros contendo um chuveiro, uma pia e um vaso sanitário para cada dez leitos.

A análise investigativa referente aos hostels existentes em Florianópolis, apresentou, em ambas as amostragens, comentários acerca da quantidade insuficiente de banheiros ofertados, independentemente de serem destinados ao uso exclusivo das mulheres ou à ambos os sexos, fortificando assim a importância de uma quantidade suficiente de sanitários para o número de hóspedes presentes. Dentre os hostels que apresentaram reclamações a respeito da quantidade de sanitários tem-se:

O Hostel Azul possuía um banheiro individual destinado a 8 hóspedes, sendo quatro do quarto feminino e quatro do quarto misto. O Hostel Vermelho possuía um banheiro individual feminino para um quarto feminino de quatro camas e para as mulheres hospedadas nos quartos mistos, os quais possuíam no total mais 17 camas. Considerando que o hostel estivesse com uma ocupação de 50% de mulheres, seriam 10,5 mulheres para um único banheiro individual.

Já no Hostel Rosa o banheiro do pavimento superior era destinado ao quarto feminino e ao quarto privativo de quatro camas, sendo então um banheiro para 8

pessoas. Ao analisar a planta baixa esquemática do hostel, nota-se, porém, que o quarto misto de 8 camas do pavimento inferior possui um banheiro que contém apenas vaso sanitário e pia, de forma que os hóspedes deste quarto necessitam utilizar o chuveiro disponível em outro local. Existe do lado externo do hostel um chuveiro de água fria, o qual pode ser utilizado por eles, porém, considerando que desejem um banho quente, o número de usuários para o sanitário do pavimento superior aumenta para dezesseis.

O Hostel 06 por sua vez, no qual também houveram reclamações a respeito do número de banheiros, conta com camas para 52 hóspedes, e possui 8 vasos sanitários, sendo e 6 chuveiros espalhados pelo hostel, resultando em 6,5 pessoas por vaso sanitário e 8,6 pessoas por chuveiro, porém cabe observar que alguns destes são destinados à quartos específicos, resultando em um número maior de usuários para os banheiros localizados fora dos dormitórios.

Já dentre os hostels que não obtiveram reclamações quando a quantidade de banheiros está o Hostel Verde (04), que possui um amplo banheiro compartilhado, no qual há 08 unidades que cada equipamento sanitário, os quais podem ser utilizado por diferentes mulheres ao mesmo tempo, gerando um fluxo e rotatividade maior. Contando o hostel com aproximadamente 48 leitos femininos e 12 leitos mistos, e considerando os leitos mistos ocupados 50% pelas mulheres, tem-se uma média de 6,75 mulheres para cada vaso sanitário e chuveiro e 13,5 mulheres para cada pia. O Hostel Branco (03), por sua vez, conta com banheiros privativos dentro dos dormitórios, contendo cada um dos dormitórios de quatro a seis camas.

Com base nas análises acima, conclui-se que:

A. O fração ideal de usuários para um banheiro individual não deve ultrapassar 6 pessoas para cada sanitário (Imagem 43).

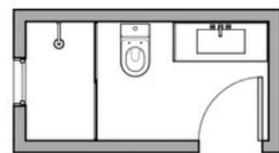


Imagem 43: Esquema de sanitário individual
Fonte: autoral

B. Caso não seja possível atingir a fração sugerida, ou opte-se por disponibilizar sanitários coletivos, possibilitando um maior fluxo de usuários, recomenda-se não ultrapassar uma fração de **7 usuáries para cada vaso sanitário e chuveiro e 10 usuáries por cada pia**, valor esse referente a norma acima citada. Na imagem 44 tem-se a planta baixa de um banheiro coletivo destinado à 30 usuáries, contendo assim 5 vasos sanitários, 5 chuveiros e 3 pias:

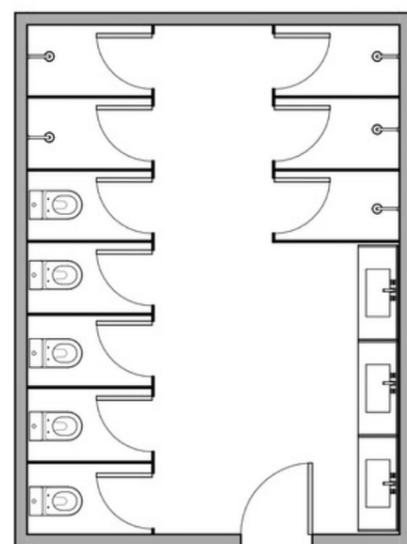


Imagem 44: Esquema de sanitário coletivo destinado à 30 hóspedes.
Fonte: autoral

TIPOLOGIA

Como visto, existem duas tipologias de sanitário comumente ofertadas nos hostels, o sanitário individual e o sanitário coletivo, cada qual com suas vantagens e desvantagens. Enquanto que o banheiro individual possibilita maior privacidade e conforto para o hóspede, uma vez que tem o cômodo só para si, o banheiro coletivo garante que a rotatividade de utilização seja maior, evitando que os hóspedes tenham que esperar para utilizar o banheiro. Assim, a escolha pela tipologia de sanitário fica a cargo do projetista ou dono do estabelecimento.

Tratando-se da forma de funcionamento, de acordo com o antigo Código de Obras de Florianópolis, Lei Complementar n. 60, de 2000 - substituído pela Lei Complementar n° 707 que não dispõe de orientações acerca dos hostels -, quando o número de usuários do estabelecimento for superior à vinte, as instalações sanitárias devem ser separadas por gênero. O cumprimento desta norma pôde ser observado em três dos seis hostels visitados. Outros dois dispõem de um número superior à vinte leitos, porém não realizam a separação dos sanitários por sexo. O último, o Hostel

Branco, faz o cumprimento parcial da lei, realizando a separação de uso dos sanitários femininos, os quais se encontram no interior dos dormitórios femininos e de uso exclusivo delas, e destina, porém, os demais sanitários, localizados nas demais áreas do hostel, para todos os gêneros. Quanto aos comentários deixados pelas mulheres nas plataformas de reserva, houveram reclamações quanto ao uso misto dos sanitários no Hostel Preto, e elogios ao fato de o sanitário ser de uso exclusivo feminino no Hostel Vermelho.

Já no decorrer do questionário, uma participante relatou:

(me senti insegura) "em compartilhar banheiro com homens, em homens ter acesso a minha cama e meus objetos pessoais" (Anônima, 26-35 anos, Santa Catarina)

Frente a isso, e considerando as possíveis situações de risco às quais as mulheres podem ser submetidas nestes espaços, caracterizados por um uso mais privativo e individual, recomenda-se que seja feita a separação dos sanitários por gênero, independente do número de hóspedes que o estabelecimento pode receber. Ainda, ressalta-se que, caso não seja feita a separação dos banheiros por gênero, o sanitário deve ser de uso individual, dispondo de todos os equipamentos em seu interior. Caso opte-se por dispor de sanitários de uso coletivo, a separação por gênero se torna ainda mais importante, garantindo maior privacidade e segurança para as mulheres.

6.4. ÁREA DE CONVIVÊNCIA

A área comum caracteriza para os hostels a essência de sua existência, o principal local de encontro das diferentes pessoas, nacionalidades e culturas, o espaço físico no qual a troca de experiências e momentos de partilha tomam forma. É, assim, muito importante que estas áreas sejam capazes de unir todas as características necessárias para se tornarem espaços acolhedores, receptivos e seguros para todas as mulheres viajantes que optam por ali estar.

A importância desses espaços é reforçada pela obrigatoriedade legislativa da presença destes cômodos no interior de todos os hostels. O Art. 158 da Lei Complementar n. 60/2000 (antigo Código de Obras de Florianópolis), define que, em edificações destinadas a hostels, há a necessidade da existência de áreas de convivência e cozinhas comunitárias. Além disso, a Lei da Vigilância Sanitária, quando referindo-se a albergues destaca que o estabelecimento deve possuir área para recreação e lazer não-inferior a 10% da área edificada, sendo que pelo menos um quinto desta deve ser coberta, podendo o restante ser ao ar livre.

Frente a relevância desses ambientes, buscou-se, por meio do questionário, compreender quais características espaciais influenciam a percepção de segurança das mulheres quando ocupam os espaços das áreas de convivência. Para tal, foram disponibilizadas quatro imagens para que as participantes escolhessem os ambientes nos quais se sentiriam mais confortáveis e seguras, cada qual representando a área comum de um hostel e contendo conformações espaciais, níveis de iluminação e estilos arquitetônicos distintos. Abaixo encontram-se os quatro cômodos apresentados (Imagem 45):

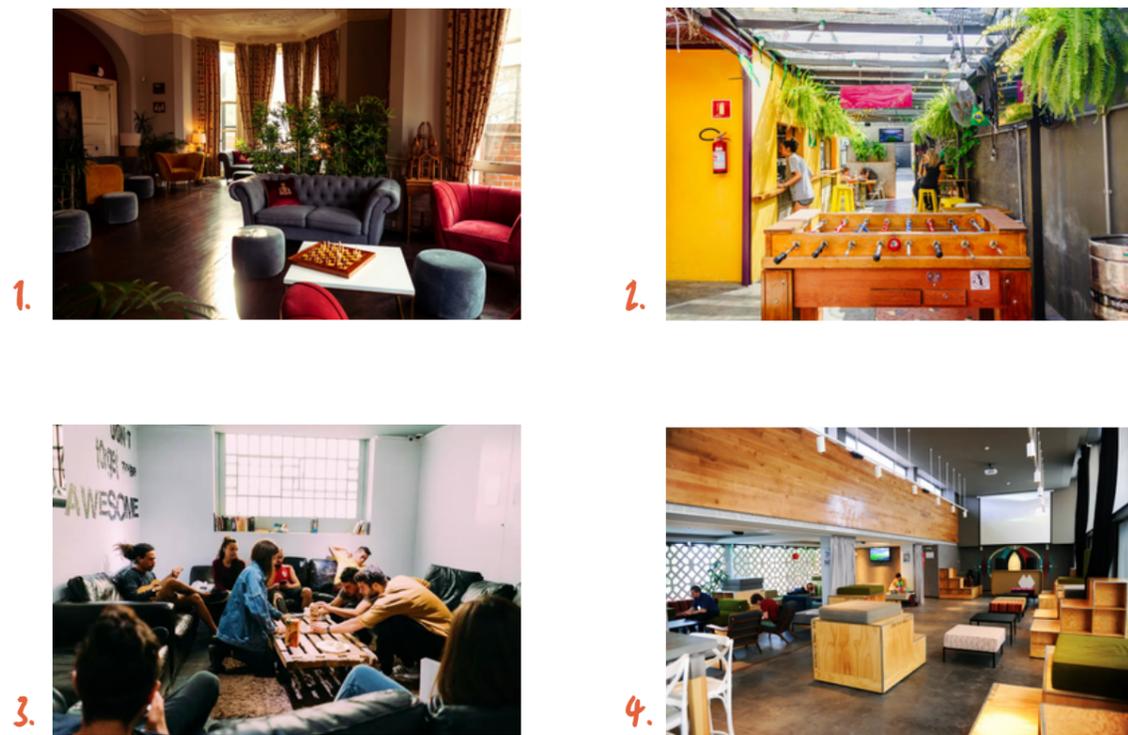


Imagem 45: Exemplos de áreas de convivência disponibilizadas no questionário
Fonte: HostelWorld

O ambiente no qual a maioria das mulheres afirmaram sentir-se mais confortáveis e seguras foi o ambiente quatro, com 70,5% dos votos, número muito superior às outras três opções. Caracterizaram o ambiente como leve, dinâmico e descontraído, bem arejado e iluminado, amplo, com boa visibilidade do espaço e com bastante gente transitando. A opção quatro destacou-se especialmente por possibilitar que, em um mesmo ambiente, de grande amplitude, planta livre e alta conexão visual, diferentes atividades sejam realizadas com distintos níveis de exposição social, permitindo desde a individualidade até a interação de grupos. A legibilidade do espaço, a ausência de pontos cegos e a setorização feita por meio do mobiliário também foram destacados como aspectos que transmitem maior segurança.

Com base nessas respostas, é possível tirar conclusões e diretrizes de aspectos que contribuem para a percepção de segurança nos espaços de convivência. O fator em comum apontado pelas mulheres em todos os quatro ambientes foi a boa visualização do todo. Seja em um ambiente pequeno como o três, ou amplo como o quatro, ver quem está ocupando o mesmo espaço contribui para uma maior percepção de segurança pois sabe-se que todos vêem todos, e que, mesmo sozinha, ainda faz parte do conjunto. A setorização espacial por meio do mobiliário, possibilitando a realização de diferentes atividades e o controle de privacidade dentro do espaço físico também foi destacado como um fator positivo, especialmente nos ambientes um e quatro. Além disso, luminosidade, amplitude e ventilação foram aspectos arquitetônicos destacados como positivos, especialmente nos ambientes dois e quatro.

Quando analisados os ambientes de estar dos hostels visitados, não foi possível observar um padrão que diferisse os hostels de cada amostragem. Dentre a amostragem dos hostels bem avaliados, o Hostel Azul e o Hostel Vermelho possuem suas áreas comuns integradas e com boa visibilidade geral. Ambos tiveram comentários acerca da boa sociabilidade presente nas áreas comuns, indicando que a conexão entre os diferentes cômodos contribui para a maior interação dos hóspedes. O Hostel Branco, por sua vez, possui as áreas comuns separadas e não visíveis da recepção.

A outra amostragem contou com um hostel no qual a cozinha e a área de estar se encontravam separadas e não visíveis umas das outras (Hostel Rosa), um hostel no qual a cozinha e área de estar eram integradas e com boa visibilidade geral, mas no qual a outra área comum, o coworking, encontrava-se afastada e não visível (Hostel Preto), e um hostel no qual as áreas comuns voltadas exclusivamente para os hóspedes se encontravam integradas, porém localizava no último pavimento e afastada dos demais usos. Neste último, foram observados relatos de insatisfação com a localização das mesmas, reforçando a importância da visibilidade e conectividade destas áreas com os demais ambientes do hostel.

Assim, com base nas duas análises práticas e nas pesquisas teóricas realizadas previamente, foram definidas algumas estratégias projetuais que contribuem para a segurança e para a percepção de segurança das mulheres nos espaços comuns dos hostels.

INTEGRAÇÃO ENTRE OS ESPAÇOS COMUNS

A integração entre os diferentes ambientes, como visto anteriormente, é de grande importância para a promoção da percepção de segurança para as mulheres. A utilização de plantas livres - nas quais não há separação dos cômodos por meio de paredes - resulta em uma integração visual entre os diferentes ambientes, a qual, como já destacado, é um dos principais fatores de influência na percepção de segurança das mulheres quando ocupando os diferentes locais do hostel.

Dessa forma, **recomenda-se que os ambientes de convivência - sala de estar, cozinha e refeitório - sejam integrados visualmente.** A Imagem 46 apresenta um esquema de uma possível conexão entre esses espaços, na qual o posicionamento e arranjo do mobiliário é responsável pela conformação espacial.

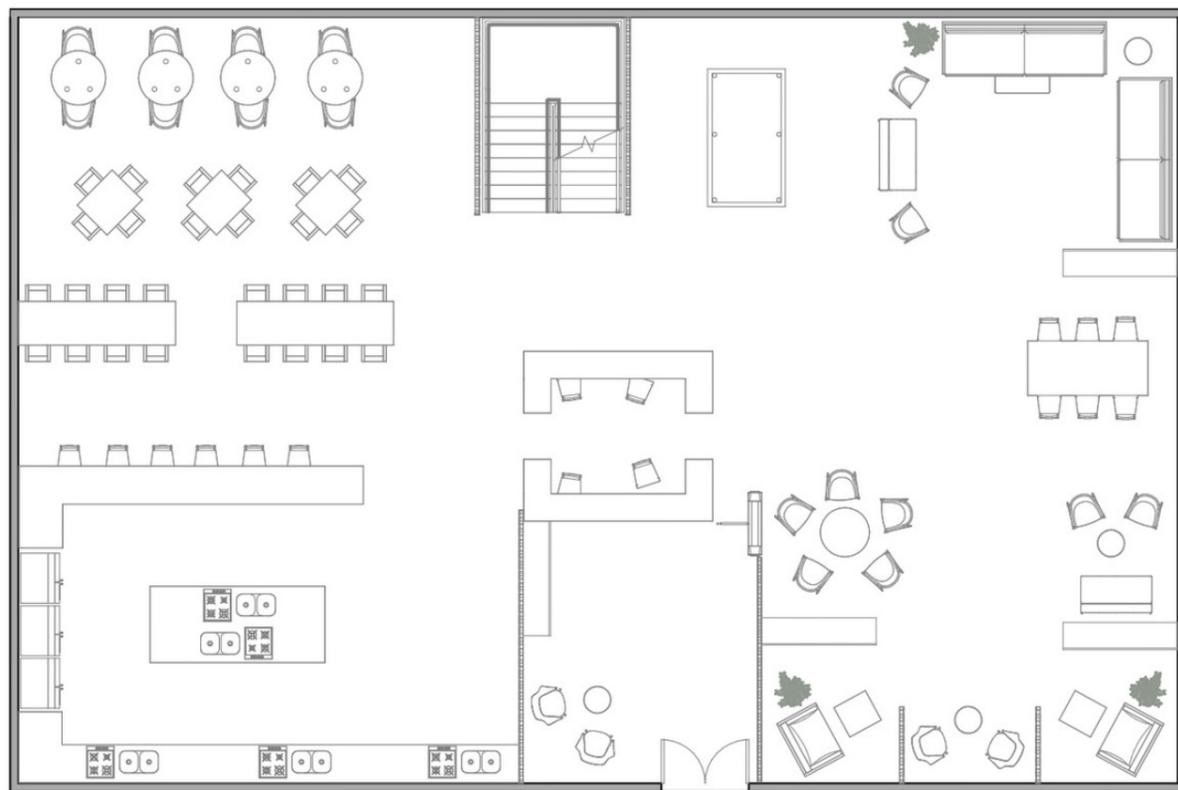


Imagem 46: Integração dos espaços comuns do hostel
Fonte: Autoral

SEGURANÇA X PRIVACIDADE

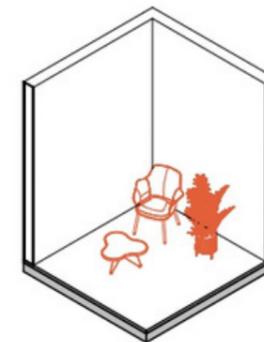
HIERARQUIA ESPACIAL

Frente ao paradoxo da segurança versus privacidade, vê-se importante que, dentro deste espaço comum integrado - no qual há alta visibilidade e do que se sucede ali - possibilitar que a viajante obtenha diferentes graus de privacidade.

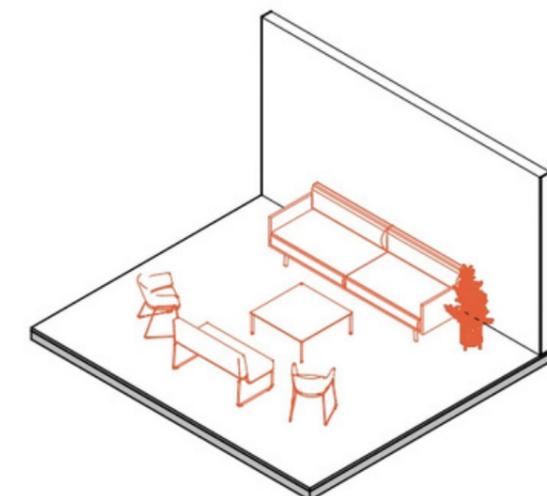
A privacidade, ou seja, o controle nos níveis de interação social que a pessoa deseja ter, é de suma importância para o bem-estar da viajante, possibilitando seu descanso, restauração física e mental e bem-estar, assim como evitando sensações de estresse e ansiedade, ou interações sociais indesejadas. Assim, para garantir que a mulher se sinta segura e confortável nos espaços comuns do hostel, é necessário que se crie a possibilidade dela eleger o grau de privacidade que deseja no interior desse espaço comum.

Visando atingir diferentes níveis de exposição social, a hierarquia espacial pode ser utilizada. Esta, como visto anteriormente, consiste na capacidade, dentro de um mesmo ambiente, de se obter diferentes graus de privacidade variando desde a solitude até o contato público. Essa hierarquia pode ser atingida por meio de diferentes estratégias, tais como:

1. Intencionalidade na disposição do mobiliário: as diferentes formas de disposição dos móveis no ambiente conformam diferentes espaços ou nichos de sociabilidade, os quais demonstram a intenção para qual foram projetados. A colocação de uma poltrona e mesa de centro de forma isolada demonstra, por exemplo, um nicho destinado a um alto grau de privacidade, no qual o indivíduo pode realizar atividades individuais, como ler ou usar o celular, sem participar das demais interações sociais que ocorrem no ambiente. Já um nicho conformado por sofás e poltronas voltados diretamente uns aos outros, indica um espaço com baixa privacidade, no qual a interação social é incentivada (Imagem 47).



Ambiente com maior grau de privacidade - destinado à uma pessoa



Ambiente com baixo grau de privacidade - destinado à interação de grupos

Imagem 47: Diferentes graus de privacidade influenciados pela disposição do mobiliário
Fonte: Autoral

1. **Dimensão dos espaços:** Além do número de pessoas ao qual o mobiliário se destina, o tamanho destes espaços indicam para quantos usuários ele foi pensando, como no exemplo da imagem 48, nos quais os espaços já apresentados dispõem de metragens quadradas distintas:

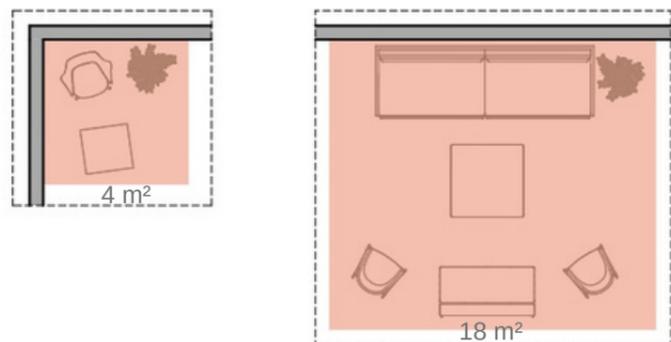


Imagem 48: Diferentes dimensões espaciais de acordo com os níveis de privacidade
Fonte: Autoral

3. **Localização:** A localização destes espaços no interior do ambiente comum influencia o grau de privacidade ao qual está submetido. Nichos espaciais conectados diretamente às principais circulações possuem um maior grau de exposição visual, sonora e física à outros indivíduos, facilitando que estes se juntem ao grupo e participem dos momentos de interação e troca. Posicionamentos mais afastados das circulações, próximos às paredes ou quinas do cômodo, ou em locais no qual existem barreiras físicas a serem ultrapassadas configuram espaços com um acesso mais restrito, nos quais há a necessidade da intencionalidade para atingi-lo, resultando em locais mais privativos e intimistas (Imagem 49).

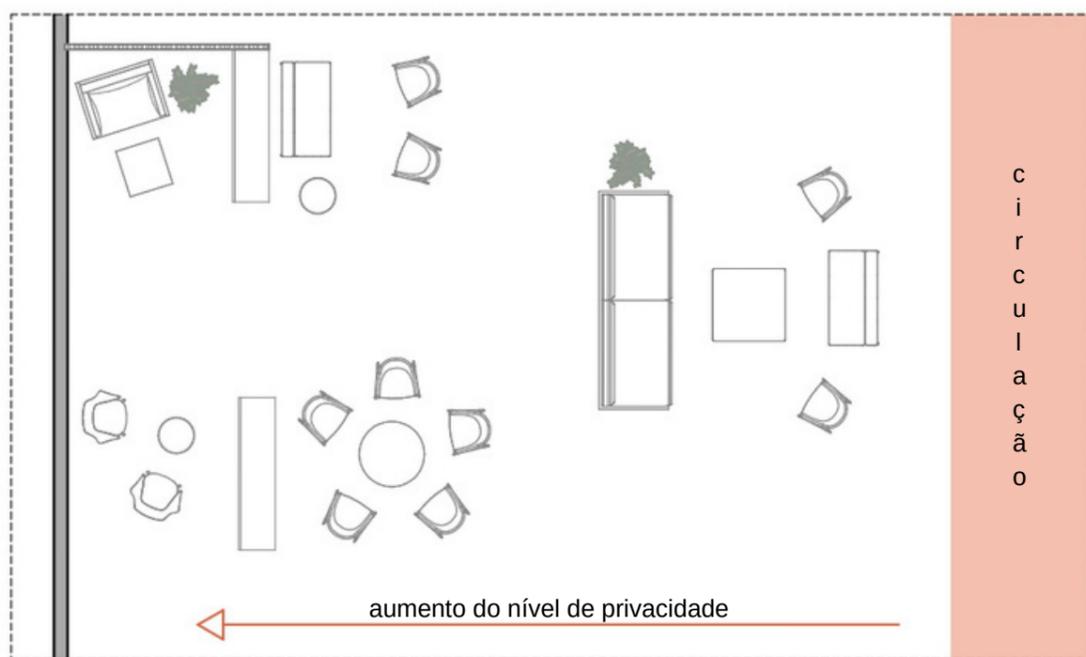


Imagem 49: Aumento do nível de privacidade através do distanciamento das circulações principais
Fonte: Autoral

NÍVEL DE EXPOSIÇÃO VISUAL

Além da hierarquia espacial, os **diferentes níveis de exposição visual** contribuem para a criação de espaços mais privativos. Como mencionado anteriormente, a utilização de elementos semipermeáveis visualmente, como painéis vazados ou ripados, paredes verdes, paredes de cobogó, divisórias em vime ou palha, etc., contribuem para a geração de maior privacidade no interior do ambiente, ao passo que ainda possibilita observar, em ambos os lados, o entorno e o que se passa ali, contribuindo assim para percepção de segurança e para a segurança física, moral e sexual da mulher (Imagem 50):

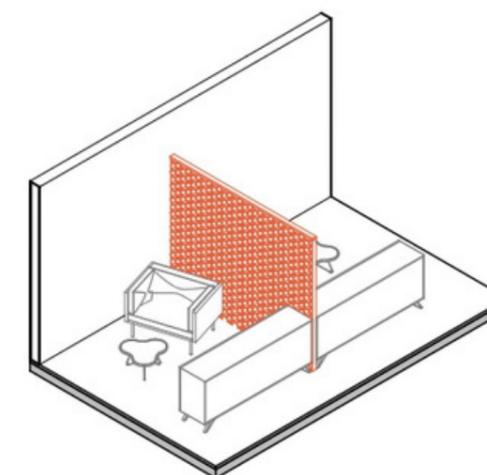


Imagem 50: Aplicação de painel visualmente semipermeável na separação de ambientes
Fonte: Autoral

SEPARAÇÃO DOS AMBIENTES DE ESTAR E PASSAGEM

Por fim, a **separação dos ambientes de estar e de passagem** contribui para o aumento da privacidade e para a maior percepção de segurança das mulheres, evitando situações incômodas, como a necessidade de transitar em meio a um grupo de homens enquanto sozinha.

DEMAIS ASPECTOS ARQUITETÔNICOS

Além destes, outros aspectos arquitetônicos já mencionados contribuem para a percepção de segurança nestes ambientes compartilhados. Dentre eles se destacam a **boa iluminação de todos os ambientes comuns**, de preferência de forma natural; a **conexão visual com o exterior** por meio das aberturas; a concepção de **forma arquitetônica simples**, que contribuam para uma boa visibilidade do todo; e o **posicionamento da recepção de modo que se tenha um controle visual do espaço**.

ESQUEMA DE APLICAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS

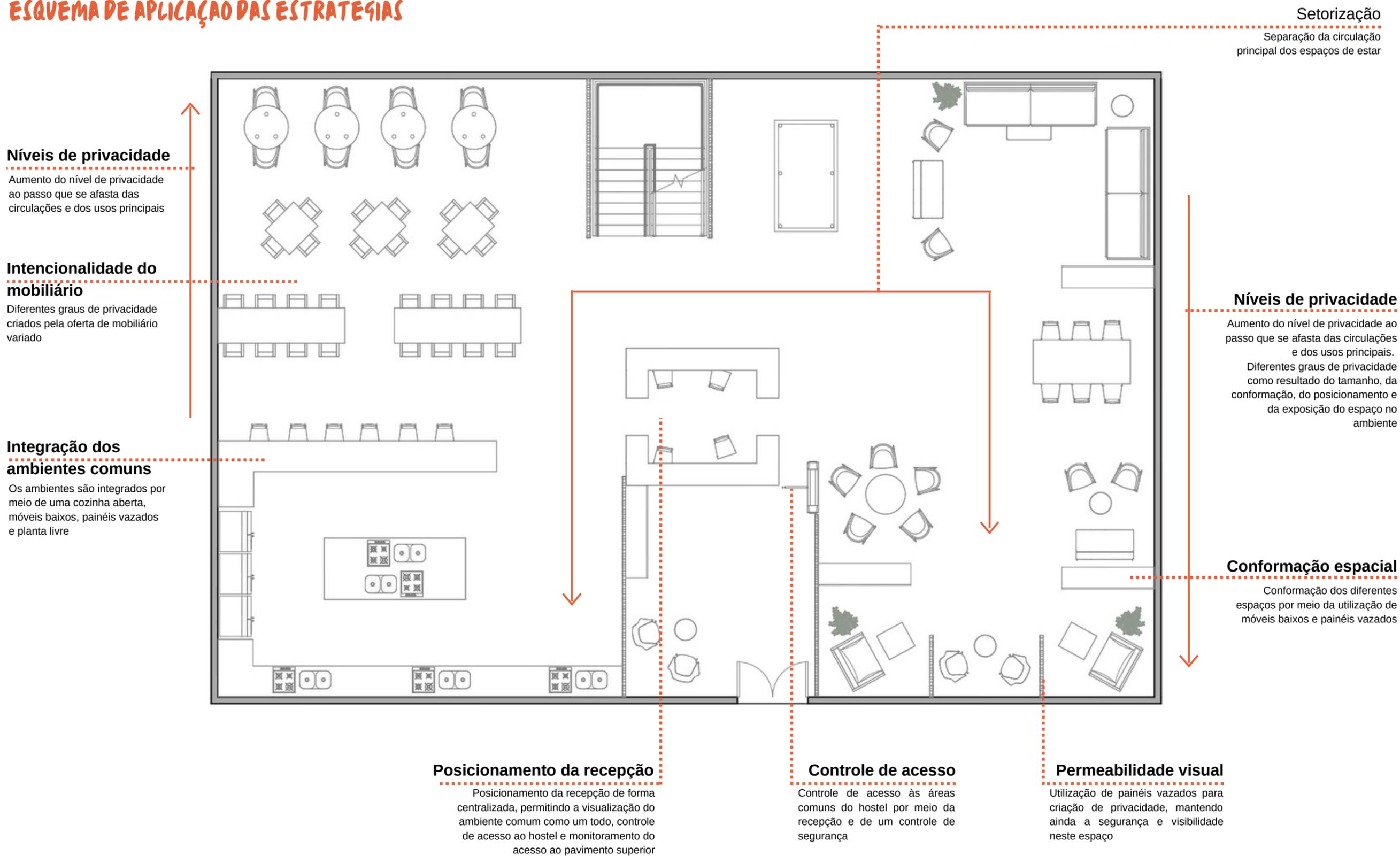


Imagem 51: Esquema de aplicação das estratégias
Fonte: Autoral

6.5. ESTRATÉGIAS PARA ALÉM DO PROJETO

No decorrer das análises investigativas percebeu-se que, além da arquitetura - a qual possui um papel de grande importância na promoção da segurança das mulheres nos hostels - outros aspectos, não projetuais, também apresentam influência nessa percepção de segurança das mulheres enquanto hospedadas nestes estabelecimentos. Foram pontos trazidos à tona pelas mulheres em ambas as pesquisas práticas, e que dizem respeito especialmente ao funcionamento e a administração do estabelecimento. Conseqüentemente, são estratégias que podem mais facilmente ser aplicadas em hostels já existentes, melhorando assim a percepção de segurança que as mulheres têm quando hospedadas no local.

A simpatia, receptividade e prestatividade dos funcionários apareceu como um dos pontos positivos mais destacados tanto no questionário quanto na análise dos comentários dos hostels visitados, reforçando a **importância da presença de um Hausvater**, termo alemão que, desde a criação dos hostels no início do século XX, define o indivíduo responsável pelo estabelecimento e com amplos conhecimentos locais, transmitindo-os aos viajantes. Ademais, ser bem recepcionada em um estabelecimento e saber que os profissionais do local são bem intencionados e capazes de auxiliar na resolução de seus problemas contribui para a percepção de segurança e para o aproveitamento da viagem como um todo. Nesta mesma linha, a **presença de uma mulher trabalhando na recepção** proporciona maior representatividade e tranquilidade para as hóspedes, fazendo com que se sintam mais à vontade para pedir ajuda caso necessário.

Uma **recepção 24hrs**, possibilitando a entrada e saída dos hóspedes em todos os períodos do dia, assim como o auxílio por parte dos funcionários caso necessário, também mostrou-se como um fator que contribui para a percepção de segurança das mulheres. A instalação de **câmeras de segurança** nos espaços comuns também foi destacada diversas vezes.

É recomendado também que o estabelecimento tenha **regras de convivência claras e bem comunicadas e sinalizadas pelo hostel**, deixando claro que assédios e importunações serão punidas contribuindo para a sensação de segurança. Alguns exemplos são a colocação de cartazes informativos pelo hostel ou disponibilização de códigos para que as mulheres solicitem ajuda na recepção caso necessário. Ações simples como essas podem contribuir para que a mulher se sinta amparada e acolhida, sabendo que aquele lugar respeita sua existência e seus limites.

A limpeza do ambiente também foi destacada como um fator de grande importância para as mulheres, sendo o segundo item mais votado quando perguntadas no questionário quais os itens mais importantes em um hostel e influenciando significativamente a nota dos hostels analisados. Um **ambiente bem cuidado e limpo** contribui para a percepção de que o espaço como um todo recebe a atenção devida, e que os responsáveis pelo estabelecimento se preocupam com o local e com a experiência de seus hóspedes. Além disso, um ambiente limpo contribui para que a estadia se torne muito mais agradável e para que a viajante sinta prazer em utilizar e permanecer naquele espaço.

07. CONSIDERAÇÕES FINAIS



A viagem, como uma experiência pessoal, apresenta forte influência no desenvolvimento dos indivíduos que se propõe a realizá-la, pois, ao se colocar em contato com novas culturas e modos de vida, suas visões e interpretações do mundo se alteram. As viagens solo funcionam como um catalisador ainda maior de mudanças pessoais, tornando necessário ao indivíduo enfrentar os desafios e adversidades sozinho, descobrindo nesse processo uma grande força e capacidade de superação, a qual, na presença dos familiares e amigos, nunca seria descoberta.

Nas últimas décadas, como consequência dos avanços sociais e da luta feminista, a mulher adquiriu maior independência financeira e emocional, de forma que vêm tomando cada vez mais espaço no mundo das viagens, e ano após ano, o número de viajantes mulheres vem aumentando cada vez mais, representando nos últimos anos a maior porcentagem dos viajantes. Ainda assim, fatores como o medo e a insegurança ainda impedem diversas mulheres de viajarem sozinhas.

Na sociedade patriarcal em que vivemos, a vulnerabilidade é ainda relacionada às mulheres, tornando-as mais propícias a situações de risco e conseqüentemente as colocando em maior contato com sensações de medo e insegurança. Junto a isso, a bagagem cultural carregada por cada uma altera as percepções acerca das situações, influenciando as formas de se relacionar com o ambiente e com os outros indivíduos. Diferentes características situacionais alteram os níveis de privacidade desejado pelas mulheres, alterando também seu espaço

pessoal e a distância mantida com as outras pessoas.

O hostel, sendo uma tipologia de hospedagem que preza pela troca e interação entre os usuários, dificulta que graus mais elevados de privacidade sejam atingidos no interior de seus estabelecimentos podendo levar a situações de desconforto e estresse. Sendo a mulher mais propícia a situações de risco e insegurança, especialmente quando sozinha em locais fechados junto a homens desconhecidos, o presente trabalho buscou compreender como seria possível, através de alterações arquitetônicas e de design, tornar os ambientes do hostel mais acolhedores e seguros para as mulheres viajantes.

Para tal, fez-se uso de duas metodologias de pesquisa, a aplicação de um questionário direcionado às mulheres, e a visitação/análise de seis hostels existentes na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, ambas as quais auxiliaram na compreensão da percepção de segurança das mulheres quando hospedadas em hostels. Dentre estas, percebeu-se a ferramenta do questionário como geradora de maiores conclusões, uma vez que através dela é possível obter respostas mais específicas acerca de temas que se deseja conhecer, chegando a resultados mais diretos. Por meio dela foi também possível obter uma conexão com as mulheres viajantes e compreender os maiores desafios encontrados por elas em suas viagens, assim como reforçar a importância de olharmos para essas mulheres e buscarmos encontrar soluções para que situações como as relatadas não voltem a ocorrer.

A análise dos comentários deixados pelas mulheres nas plataformas de reserva,

juntamente com a visitação e levantamento arquitetônico dos hostels existentes, colaborou para compreender melhor quais os aspectos espaciais que influenciam na percepção das mulheres acerca do espaço construído, auxiliando a elaboração das estratégias projetuais propostas. Dessa forma, percebeu-se que a utilização de duas estratégias de pesquisa distintas funcionaram de forma efetiva, uma contribuindo para a análise da outra, e trazendo pontos distintos para a discussão, possibilitando assim chegar a estratégias projetuais acerca de como aumentar a segurança das mulheres nos hostels.

Como resultado destas três frentes de pesquisa concluiu-se que a grande maioria das mulheres ainda se sente mais segura ficando em um dormitório feminino quando hospedadas em um hostel. Ainda assim, buscou-se propor estratégias projetuais que auxiliem na manutenção da segurança física, sexual, moral e material das mulheres quando optam por ocupar esses espaços compartilhados.

Estratégias que forneçam um equilíbrio entre a privacidade - necessária para a restauração física e emocional das viajantes, assim como para o controle dos níveis de exposição social desejados - e a segurança - obtida especialmente por meio da visibilidade - se mostraram efetivas. Para tal, localizações dos diferentes cômodos no interior dos hostels, elementos semipermeáveis e estratégias que possibilitem o controle ambiental e a flexibilidade do mobiliário foram propostas.

Chegou-se à conclusão de que o ambiente construído possui sim um impacto na experiência do usuário, seja este positivo ou

negativo. Enquanto que ambientes isolados, mal conectados, pouco iluminados e com dimensões incorretas podem resultar em percepções negativas por parte dos usuários, gerando sentimentos de medo e insegurança, ambientes bem dimensionados, bem conectados, que possibilitem uma visualização do todo e que permitam diferentes graus de privacidade contribuem para o bem estar dos indivíduos.

Compreende-se que a questão da desigualdade de gênero é um problema estrutural de nossa sociedade, e apresenta-se de diferentes formas e intensidades nas mais diversas culturas e localidades, de forma que esse trabalho não teve como objetivo se propor a solucionar esse problema e muito menos menosprezar ou descartar as estratégias já existentes para tornar o cotidiano da mulher mais tranquilo e seguro, mas sim, encontrar estratégias que possam ser aplicadas nos projetos de hostels visando torná-los mais seguros para as mulheres. Dessa forma, conclui-se que uma arquitetura sensível às necessidades e dificuldades enfrentadas pelas mulheres pode contribuir para tornar os espaços compartilhados dos hostels mais seguros e receptivos às viajantes, contribuindo para que cada vez mais se sintam motivadas a desbravar o mundo por conta própria.



REFERÊNCIAS



ACAYABA, Cíntia; SOARES, Will. Jornal Globo, G1. Um em cada 3 brasileiros culpa mulher em casos de estupro, diz Datafolha. 21 set. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/09/um-em-cada-3-brasileiros-culpa-vitima-em-casos-de-estupro-diz-datafolha.html>. Acesso em: 04 de agosto de 2022.

AKHMEDSHINA, F.. Violence against women: a form of discrimination and human rights violation. p. 13 - 23. 2020.

ASSIS, Elisa de. Heterossexualidade homoafetiva. 24 fev. 2021. Disponível em: <https://www.folhadoslago.com/colunistas/post/heterossexualidade-homoafetiva/1367/>. Acesso em: 05 de agosto de 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Edifícios Habitacionais de até 5 pavimentos - Desempenho Parte 1: Requisitos Gerais. Rio de Janeiro, 2010. ISBN 978-85-07-02382-1

BARROSO, Amanda. More than half of Americans say marriage is important but not essential to leading a fulfilling life. Pewresearch.org, 14 fev. 2020. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2020/02/14/more-than-half-of-americans-say-marriage-is-important-but-not-essential-to-leading-a-fulfilling-life/>. Acesso em: 16 dez. 2021.

BBC News Brasil. #ViajoSozinha: Como a morte de duas turistas argentinas levou a debate sobre assédio. bbc.com, 6 mar. 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160306_salasocial_assassinato_argentinas_ab. Acesso em: 31 jan. 2022.

CARVALHO, Gisele; BAPTISTA, Maria Manuel; COSTA, Carlos. Mulheres que viajam sozinhas: Reflexões sobre gênero e experiências turísticas. Revista Turismo e Desenvolvimento, Nº 23, p. 59 - 67, 2015.

ELSRUD, Torun. Taking Time and Making Journeys: Narratives on Self and the Other among Backpackers. Department of Sociology, Lund University. 2004.

EVANS, Gary W.; MCCOY, Janetta Mitchell. When buildings don't work: the role of architecture in human health. Artigo em Journal of Environmental Psychology, Nº 18, p. 85 - 94. Cornell University, Ithaca, U.S.A., 1998.

FLORIANÓPOLIS. Lei Complementar nº 60, de 11 de maio de 2000. Institui o Código de Obras e Edificações de Florianópolis e dá outras providências. Florianópolis: Câmara Municipal. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/lei-complementar/2000/6/60/lei-complementar-n-60-2000-institui-o-codigo-de-obras-e-edificacoes-de-florianopolis-e-da-outras-providencias>

FLORIANÓPOLIS. Decreto nº. 24.980, de 14 de março de 1985. Dispõe sobre habitação urbana e rural. Governo do estado de Santa Catarina [1985]. Disponível em: <http://server03.pge.sc.gov.br/LegislacaoEstadual/1985/024980-005-0-1985-000.htm>

FLORIANÓPOLIS. Lei Complementar nº 660, de 23 de abril de 2019. Altera a Lei Complementar nº 60, de 2000, e dá outras providências. Florianópolis: Câmara Municipal. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/lei-complementar/2019/66/660/lei-complementar-n-660-2019-altera-a-lei-complementar-n-60-de-2000-e-da-outras-providencias>

FOLHA DE SÃO PAULO. Jovem morta em Santa Catarina foi obrigada a cavar a própria cova, diz polícia. Folha de São Paulo, 04 dez. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/12/jovem-morta-em-santa-catarina-foi-obrigada-a-cavar-a-propria-cova-diz-policia.shtml> Acesso em: 31 jan. 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020. www.forumseguranca.org.br. Ano 14, 2020.

GOMES, Beatriz de Oliveira. Design Hostels: Uma experiência diferenciada e personalizada de hospedagem. Orientador: Prof.D.Sc. Ari da Silva Fonseca Filho. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Turismo) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, Rio de Janeiro, 2014. pg. 35-40.

GRUMAN, Marcelo. A UNESCO e as políticas culturais no Brasil. Políticas Culturais em Revista, 2 (1), p. 174-186, 2008.

HOSTELWORLD. About Us. Disponível em: <https://www.hostelworldgroup.com/about-us>. Acesso em: 30 de maio de 2022.

INSTITUTO LOCOMOTIVA, Pesquisa e estratégia; INSTITUTO Patrícia Galvão. Segurança das mulheres nos deslocamentos pela cidade: as mulheres e seus trajetos. 2021.

IQBAL, Faisal Bin. A women-only hostel where safety comes first. The Daily Star. 10 de Out, de 2020. Disponível em: <https://www.thedailystar.net/city/news/women-only-hostel-where-safety-comes-first-1975425> Acesso em: 03 de maio de 2020.

LESSA, Isabella. Didáticas, campanhas de carnaval combatem assédio: He for She da ONU mulheres, Skol e Governo do Rio veiculam propagandas contra a violência à mulher. meioemensagem.com.br, 07 fev. 2018. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/comunicacao/2018/02/07/didaticas-campanhas-de-carnaval-combatem-assedio.html>. Acesso em: 06 fev. 2022.

LOPES, Raíssa. Para movimentos feministas, 'Vagão Rosa' não é a solução para abusos. *Brasildefatomg.com.br*, 22 de Julho de 2016, 09:1427 nov. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefatomg.com.br/2016/07/22/para-movimentos-feministas-vagao-rosa-nao-e-a-solucao-para-abusos>. Acesso em: 30 jan. 2022.

MATHIAS, Amanda. Mulheres representam mais de 60% dos viajantes nos últimos três meses, aponta *ViajaNet*. *SEGS.com.br*, 26 nov. 2021, 09:53. Disponível em: <https://www.segs.com.br/mais/turismo-viagens/321334-mulheres-representam-mais-de-60-dos-viajantes-nos-ultimos-tres-meses-aponta-viajanet#:~:text=para%20o%20agro-,Mulheres%20representam%20mais%20de%2060%25%20dos%20viajantes,%C3%BAltimos%20tr%C3%AAs%20meses%2C%20aponta%20ViajaNet>. Acesso em: 16 dez. 2021.

MOSER, Gabriel. *Introdução à Psicologia Ambiental: pessoa e ambiente*. Campinas: Editora Alínea, 2018. p. 129-214. ISBN 978-85-7516-815-8.

NASCIMENTO, Lívia. Quem é a viajante brasileira? Pesquisa do Ministério do Turismo revela a intenção de viagens das turistas brasileiras e aponta que elas viajam mais sozinhas do que os homens. *Gov.br*, 08 mar. 2017, 15h51. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/ultimas-noticias/quem-e-a-viajante-brasileira>. Acesso em: 16 dez. 2021.

NOGUEIRA, Claudio. Mulheres são maioria entre os turistas que buscam passagens aéreas, revela pesquisa. *Extra.globo.com*, 13 ago. 2018, 14:25. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/viagem-e-turismo/mulheres-sao-maioria-entre-os-turistas-que-buscam-passagens-aereas-revela-pesquisa-22974058.html>. Acesso em: 16 dez. 2021.

PINHEIRO, Luana Simões; LIMA JUNIOR, Antonio Teixeira; FONTOURA, Natália de Oliveira; SILVA, Rosane da. Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014 Nº 24, P. 13, Brasília, março de 2016.

RABELO, Domingas Pereira; SANTOS, Kátia Costa dos; AOYAMA, Elisângela de Andrade. Incidência da violência contra a mulher e a lei do feminicídio. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*. p. 71-76. 2019.

REIS, Alana Martins. Mulheres e viagens: insegurança e medo?. Orientadora: Fábiana Trentin. 2016. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Turismo). – Faculdade de Turismo e Hotelaria, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

SALVATERRA, Floriano. Campanha NÃO é NÃO! : Conheça este Movimento que vai dar o que falar neste Carnaval e saiba como apoiá-lo! *SOCIEDADE & CULTURA*; 14 fev. 2019. Disponível em: <http://artecult.com/dani-freitas-campanha-nao-e-nao/>. Acesso em: 06 fev. 2022.

SILVA, Maurício. Uber feminino: conheça os melhores apps para motoristas e usuárias. 01 jul. 2021. Disponível em: <https://codificar.com.br/uber-feminino/#:~:text=Sobre%20a%20possibilidade%20de%20escolher,Android%2C%20iOS%20e%20Windows%20Phone>. Acesso em: 27 jan. 2022.

SOUZA, Thalita Candido de. Mulheres que viajam sozinhas: fatores restritivos. Trabalho de Iniciação Científica da Faculdade de Turismo Faculdade de Turismo e Hotelaria. Orientadora: Profª Dr.ª Eryl Maria de Carvalho e Silva. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2018.

UBER, Equipe. Compromisso da Uber com o combate da violência contra a mulher. 08 set. 2021. Disponível em: <https://www.uber.com/pt-BR/newsroom/compromisso-da-uber-com-o-combate-a-violencia-contra-a-mulher/>. Acesso em: 27 jan. 2022.

UBER, Equipe. "Elas na Direção": Programa da Uber voltado para mulheres passa a valer em todo o Brasil. 27 nov. 2020. Disponível em: <https://www.uber.com/pt-BR/newsroom/elas-na-direcao-programa-da-uber-voltado-para-mulheres-passa-a-valer-em-todo-o-brasil/>. Acesso em: 27 jan. 2022.

ULRICH, Roger S. Effects of Interior Design on wellness: Theory and recent scientific research. Artigo em *Journal of health care interior design: proceedings from the ... Annual National Symposium on Health Care Interior Design*. National Symposium on Health Care Interior Design (U.S.), fev. 1991.

TOURISM NORTHERN IRELAND. Guidance notes for hostel operators quality grading. Irlanda, 2016. Disponível em: <https://www.tourismni.com/globalassets/business-development/quality-and-standards/accommodation-quality-assurance/guidance--assessment-criteria/hostels/guidance-notes-for-hostels.pdf>

TOURISM NORTHERN IRELAND. Basic Guide to start a hostel accommodation business. Irlanda, 2016. Disponível em: <https://niopa.qub.ac.uk/bitstream/NIOPA/10167/1/start-up-guide---hostel-2019.pdf>

LOPES, Raíssa. Para movimentos feministas, 'Vagão Rosa' não é a solução para abusos. *Brasildefatomg.com.br*, 22 de Julho de 2016, 09:1427 nov. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefatomg.com.br/2016/07/22/para-movimentos-feministas-vagao-rosa-nao-e-a-solucao-para-abusos>. Acesso em: 30 jan. 2022.

MATHIAS, Amanda. Mulheres representam mais de 60% dos viajantes nos últimos três meses, aponta ViajaNet. *SEGS.com.br*, 26 nov. 2021, 09:53. Disponível em: <https://www.segs.com.br/mais/turismo-viagens/321334-mulheres-representam-mais-de-60-dos-viajantes-nos-ultimos-tres-meses-aponta-viajanet#:~:text=para%20o%20agro-,Mulheres%20representam%20mais%20de%2060%25%20dos%20viajantes,%C3%BAltimos%20tr%C3%AAs%20meses%2C%20aponta%20ViajaNet>. Acesso em: 16 dez. 2021.

MOSER, Gabriel. *Introdução à Psicologia Ambiental: pessoa e ambiente*. Campinas: Editora Alínea, 2018. p. 129-214. ISBN 978-85-7516-815-8.

NASCIMENTO, Lívia. Quem é a viajante brasileira? Pesquisa do Ministério do Turismo revela a intenção de viagens das turistas brasileiras e aponta que elas viajam mais sozinhas do que os homens. *Gov.br*, 08 mar. 2017, 15h51. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/ultimas-noticias/quem-e-a-viajante-brasileira>. Acesso em: 16 dez. 2021.

NOGUEIRA, Claudio. Mulheres são maioria entre os turistas que buscam passagens aéreas, revela pesquisa. *Extra.globo.com*, 13 ago. 2018, 14:25. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/viagem-e-turismo/mulheres-sao-maioria-entre-os-turistas-que-buscam-passagens-aereas-revela-pesquisa-22974058.html>. Acesso em: 16 dez. 2021.

PINHEIRO, Luana Simões; LIMA JUNIOR, Antonio Teixeira; FONTOURA, Natália de Oliveira; SILVA, Rosane da. Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014 Nº 24, P. 13, Brasília, março de 2016.

RABELO, Domingas Pereira; SANTOS, Kátia Costa dos; AOYAMA, Elisângela de Andrade. Incidência da violência contra a mulher e a lei do feminicídio. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*. p. 71-76. 2019.

REIS, Alana Martins. *Mulheres e viagens: insegurança e medo?*. Orientadora: Fábiana Trentin. 2016. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Turismo). – Faculdade de Turismo e Hotelaria, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

SALVATERRA, Floriano. Campanha NÃO é NÃO! : Conheça este Movimento que vai dar o que falar neste Carnaval e saiba como apoiá-lo! *SOCIEDADE & CULTURA*; 14 fev. 2019. Disponível em: <http://artecult.com/dani-freitas-campanha-nao-e-nao/>. Acesso em: 06 fev. 2022.

SILVA, Maurício. Uber feminino: conheça os melhores apps para motoristas e usuárias. 01 jul. 2021. Disponível em: <https://codificar.com.br/uber-feminino/#:~:text=Sobre%20a%20possibilidade%20de%20escolher,Android%2C%20iOS%20e%20Windows%20Phone>. Acesso em: 27 jan. 2022.

SOUZA, Thalita Candido de. *Mulheres que viajam sozinhas: fatores restritivos*. Trabalho de Iniciação Científica da Faculdade de Turismo Faculdade de Turismo e Hotelaria. Orientadora: Profª Dr.ª Eryl Maria de Carvalho e Silva. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2018.

UBER, Equipe. Compromisso da Uber com o combate da violência contra a mulher. 08 set. 2021. Disponível em: <https://www.uber.com/pt-BR/newsroom/compromisso-da-uber-com-o-combate-a-violencia-contra-a-mulher/>. Acesso em: 27 jan. 2022.

UBER, Equipe. "Elas na Direção": Programa da Uber voltado para mulheres passa a valer em todo o Brasil. 27 nov. 2020. Disponível em: <https://www.uber.com/pt-BR/newsroom/elas-na-direcao-programa-da-uber-voltado-para-mulheres-passa-a-valer-em-todo-o-brasil/>. Acesso em: 27 jan. 2022.

ULRICH, Roger S. Effects of Interior Design on wellness: Theory and recent scientific research. Artigo em *Journal of health care interior design: proceedings from the ... Annual National Symposium on Health Care Interior Design*. National Symposium on Health Care Interior Design (U.S.), fev. 1991.

TOURISM NORTHERN IRELAND. Guidance notes for hostel operators quality grading. Irlanda, 2016. Disponível em: <https://www.tourismni.com/globalassets/business-development/quality-and-standards/accommodation-quality-assurance/guidance--assessment-criteria/hostels/guidance-notes-for-hostels.pdf>

TOURISM NORTHERN IRELAND. Basic Guide to start a hostel accommodation business. Irlanda, 2016. Disponível em: <https://niopa.qub.ac.uk/bitstream/NIOPA/10167/1/start-up-guide---hostel-2019.pdf>